ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

FUNDAÇÃO CULTURAL BLUMENAU
TOMO XLII
Julho/Agosto 2002
NÚMEROS 7/8

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente
Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura
Vilarino Wolff

CULTURA EM MOVIMENTO editora

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História - edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"
ENDEREÇO
Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC
Fone/fax: (47) 326-6990
E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA
Passagens da Vida de Cecília Weege Lischke
Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

DIREÇÃO
Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL
Ivo Marcos Theis (Presidente)
Annemarie Fouquet Schünke,
Cezar Zillig, Cristina Ferreira,
Méri Frotscher
Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO
Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA
Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO
Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Apresentação 007

Documentos Originais – Artigos

Die Deutschen Kolonien in den Brasilianischen Distrikten Blumenau und Brusque, ist durch Senats Beschluss vom 11/897 bei den Mitgliedern des Senats in Umlauf gesetzt worden
As colônias alemãs nos distritos brasileiros de Blumenau e Brusque publicado por decisão dos membros do Senado 11/1897 009

Artigos

A Família, o Meio Rural e a Memória no Distrito de Bananal - atual município de Guaramirim/SC

Gerson Machado 032

Entrevistas

História de Vida - Cecília Weege Lischke

Maria Luiza Renaux Hering 050

Biografia

Relato de Minha Vida (final)

Gerold Konrad Gebler 094

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Crônicas do Cotidiano

Pobres Passarinhos

Urda Alice Klueger 119

Autores Catarinenses

Guido Vilmar Sassi/Apresentação de "BLUMENAU AÇU 3" / Antologia Poesia Brasileña"

Enéas Athanázio 121

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apresentação

Nesta edição a Revista Blumenau em Cadernos apresenta-se com uma diversidade temática, buscando trazer para o seu público questões da contemporaneidade e de interesse da sociedade regional. Desse modo, oferece ao leitor um feixe abrangente e diversificado de temas que merecem a atenção e reflexão de pesquisadores e da sociedade em geral.

Alimentando esta tradição de estar sempre renovando seus significados, os artigos reunidos neste número, focalizam realidades rurais e urbanas que estimulam um repensar de abordagens numa complexa gama de relações e práticas cotidianas variadas.

O artigo que abre a revista, na sessão ***Documentos Originais,*** trata de uma documentação vinda dos arquivos alemães para o acervo da Fundação Cultural de Blumenau, setor Arquivo Histórico, através do Projeto Resgate da Memória, durante as comemorações do Sesquicentenário de Blumenau, sob os auspícios do Instituto Blumenau 150 Anos. Trata-se de um relatório enviado pela Embaixada do Império Alemão, datado de 1897 e endereçado ao Chanceler Imperial. No relato assinado por von Greul, o mesmo descreve a sua viagem aos distritos de Blumenau e Brusque. Na oportunidade, focalizou o processo colonizador e as condições sócio-econômicas e culturais destas áreas no final do século XIX.

Um outro tema contido na revista Blumenau em Cadernos é o artigo de autoria do pesquisador Gerson Machado que aborda a ***Família, o Meio Rural e a Memória no distrito de Bananal – atual município de Guaramirim/SC.*** O texto volta-se para a vida dos agricultores, as suas relações familiares e o seu papel no que diz respeito às identidades étnicas. Para desenvolver o trabalho o autor deu destaque às fontes orais. As reflexões expostas no texto fazem parte da pesquisa inserida na tese de mestrado ***Linha, Espaço e Sociabilidades***, realizada junto ao curso de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná.

Com a sessão **Entrevistas** publicamos o depoimento de Cecília Weege Lischke, entrevista realizada em dois de dezembro de 1988 pela professora e pesquisadora Dra. Maria Luiza Renaux. Cecília Weege Lischke foi uma mulher

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que esteve à frente do seu tempo e participou ativamente do processo de desenvolvimento econômico de Blumenau. A sua têmpera de mulher arrojada e tino empresarial, suas vivências, relações com a família, amizades, vida social e outros fatos de sua história de vida são verdadeiros testemunhos de uma época e aportes para o pesquisador e o leitor refletirem. A sua fala vem confirmar a participação da força e a importância do trabalho feminino ao longo da história regional. A entrevista faz parte do projeto "A Mulher no Vale do Itajaí", os originais da transcrição e depoimento em K7 estão disponíveis no acervo do CEMOP - Centro de Memória Oral e Pesquisa, do Curso de História - FURB.

A escritora e historiadora Urda Alice Klueger buscou descrever na sessão **Crônicas do Cotidiano** as lembranças das caçadas aos passarinhos. No mundo da gurizada do seu tempo, estas significavam verdadeiras aventuras, o que hoje é considerado um crime ecológico. A autora, ao relembrar, tece considerações sobre o tema.

Com o tema **Biografias** publica-se a parte final da autobiografia de Gerold Konrad Gebler. Ao escrevê-la, o autor deixou fluir os múltiplos significados de suas experiências e sentimentos.

Numa perspectiva mais abrangente, Enéas Athanázio escreve na coluna **Autores Catarinenses** sobre os últimos lançamentos ocorridos no Estado catarinense e noticia o falecimento do escritor catarinense Guido Wilmar Sassi.

Sueli Petry
Direção

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

- As colônias alemãs nos distritos brasileiros de Blumenau e Brusque, publicado por decisão dos membros do Senado 11/1897.

Transcrição II 16837/97

Embaixada do Império Alemão - 1897
Petrópolis,18 de junho de 1897.

Na segunda quinzena do mês passado visitei os distritos coloniais de Blumenau e Brusque situados em Santa Catarina, os quais oferecem um campo interessante para análise sobre o desenvolvimento, êxito e perspectivas de colônias alemãs planejadas no sul do Brasil.

Os primeiros imigrantes alemães já vieram em 1887 para aquela região, e foram instalados às margens do rio Itajaí, em terras da atual povoação de Gaspar. Os ancestrais desses pioneiros se espalharam e, a maioria dos atuais habitantes de Gaspar é brasileira, porém, as duas maiores casas comerciais encontram-se em poder de alemães. O início de Blumenau retrocede aos anos 1848-50.

Naquela época o Dr. Hermann Blumenau, ainda residente em Brunswick, adquiriu grandes extensões de terra na parte superior do Itajaí e iniciou a colonização, que em 1851 contava com apenas 25 imigrantes. Onde agora se elevam construções magníficas no centro de Blumenau, em 1852 foram derrubados os primeiros troncos da mata densa, considerado o ano de fundação da atual Colônia. Brusque, situado às margens do assim denominado Itajaí-

Tradução e transcrição do manuscrito: Curt Hoeltgebaum
Revisão: Anemmarie Fouquet Schünck

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Die Deutschen Kolonien in den Brasilianischen Distrikten Blumenau und Brusque, ist durch Senats Beschluss vom 11/897 bei den Mitgliedern des Senats in Umlauf gesetzt worden.

Nach Abschrift II 16837/97

Kaiserreich Deutsche Gesandschaft
Petrópolis, den 18 Juni 1897.

Die in Santa Catharina gelegenen Koloniedistrikte von Blumenau und Brusque, welche ich in der zweiten Hälfte des vorigen Monats besuchte, bieten ein interessantes Feld der Beobachtung über die Entwiklung, die Erfolge und die Aussichten einer planmässigen deutschen Kolonisation Süd Brasiliens.

Die ersten deutschen Einwanderer kamen schon 1887 in jene Gegend und wurden am Itajahy Fluss auf den Ländereien der heutigen Ortschaft Gaspar angesiedelt. Die Vorfahren dieser Pionire haben sich zerstreut, die gegenwärtigen Bewohner von Gaspar sind grösstenteils Brasilianer, doch befinden sich die beiden grössten Geschäftshäuser in besistze von Deutschen. Die Anfänge von Blumenau reichen in die Jahre 1848-50 zurück. Damals erwarb der noch in Braunschweig lebende Dr. Hermann Blumenau zu Kolonisationszwecken grössere Ländercomplexe am oberen Laufe des Itajahy und begann mit den Ansiedlenrn, deren Zahl im Jahre 1851 nur 25 Imigranten betrug. Da, wo jetzt der Stadtplatz von Blumenau mit seinen stattlichen Gebäuden sich erstreckt, wurden 1852 die ersten Bäume des dichten Urwaldes gefällt, so das jenes Jahr als das eigentliche Gründungsjahr der Kolonie betrachtet wird. Brusque, am sogenannten kleinen Itajahy gelegen, wurde 1860 durch den damaligen Presidenten der Provinz Santa Catharina gegründet und mit 54 Ansiedlern, meist aus dem badischen Unterland bevölkert, zu denen einige Jahre später holzsteinische Kolonisten hinzukamen. Jetzt zählt Brusque ungefähr 15000, Blumenau 42000 Einwohner. Das Eingangsthor für diese beiden Koloniedistrikte bildet die von der Mündung des Itajahy an das Meer gelegene Hafenstadt des gleichen Namens, dessen Bedeutung von fortschreitender Entwiklung des Hinterlandes abhängig ist. Die Bevölkerung der Statd hat sich im letzten Jahre verdoppeld und soll sich gegenwärtig auf etwa 4000 Personen stellen, darunter mindestens 500 deutsche welche den Ein- und Ausfuhrhandel beherschen und auch in der Industrie die erste Rolle spielen.

Vor Allem ist eine mit den neuesten deutschen Maschinen ausgerüstete Cigarrekisten Fabrik hervorgehend, welche das aus den Wäldern im Inneren bezogene Cederholz bearbeitet und die fertigen Kisten nach Bahia für die dort hergestellten Cigarren liefert. Itajahy wird von Hamburg aus mit direkten

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Mirim, fundado em 1860 pelo então Presidente da Província de Santa Catarina com apenas 54 colonos, sendo a maioria originária da planície de Baden, e aos quais alguns anos mais tarde se juntaram colonos de Holzstein.

Agora Brusque conta aproximadamente com 15.000 e Blumenau com 42.000 habitantes. O portal de entrada para estes dois distritos coloniais é o estuário do Itajaí, na cidade portuária do mesmo nome, a qual depende do desenvolvimento do interior. A população desta cidade duplicou nos últimos anos contando com 4000 pessoas, das quais no mínimo 500 são alemães e monopolizam o comércio de importação e exportação, bem como o ramo industrial.

Lá existe uma fábrica equipada com maquinário novo e moderno, importado da Alemanha, que produz caixas de madeira para charutos, utilizando cedro procedente das florestas do interior. As caixas prontas são enviadas para as fábricas de charutos da Bahia.

Em Itajaí atracam navios a vapor alemães, vindos direto de Hamburgo, o que é importante para reativar a imigração alemã nas Colônias Blumenau e Brusque A barra, situada na entrada do porto, outrora considerada um grande empecilho para a navegação, agora pode ser transposta sem perigo por navios com até 13 pés de calado.

Por ocasião da minha visita para Itajaí encontrei três escolas particulares alemãs, freqüentadas por crianças brasileiras e italianas, sendo preferidas às instituições estatais, embora estas fossem gratuitas. A comunidade evangélica alemã construiu há poucos anos uma bonita capela e, na igreja católica atua um sacerdote austríaco. A influência alemã prevalece na vida comunitária.

A Sociedade de Atiradores Teuto-Brasileira, que me proporcionou uma recepção festiva, possui próximo à cidade, uma sede com cancha de bolão e pista de dança e, em breve será ajardinada, tornando-se um centro de encontros familiares dominicais ao estilo alemão.

Enquanto esta cidade portuária era habitada exclusivamente por brasileiros, isto antes do assentamento alemão no interior, o imi-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

deutschen Dampfern angelaufen, was für die erhoffte Wiederaufnahme einer Deutschen Einwanderung in die Koloniedistrikte von Blumenau und Brusque von Wichtigkeit ist.

Die vor der Einfahrt liegende Barre, welche früher als ein bedeutliches Hinderniss für die Schiffahrt angesehen wurde, kann gegenwärtig von Schiffen bis zu 13 Fuss Tiefgang ohne Gefahr geführt werden.

Ich fand bei meinen diesmaligen Besuch von Itajahy drei Deutsche Privatschulen vor, die auch von brasilianischen und italienischen Kindern besucht und den Staatsanstalten vorgezogen werden, trotzdem in den letzteren der Unterricht unentgeltlich ertheilt wird. Die Deutsch- Evangelische Gemeinde daselbst hat sich vor einigen Jahren eine recht hübsche Kapelle erbaut und an der katholischen Stadtkirche fungiert ein Deutscher oesterreichischer Geistlicher. Auf ein Vereinsleben macht sich deutscher Einfluss geltend.

Der deutsch-brasilianische Schützverein, welche mir einen festlichen Empfang bereitete, besitzt in der Nähe der Stadt ein Schützenhaus mit Kegelbahn und Tanzboden, welches demnächst mit Gartenanlagen umgeben und dadurch ein Mittelpunkt sonntäglicher Familien Geselligkeit nach Deutscher Art werden soll.

Während so in dieser Hafenstadt, welche vor der Entstehung deutscher Niederlassungen im Hinterland ausschliesslich von brasilianern bewohnt war, das deutsche Element in wirtschaftlicher, geistiger und geselliger Beziehung immer mehr Boden gewinnt, bieten die Kolonien selbst und vor allem Blumenau, dem Besucher den Anblick eines so unverfälschten deutsches Lebens, das der die brasilianische Umgebung vergisst und in der Heimat zu sein glaubt.

Für die wirtschaftliche Entwicklung von Blumenau ist die gute Wasserverbindung mit der See durch den Itajahy Fluss von grosser Wichtigkeit. Derselbe wird von kleinen Flussdampfern befahren, die einen Tiefgang von 5-6 Fuss haben und die etwa 80 Kilometer Flussauf betragende Entfernung von dem Hafen Itajahy bis zum Stadtplatz Blumenau in 6-7 Stunden zurücklegen. Auf der letzten Strecke dieser Fahrt erreicht dieser theilweise noch von bewäldeten Bergen eingefasste Fluss mittlere Breite von 5-600 Fuss. In seinen oberen Laufe hört die Schiffbarkeit auf in Folge einer fast ununterbrochenen Reihe von Wasserfällen und Stromschnellen. Den Mittelpunkt der Kolonie bildet der sogenannte Stadtplatz um welchen sich die öffentlichen Gebäude, Schulen, Kirchen und eine Reihe ansehenlicher Kaufhäuser und zertstreut liegende Wohnhäuser gruppieren. Eine eingentliche Stadt oder Ortschaft mit geschlossenen Strassenreihen ist noch nicht entstanden und wäre von dem Begründer der Kolonie, Dr. Blumenau auch nicht in Aussicht genommen, der vielmehr in erster Linie die Ansiedlung von Kolonisten auf grösseren Grundstücken in den Flussthälern erstrebte.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

grante foi ganhando cada vez mais espaço no que diz respeito a empreendimentos, atividade espiritual e comunitária. Estas colônias proporcionam ao visitante, especialmente Blumenau, a impressão de vida alemã inalterada como se estivesse em sua pátria, esquecendo que se encontra no Brasil.

Para o desenvolvimento econômico de Blumenau, a conexão fluvial através do rio Itajaí é de grande importância. Pequenos navios a vapor com 5-6 pés de calado trafegam numa extensão aproximada de 80 quilômetros, distância percorrida em 6-7 horas, desde o porto de Itajaí até o centro de Blumenau. Na parte final deste trajeto, entre elevações parcialmente cobertas por mata densa, o rio alcança em média 500-600 pés de largura. A parte superior do rio não é navegável devido às inúmeras e sucessivas corredeiras e quedas d'água. O ponto central da Colônia é o *Stadtplatz* (centro urbano), agrupando edificações públicas, escolas, igrejas, casas comerciais importantes e residências. Ainda não existe uma cidade com ruas planejadas, pois isto não era o propósito do fundador da Colônia. Dr. Blumenau, cuja prioridade era o assentamento de agricultores em áreas maiores ao longo dos vales. De um modo geral, este extenso local de colonização prosperou mais, se for comparado ao sistema adotado na vizinha Colônia Dona Francisca, onde surgiu e floresceu a cidade de Joinville e que se mantém alemã até hoje. O cultivo de grandes extensões de terra, em oposição ao assentamento planejado de colonos na mata virgem, havia sido negligenciado. A maior produtividade das terras e o clima mais favorável para os imigrantes alemães contribuíram para que a Colônia Blumenau tomasse a dianteira na disputa com Dona Francisca.

Outra vantagem de Blumenau é a extensa rede de boas estradas e caminhos de montaria ao longo do Itajaí, bem como nos vales secundários habitados por colonos. A extensão de estradas trafegáveis soma 2500 km. Em minhas incursões pelos distritos de Blumenau e Brusque percorri aproximadamente 300 km de carroça e pude constatar pessoalmente que estas estradas rurais não macadamizadas e possuem valas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dieser extensive Ort der Kolonisation hat sich in Allgemeinen besser bewährt, als das bei der benachbarten Kolonie Dona Francisca befolgte System, wo zuvor das blühende und bis heute Deutschgebliebene Städchen Joinville enstand. Die Kultivierung weiterer Landesstrecken dagegen durch ein planmässiges Niedersetzen der Ansiedler in die Urwadlsgebiete etwas vernachlässig ist. Die grössere Fruchtbarkeit des Landes und das für deutsche Einwanderer günstigeres Klima von Blumenau haben dazu beigetragen dass diese Kolonie dem Wettstreit mit Dona Francisca einen Vorsprung genommen zu haben scheint.

Ein weiterer Vorteil von Blumenau hängt in dem Vorhandensein eines ausgedehnten Netzes von guten Fahrstrassen und Reitwegen, die sowohl am Itajahy entlang als in die verschiedenen, von Kolonisten besetzten Nebenthäler führen. Die Gesammtlänge der fahrbaren Strassen wird auf 2500 Km. angegeben. Ich habe auf meinen verschiedenen Ausflügen in den Distrikten von Blumenau und Brusque ungefähr 300 Km per Wagen zurückgelegt und auch dabei aus eigene Anschauung überzeugen können, das die nach Art unserer Landstrassen angelegten nicht makadamisierten Wege mit Seitengräben eben so wie die zahlosen Brücken und Kanäle sich in sehr gutem Zustande befinden. Besser wie in irgend einen mir bekannten theile Brasiliens. Bei nachaltenden Regenwetter sollen die Wege in Folge des lehmigen Bodens allerdings schnell aufweichen und grundlos werden, so dass dann ähnliche Zustände eintreten, wie auf den sogenannten Koloniewegen von Rio Grande do Sul, wo die Reiter mit ihren Pferden stecken bleiben und 16 Ochsen und mehr dazu gehören, um die Lastwagen von der Stelle zu bringen. Die Staattsregierung von Santa Catharina, und insbesondere der gegenwärtige wichtige Gouverneur Hercilio Luz haben in letzter Zeit für Strassenbauten erhebliche Summen bewilligt, deren zwecksmässige und gewissenhafte Anwendung durch die deutschen Mitglieder der Munizipalität von Blumenau überwacht wird. Zur Zeit wird an einer grossen Strasse gearbeitet, welche die Koloniedistrikte mit dem Wiesen und Naturwälder der Hochebenen des Innern verbinden soll. Die Länge dieser von Blumenau bis Campos Novos geplanten Strasse wird 311 Km betragen, und der höchste Punkt, den sie zu überschreiten hat, liegt 1040 Meter über dem Meerspiegel. Ich befuhr den fertigen Theil, der bis zu einer Höhe von 460 m. ansteigt, in Gemeinschaft mit dem Gouverneur, wohbei ich Gelegenheit hatte, sein lebhaftes Interesse an der Fortführung derselben wahrzunehmen, die allerdings mit noch sehr grossen, über die gegenwärtige finanzielle Leistungsfähigkeit des Staates Santa Catharina hinausgehenden Kosten verknüpft sein wird.

Eine andere wichtige Verbindung Blumenau's, an welchen die Arbeiten seit Jahren in Gange sind ist diejenige mit Joinville. Die Entfernung zwischen diese beiden deutschen Kolonien in Santa Catharina beträgt ungefähr 122 Km. Wie mir der Gouverneur sagte, fehlen an der Vollendung der Fahrstrasse im Blumenau

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

laterais. Também as inúmeras pontes e bueiros estavam em boas condições, melhores que em qualquer outra parte que conheço no Brasil. No entanto, em períodos prolongados de chuva o solo argiloso amolece rapidamente, transformando-se em atoleiros, surgindo situações parecidas como nas estradas do interior do Rio Grande do Sul, onde os cavaleiros atolam com seus cavalos e, para retirar um carro de transporte do atoleiro são necessários 16 bois. O governo Estadual de Santa Catarina, na pessoa do atual Governador Hercílio Luz, aprovou nos últimos tempos verbas consideráveis para construção de estradas, cuja aplicação está sendo supervisionada pelos membros da municipalidade de Blumenau.

Atualmente estão construindo uma estrada que ligará os distritos coloniais com os campos e florestas virgens do planalto. O trajeto entre Blumenau e Campos Novos é de 311 km e, a parte mais alta a ser transposta é de 1040m acima do nível do mar. Percorri a parte já concluída até uma altitude de 460 m em companhia do governador e tive a oportunidade de constatar seu interesse na conclusão da mesma, apesar das dificuldades financeiras do Estado de Santa Catarina.

Outra ligação importante para Blumenau é a estrada para Joinville, em construção há vários anos. A distância entre estas duas colônias alemãs em Santa Catarina é de aproximadamente 122 km. O governador comentou que ainda faltam 5 km para sua conclusão no distrito de Blumenau.

No entanto, as rodovias já existentes são suficientes para o colono alemão transportar sua produção até a cidade, conseguindo aumentar o preço da mercadoria. Entre os produtos armazenados para exportação estão: manteiga, banha, feijão, farinha, peles, ovos, charutos, açúcar e aguardente. Uma avaliação comparativa sobre o aumento da exportação dos 10 últimos anos está na tabela anexa (pg. 29).

O desenvolvimento industrial até agora permaneceu limitado. No distrito Blumenau existem aproximadamente 200 engenhos de açúcar, embora bastante primitivos, produzem aguardente (cachaça) com

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Distrikt noch 5 Km.

Immerhin genügen die schon vorhandenen Verkehrswege in den bis jetzt unter Kultur gennomenen Gebieten um den Deutschen Ansiedlern eine verhältnissmässig leichte Beförderung ihrer landwirtschaftlichen Erzeugnisse an die zur Weiterverpflichtung geneigneten Stapelplätze zu ermöglichen und dann noch den Preiss der Produkte zu steigern. Unter den zur Ausfuhr gelagerten Artikeln sind hervorzuheben Butter, Schmalz, Bohnen, Mehl, Häute, Eier, Cigarren, Zucker und Brantwein. Eine vergleichende Uebersicht über die Zunahme de Ausfuhr der letzten 10 Jahre enthüllt die in der Anlage beigefügte Tabelle.

Die Industrielle Entwickelung ist bisher eine beschränkte geblieben. Von den sehr primitiven Zuckermühlen in welchen das Zuckerrohr durch Gährkröge, Kessel, Hefe, und Kühlwasser zu Branntwein (cachaça) verarbeitet wird, gibt das freilich nach Ausweiss der Steuerbücher allein in Distrikt Blumenau 200, ferner sind dort 12 Bierbrauereien, 43 Sägemühlen, 52 Mehlmühlen für Mais und 29 Ziegeleien vorhanden, die jedoch alle nicht über die Verhältnisse einer Hausindustrie bezw. des Kleinbetriebes hinausgehen. In etwas grösseren Masstabe angelegt und mit modernen Maschinen ausgestattet waren zwei von mir besuchte Baumwollen Spinereien und Webereien zur Herstellung von Bettdrellen, Hemden und Hosenzeug und ähnlichen Artikeln für den Bedarf innerhalb des Koloniegebietes.

Es bedarf kaum der Erwähnung, das alle diese industriellen Etablissements in Deutschen Händen sind. Auch Handwerk und Kleingewerbe, welche sonst in Brasilien vielfach durch Portugisiesen und Italienern monopolisiert wurden, sind hier fast ausnahmslos den Deutschen verblieben. Grössere deutsche Kaufleute welche sich mit den Einfuhrhandel und dem Ankauf der Kolonieprodukte beschäftigen, gibt es am Stadtplatz von Blumenau und in Brusque. Dieselben besitzen häufig Filialen in den kleineren dorfartigen Ortschaften, wie Badenfurt, nach der Besiedelung mit Kolonisten aus Baden gennant - Pomerode, Warnow und Neisse.

Das Gross und den Kern der deutschen Bevölkerung bilden jedoch noch die Ackerbauer, das heisst die auf zerstreuten Gehöfen, deren Umfang durchschnittlich 100 Preussiche Morgen beträgt, lebenden kleinen Grundbesitzer. Die von dem schweitzerischen Reisenden von Tschudi im Jahre 1861 gewählte Bezeichnung von Blumenau als die "bestorganisierte Ackerbau Kolonie Brasiliens" erscheint auch heute noch zutreffend.

Diese Kleinbauern, die heute als unabhängige Leute auf eigenen Grund und Boden wirtschaften, haben mit nichts angefangen und waren in Deutschland Tagelöhner, Knechte oder sonstige Gutsangehörige. Als die besten und erfolgreichsten Ackerbaukolonisten gelten hier wie überall in Südbrasilien. die aus Pommern und die Holzsteiner.

In dem Thal des Rio do Testo, welcher bei Badenfurt in den

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

auxílio de tinas para fermentação, alambique e tanques de refrigeração com água corrente, isto de acordo com os registros, além de: 12 cervejarias, 43 serrarias; 52 atafonas e 29 olarias, sendo considerados empreendimentos familiares e de pequeno porte. Visitei duas fiações e tecelagens de algodão equipadas com maquinário moderno, que fabricam roupas de cama e camisas para abastecer o interior da Colônia.

Mencionar que tais empreendimentos estão em mãos de alemães é quase desnecessário. Ofícios, pequenas indústrias normalmente monopolizados por portugueses e italianos, estão em poder de alemães. Em Blumenau e Brusque encontram-se comerciantes alemães de maior porte, que compram e exportam produtos coloniais. Estes geralmente possuem inúmeras filiais nas pequenas localidades do interior como: Badenfurt, colonizado por imigrantes de Baden, Pomerode, Warnow e Neisse.

A importância e o cerne da povoação alemã são formados pela agricultura, ou seja, o pequeno proprietário, que em média é dono de 100 *Morgen* prussianos (medida agrária da época). A manifestação do viajante suíço von Tschudi, em 1861, qualificando Blumenau como "a colônia agrícola mais bem organizada no sul do Brasil" ainda se aplica hoje. Estes pequenos agricultores, outrora simples diaristas ou empregados na Pomerânia, hoje lavram sua própria terra e são independentes. Os melhores e mais bem sucedidos lavradores, aqui e em todo sul do Brasil, são os Pomeranos e "Holzsteiner".

No vale do rio do Texto, o qual desemboca no Itajaí em Badenfurt, vivem no mínimo 5.000 pessoas originárias da Pomerânia, assim como nos vizinhos vales do Salto e Itoupava. Ao longo de muitas milhas, existe uma sucessão de propriedades, que se destacam pelas casas de enxaimel, cercadas por jardins, pastagens com gado e terras cultivadas. Não há muita preocupação com edificações rurais e estábulos, isto porque o gado permanece ao relento mesmo durante os meses de inverno. Porém, os colonos abastados estão substituindo os antigos cercados feitos com travessões de madeira, pelas cercas de arame farpado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Itajahyfluss mündet leben fast ausschliesslich Pommern in einer Anzahl von heute mindestens 5000 Köpfen, dasgleiche in den benachbahrten Salto und Itoupava Thälern. Die vielen Meilen hindurch sind in ununterbrochener Folge aneinanderreihenden Besitzungen derselben und zeichnen sich durch freundliche, von Gärten umgebene Steinhäuser, mit Fachwerk, guten Viehstand, fette Weiden und sorgfältig angebaute Felder aus. Auf die Herrichtung von Wirtschaftsgebäuden und Stallungen wird kein grosser Werth gelegt, da das Vieh selbst während der Wintermonate im freien übernachtet, dagegen wird zur Einzäunung der Felder, statt der früher üblichen Holzgatter von den wohlhabenen Kolonisten jetzt vielfach Stachelzaundraht verwendet.

Von Angehörigen sonstigen deutschen Volkstämmen trifft man am häufigsten Rheinläder, Sachsen, Oldenburger aus Birkenfeld und Badenser. Letztere sind als Ackerbauer weniger geschätzt, insofern ihnen angeblich die zähe Arbeitskraft der Auswanderer der Norddeutschen Bauern fehlt. Versuche, die mit diesen Ansiedlern gemacht wurden, haben keine sonderlichen Erfolge erzielt. Uebrigenz gehörten viele der aus Baden eingewanderten Ansiedler in ihrer Heimat der bauerlichen Bevölkerung an, es sollten sich unter den nächsten Ankömmlingen in der Kolonie Brusque sogar sehr bedeutliche Elemente befunden haben, die den Zuchthäusern in Baden entstammten und zur Auswanderung nach Brasilien, begnädigt waren. Im Grossen und Ganzen ist aber der Deutsche Kolonist auch hier dem aller anderen Nationalitäten überlegen. Die neuerdings in der Nähe von Blumenau und Brusque angelegten und zahlreiche bevölkerten italienischen Ansiedlungen, wie Nova Trento und Nova Venezia, können sich trotz des Fleisses und der Genügsamkeit der Bewohner in keiner Hinsicht mit den Deutschen Koloniedistrikten messen. Auch die häufig anzutreffenden Deutsch- und Welschtiroler stehen durchschnittlich an individueller Tüchtigkeit und Brauchbarkeit dem deutschen Bauer nach und bringen es nur selten zu gleichen Wohlstand.

Bei einer Beurtheilung der wirthschaftlichen Lage der Deutschen Kolonisten in den hier besprochenen Gegenden ist immer deren festzuhalten, dass, wie es in der Natur der Verhältnisse liegt, der landwirtschaftliche Kleinbetrib, auch in Brasilien, keine Reichthümer abwerfen kann. Ein mächtiger, behäbiger Wohlstand der bei enscheidenen Ansprüchen ein sorgenfreies Dasein ermöglicht, ist alles, was der bäuerrische Ansiedler erreicht, und auch dies nur durch angestrengte Arbeit nach schweren Anfangsjahren und unter mancherlei Entbehrungen. Grössere Kapitalien erworben verhältnismässig wenige, der Mehrzahl muss ein schuldenfreies Anwesen mit dem dazu gehörigen Vieh und einen Sparpfennig für Missernten und sonstige Unglücksfälle genügen. Dagegen ist eigentliche Armuth fast vollständig unbekannt und vergleichen wir dem Los der landwirtschaflichen Arbeiter in vielen Gegenden Deutschlands erscheint den hiesigen Kolonisten ihre unabhängige Lage

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Entre as etnias germânicas encontram-se Saxões, "Oldenburger de Birkenfeld" e "Badenser". Estes últimos parecem menos aptos para a agricultura. Parece faltar-lhes a resistência dos imigrantes do norte da Alemanha. Assentamentos feitos com os mesmos não deram bons resultados, apesar de muitos imigrantes vindos de Baden pertencerem à classe rural. Entre os imigrantes que vieram para a Colônia de Brusque havia elementos oriundos das penitenciárias de Baden, indultados com a condição de emigrarem para o Brasil. De qualquer forma o colono alemão supera os de qualquer outra nacionalidade. As recém criadas povoações italianas nas proximidades de Blumenau e Brusque, como Nova Trento e Nova Veneza, apesar da sua dedicação e esforço, não podem comparar-se com os distritos coloniais alemães. Tanto os tiroleses alemães, quanto os tiroleses italianos, de um modo geral, perdem para o colono alemão quanto à dedicação e à capacidade, e dificilmente alcançam a mesma prosperidade.

Uma apreciação crítica da situação econômica do colono alemão nesta região demonstra, que também no Brasil como em qualquer lugar, nenhuma pequena propriedade gera riqueza. Uma boa situação, garantindo certa tranqüilidade é tudo que o colono alcança após penosos anos de trabalho. É privilégio de poucos juntar um grande capital, a maioria precisa se contentar com sua propriedade, isenta de dívidas, além de uma pequena economia para eventuais perdas de colheitas e demais imprevistos. Por outro lado, a pobreza é totalmente desconhecida, se comparada à sorte do trabalhador rural em muitas regiões da Alemanha, por isso a situação independente do colono daqui é invejável.

Apesar da tranqüilidade, ouvi abertamente algumas reclamações dos pomeranos sobre o clima quente, a infertilidade do solo em certos lugares, o preço baixo de seus produtos, além de sua dependência dos pequenos comerciantes, das chamadas vendas.

Tudo isto tem a ver com a prática de empréstimo e troca de mercadorias. O colono não recebe dinheiro pelos seus produtos porque

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

und gesicherte Lebenstellung beneidenswerth.

Neben den unseren stetshaften Vorstellungen einer allgemeinen Zufriedenheit mit ihrem Schicksal habe ich freilich auch selbst unter den Pommern, vereinzelte Klagen gehört, die sich theils auf das zu heisse Sommerklima und die stellenweis ungenügende Fruchtbarkeit des Landes, theils auf schlechte Preise für ihre Produkte und auf die Abhängigkeit von den kleineren kaufmänischen Geschäftsführern den sogenannten "Venden" beziehen.

Letzteres hängt mit dem sehr ausgebreiteten Borgsystem und dem eingebürgerten Tauschhandel zusammen, insofern den Kolonist für seine Produkte von der selbst an Geldknappheit leidenden "Vendeiros" in der Regel kein baares Geld, sondern Waren erhält, die er nur für sich und seine Familie braucht. Bei den heutigen Preischwankungen ist dies für beide Theile ein gewagtes Geschäft, doch haben sich die Versuche einiger Kapitalkräftigen Firmen, nur gegen bar zu verkaufen, gegenüber der allgemein geübten Praxis des Tauschens und Borgens bisher nicht als durchführbar erwiesen. Hinzugeführt werden muss noch, das auch die von den dortigen Kolonisten gelieferten Produkte sich nicht immer durch ihre Qualität auszeichnen.

Einen besonders schlechten Ruf auf den Markten von Rio und São Paulo hat Blumenauer Butter, die ich an Ort und Stelle in frischen Zustande sehr wohlschmäckend fand, die aber vermutlich wegen ungenügender Zubereitung und Verpackung jede Haltbarkeit zu entbehren scheint. Auch die sonstigen Fettwaren (Schmalz und Speck) und die Cigarren, welche in Blumenau verfertigt werden, sind nur von untergewärteter Güte - eine Folge des Kleinbetriebs. Trotzdem ist der Gesamtwerth des Ausfuhrhandels ein bedeutender und mit geringen Schwankungen jährlich steigender, er übertrifft erheblich die Ziffern der Exporte, welche aus den Deutschen Kolonialdistrikten von Dona Francisca kommen.

Neben diesen wirtschaftlichen Faktoren ist es für die gedeihliche Entwickelung von Blumenau von besonderen Werth gewesen, dass sich die Kolonisation daselbst von Anfang an unter Leitung und Mitwirkung gebildeter Männer aus Deutschland vollzogen hat, die es verstanden, sowohl die ankommenden Einwanderer auf den vorhandenen Ländereien in kompakten Massen zusammenzuhalten als auf den brasilianischen Befördern gegenüber ein gutes Verhältniss herzustellen. Der Gründer der Kolonie, Dr. Blumenau, empfing reichliche Zuschüsse und Darlehen von der Brasilianische Regierung und wusste es, nachdem die Niederlassung im Jahre 1860 in die Verwaltung der Regierung übergegangen und somit Staats Kolonie geworden war, durchzusetzen, dass er als Direktor die faktische Leitung behielt. Als dann 20 Jahre später die Kolonie "emanzipiert", das heisst aus der unmittelbaren Staatsaufsicht entlassen und unter Selbstverwaltung gestellt wurde, behaupteten sich die deutschen stets an der Spitze der

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o vendeiro também tem pouco dinheiro; assim, como forma pagamento, ele recebe mercadoria para o uso de sua família. Esta é uma prática arriscada para os dois lados, devido à atual oscilação de preços. Algumas empresas com poder de capital tentaram vender somente à vista, em oposição à prática de empréstimo e troca, mas não tiveram êxito. Acrescente-se que os produtos fornecidos pelo colono nem sempre são de boa qualidade.

Particularmente a manteiga blumenauense tem má reputação nos mercados do Rio e São Paulo, a qual provei fresca no local e achei saborosa, mas, provavelmente devido à manipulação e forma de embalagem perde sua qualidade. Também a banha, toucinho e os charutos produzidos por pequenos fabricantes em Blumenau são de qualidade inferior, conseqüência do pequeno empreendimento. Mesmo assim, de maneira geral o comércio de exportação é importante e cresce anualmente, superando consideravelmente o valor das exportações do distrito colonial de Dona Francisca.

Paralelo a estes fatores econômicos, o desenvolvimento de Blumenau se deve à participação de homens instruídos da Alemanha, presentes na liderança da colonização desde seu início e, que conseguiram manter unidos a massa de imigrantes nas terras disponíveis, assim como manter um bom relacionamento com os protetores brasileiros. O fundador da Colônia, Dr. Blumenau, recebeu subsídios e empréstimos do Governo brasileiro e soube administrá-los muito bem, mesmo depois de passá-la para o Governo Imperial em 1860, conseguiu permanecer no cargo de diretor da Colônia para dar continuidade à mesma. Vinte anos mais tarde com a emancipação da Colônia, o que significa sair da tutela do Estado para subsistir com recursos próprios, os alemães permaneceram à frente na Câmara Municipal e no Conselho Comunitário, para que os assuntos de interesse local permanecessem dentro da ordem e do estilo alemão. A vantagem desta condição é plausível para quem conheceu o novo regime republicano brasileiro recém instituído.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Munizipalkammer und des Gemeinderathes, sodass die lokalen Angelegenheiten nach ihrem Willen mit deutscher Ordnungsliebe und Gewissenhaftigkeit geregelt werden konnten. Die Vortheile dieses Zustandes sind jedem einleuchtend, der das Brasilianische Beamtemthum nämentlich unter den neuen republikanischen Regime, kennen gelernt hat.

Schwieriger gestalteten sich die Verhältnisse in Brusque, das von Anfang an Staatkolonie war, eine mit Nordamerikanern, Irländern und Italienische gemischte Bevölkerung erfüllt und die Misswirtschaft untauglicher und habsüchtiger Direktoren über sich ergehen lassen musste. Doch ist es auch hier der inneren Züchtigkeit und zähen Beharrlichkeit des deutschens Staates gelungen, das Uebergewicht über die gefährlichen Elemente zu erlangen und auf diese Weise den Fortschritt hochzutreiben, so das heute bei der Munizipalverwaltung von Brusque gleichfalls der deusche Einfluss dominiert. Besonders herzlich sind die Beziehungen, welche zwischen den schon genannten zeitigen Gouverneur von Santa Catharina, Dr. Hercilio Luz, und der deutschen Bevölkerung von Blumenau bestehen. Letztere hat bei den Wahlen einmündig für ihn gestimmt, nachdem sie sich schon früher in den lokalen politischen Parteikämpfen auf seine Seite gestellt hatte. In Folge dessen hält sich der Gouverneur mit Vorliebe in Blumenau auf, besitzt durch in der Person eines angesehenen Mitgliedes der deutschen Kolonie einen politischen Vertrauensmann, und pflegt auch für die Materiellen Interessen des Gemeindebezirkes in freigiebiger Weise zu sorgen. Speziellerweise erhielt Blumenau kürzlich aus einer Anleihe von 2000 Contos (= M. 1 333 000), welche die Bundesregierung dem Staate Santa Catharina gewährt hatte, den hohen Betrag von 600 Contos für die erwähnte Gebirgstrasse auf die Hochebene und für eine Brücke über den Itajahy, eine Bevorzugung, die in andern wenigen reichlich bedachten Munizipien scharf kritisiert wurde.

Die deutschfreundliche Gesinnung des Gouverneurs, welche übrigens nicht allein politischen Rücksichten sondern auch seinem Verständniss für die Leistungen der deutschen Kolonisation in Südbrasilien entspringt, bleibt natürlich nicht ohne günstige Rückwirkung auf die Haltung der sonstigen brasilianischen Behörden, die mit den Kolonisten in Berührung, kommen. Dies kann sich bei einen Wechsel der Regierung ändern, doch bringen die Tüchtigkeit und und geschäftliche Gewandtheit der augenblicklich an der Spitze der deuschen Kolonie stehenden Persöhnlichkeiten dafür, dass dem dortigen Deutschthum der ihm gebührende Einfluss auch in Zukunft nicht leicht verkümmert werden kann.

Mit dieser Erkenntniss mag es zusammenhängen, dass das nationale Selbstbewusstsein der in Blumenau und Brusque lebenden Deutschen durchschnittlich stärker ausgeprägt ist, als ich es in andern Koloniedistrikten Südrasiliens gefunden habe. Dasselbe äussert sich nicht in einer verletzenden

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para Brusque foi mais difícil, porque começou como Colônia estatal, com uma população mista formada por norte-americanos, irlandeses e italianos, administrada por diretores gananciosos e incompetentes. Também aqui, com criatividade e tenacidade do Estado alemão foi possível manter vantagem sobre os elementos nocivos a fim de impulsionar o desenvolvimento e prevalecer a influência alemã na administração municipal. O relacionamento entre o governador de Santa Catarina, Dr. Hercílio Luz, e a população de Blumenau é excepcionalmente cordial. Nas últimas eleições ele foi apoiado por unanimidade, após disputas políticas locais. Por conseqüência, o governador prefere hospedar-se em Blumenau, onde possui respeitável pessoa de confiança como porta-voz, favorecendo o distrito de maneira generosa, quanto aos interesses materiais. De modo distinto, Blumenau recebeu recentemente a quantia de 600 Contos, vindos de um empréstimo de 2.000 Contos de Reis do Governo Imperial ao Estado de Santa Catarina, para a construção da estrada em direção ao planalto e construção de uma ponte sobre o rio Itajaí, fato criticado por outros municípios menos favorecidos.

A simpatia do governador pelos alemães não é só política, mas também pela sua compreensão quanto ao desempenho das colônias alemãs no sul do Brasil, que por sua repercussão favorável reflete junto a outras autoridades brasileiras, que têm contato com os colonos. Isto pode mudar com a troca de governantes, porém, personalidades hábeis à frente da colônia alemã são a garantia para que no futuro o germanismo não sofra restrições.

A estes fatores parece estar relacionado o fato da consciência nacional dos alemães residentes em Blumenau e Brusque ser mais expressiva do que em outros distritos coloniais encontrados no sul do Brasil. O mesmo não se evidencia em relação aos cidadãos brasileiros, mas no surgimento aberto e seguro de uma posição conquistada e adquirida pela realização pessoal. Ao teuto-brasileiro nem ocorre o pensamento em ofender o brasileiro por causa de seu hábito alemão, sua

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ueberhebung im Verkehr mit ihren brasilianischen Mitbürgern, sondern in dem einzigen und sicheren Auftreten, welches dem Gefühl einer durch eigenen Leistungen erworbenen und verdientermassen anerkannten Stellung entspringt. Der Gedanke, durch Verkehrung der deutschen Eigenart und dem Deutschen Sitten bei den brasilianern anzustossen, kommt den dortigen Deutsch-Brasilianern garnicht, weil sie sich als gleichberechtigt fühlen und ohne weiteres voraussetzen, dass niemand ihnen die schuldige Achtung versagen wird.

In Uebrigen wirken für die Erhaltung des Deutschthums in Sprache und Gesinnung auch hier als wichtigste Faktoren die deutsche Kirche, die Deutsche Schule und die deutschen Vereine.

In Blumenau überwiegen in Zahl die Protestanten, in Brusque die Katholiken. Die evangelischen Gemeinden sind meist an die Preussische Landeskirche angeschlossen und werden von dem Oberkirchenrath in Berlin mit Geistlichen versorgt. Die innere Lebenskraft des protestantischen Bekenntnisses inmiten einer katolischen Umgebung offenbard sich durch diese segensreiche Thätigkeit in der Diaspora, deren aufmerksame Pflege sich auch ferner der Fürsorge seitens der kirchlichen Behörden und Vereine in Deutschland empfiehlt, dem je höheren Ziele sich die Kirche steckt, je mehr wird sie erreichen und je seltener wird sie auch ihre zerstreuten Mitglieder und Angehörigen an sich und ihre Lehre Ketten. Ueberall in den Dörfern der Koloniedistrikte sieht man schmücke, oft sehr geräumige Gotteshäuser, daran Verschönerung mit den früher durch die Landesgesetzgebung für alle Altkatholiken verpönten Thürmen und Glockenspielen ein Stolz der Gemeinden geworden ist. In Brusque ist vor einigen Jahren eine neue stattliche protestantische Kirche erbaut, welche als Hauptzierde ein für die Kirche von der Hochseligen Königin Elisabeth von Preussen gestiftetes Altarbild enthält. Wie mir der Pfarrer erzählte soll der Kirchenbesuch in den protestantischen Gemeinden überall ein sehr reger sein. Die Seelsorge für die deutschen Katholiken in Santa Catharina ruht gegenwärtig hauptsächlich in den Händen deutscher Franziskanermönche, welche vom Stadtplatz von Blumenau eine grosse, vorzüglich eingerichtete Erziehungsanstalt besitzen und auch als Lehrer thätig sind. Die Leistungen dieser, meist aus Westpfahlen und den Rheinländern stammenden und gut deutsch gesinnten Mönche, von denen mir viele aus ihrer früheren Wirksamkeit in Bahia und Petrópolis persönlich bekannt sind, müssen als hervorragend bezeichnet werden, doch liegt es in der Natur der römischen Hierarchie, dass jede Ordensthätigkeit nicht einer einzelnen Nationalität, sondern der Gesammtheit der Gläubigen zu Gute kommen soll. Aus diesem Grunde fehlt den Bestrebungen unserer katolischen Geistlichkeit der nationale Zug, welcher dem wirken der Deutschen evangelischen Pfarrer im Auslande eigen und für die Erhaltung und Ausbreitung des Deutschthums so werthvoll ist.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

maneira de ser, e suas relações, pois ele se sente em pé de igualdade e, sem dúvida, presume que ninguém lhe faltará com o respeito.

No mais, também aqui existem fatores importantes para conservação do germanismo, da língua e mentalidade como: a igreja, a escola e as sociedades alemães.

Em Blumenau prevalecem em número os protestantes, e em Brusque os católicos. A comunidade evangélica normalmente está ligada à igreja nacional prussiana e é suprida com ministros pelo Conselho Superior da Igreja de Berlim. A força interior da confissão protestante numa região católica, manifesta-se pela atividade abençoada na Diáspora, cujo tratamento atencioso e cuidadoso é recomendado por parte das autoridades eclesiásticas e comunidades da Alemanha, pois quanto maiores os objetivos, tanto mais pode ser conquistado e, assim não há necessidade de acorrentar a si e a seus ensinamentos os membros filiados e dispersos.

Em todas as povoações dos distritos coloniais encontram-se freqüentemente igrejas espaçosas com ornamentos, torres e sinos, realização e orgulho das comunidades, outrora proibidas por Lei Governamental para antigos católicos. Em Brusque foi construída há poucos anos uma nova e imponente igreja protestante, cujo ornamento principal é um retábulo doado pela rainha Elisabeth da Prússia. O pastor comentou comigo que a freqüência nas igrejas protestantes em todos os lugares é assídua. A assistência espiritual para os alemães católicos em Santa Catarina está nas mãos de padres franciscanos alemães, que possuem uma excelente escola em Blumenau, onde também atuam como professores. O bom desempenho destes padres, de pensamento bem alemão, oriundos da Renânia e Westfália, entre os quais conheço alguns pessoalmente de suas atividades na Bahia e Petrópolis, são merecedores de distinção e, de acordo com a natureza da hierarquia romana, nenhuma atividade pode ficar restrita a uma única nacionalidade, mas, deve ser abrangente para todos os fiéis. Por este motivo falta ao clero católico esta inclinação para o nacionalismo dos pastores protestantes ale-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Deutsche Privat- und Gemeindeschulen gibt es im Munizip von Blumenau eine grosse Anzahl, deren Leistungen jedoch wegen des mangelhaften Lehrerpersonals meistens ungenügend sind und mit unter dem Niveau der Dorfschulen in Deutschland bleiben. Die Unterrichtssprache ist überall ausschliesslich die deutsche, das portugiesische wird häufig weder von den Lehren noch von den Kindern verstanden, und für die letzteren, die in Brasilien geboren sind, und dort bleiben, ein Nachteil sein dürfte, dem man kaum von jedem, der an den Rechten und Pflichten eines Staatsbürgers theilnehmen will, verlangen, dass er auch die Landesprache kennt. Aus diesem Grunde wird in den besseren Deutschen Schulen, eine solche am Stadtplatz von Blumenau und in Brusque bestehen, mit recht Wert darauf gelegt, dass die Kinder auch das portugiesiche fertig und korrekt sprechen.

Die Deutsche Gesinnung leidet darunter nicht. Regierungsschulen sind in diesen deutschen Koloniedistrikten nur drei vorhanden, in denen der Unterricht bisher gleichfalls deutsch ertheilt wird, doch ist selbstverständlich die Erlehrung der portugiesischer Sprache obligatorisch. Die nur mit Hïlfe aus der Heimath zu ermöglichende Hinaussendung von seminaristisch gebildeten deutschen Lehrern ist ein dringendes Bedürfniss, denn nur durch eine von Grund aus deutsche Erziehung kann die in den Kolonien heranwachsende Generation dem Deutschthum erhalten bleiben. Solange sich der Deutsche dem Brasilianern gegenüber, der auf gründlichen Schuluntericht wenig Gewicht legt, als gar der Gebildetere fühlt, wird er der Gefahr einer Absorbierung durch die fremde Nationalität wiederstehen. Ich glaube daher, dass eine Hinaus- sendung von Lehren weit wichtiger ist als die Anstellung von Konsule, welche den Reichstag kürzlich in einer Resolution für die deutschen Auswanderungsgebiete empfohlen hat.

Das Deutsche Vereinsleben habe ich überall sehr entwickelt gefunden. Auch in den entlegensten Distrikten gab es mindestens einen Gesangverein und einen Schützenverein, welche den Mittelpunkt der Geselligkeit bilden und dadurch zum Zusammenhalten der deutschen Familien beitragen. Das Turnen scheint weniger gepflegt zu werden als auf anderen Kolonien. Unter den Bauern soll ein Vorurteil gegen turnische Uebung bestehen, welches daran Aufnahme in den Unterrichtsplan der Gemeindeschulen verhindert. Endlich sind auf diesem Gebiete noch die guten Dienste zu erwähnen, welche die beiden in Blumenau erscheinenden deutschen Zeitungen der Stärkung und Erhaltung der deutschen Interessen unter der dortigen Bevölkerung leisten. Ein brasilianisches Blatt existiert weder dort noch in Brusque. Den günstigen Zusammenhang mit dem alten Vaterlande vermitteln ausserdem zahlreiche aus Deutschland bezogene Zeitungen und Zeitschriften, unter denen namentlich das "Echo's" sich grosser Beliebtheit erfreut und viele Abonnanten zählt.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mães no exterior, cuja ação é valiosa na preparação e preservação do germanismo

No Município de Blumenau existem muitas escolas particulares alemãs e comunitárias, cujo desempenho é insuficiente devido à escassez de professores, ficando abaixo do nível das escolas nas aldeias da Alemanha. Em todo lugar a educação é ministrada exclusivamente na língua alemã, o português raramente é entendido pelo professor e muito menos pelas crianças, que nascidas no Brasil, onde permanecerão, pode ser uma desvantagem, pois de qualquer pessoa participativa dos direitos e deveres como cidadão, exige-se o domínio da língua pátria. Em razão disto nas melhores escolas alemãs, a exemplo de algumas na cidade de Blumenau e Brusque, é dado grande valor ao ensino correto da língua portuguesa.

O germanismo não é afetado com isto. Existem somente três escolas públicas nestes distritos coloniais, onde até agora a instrução é ministrada em alemão e, evidentemente a língua portuguesa obrigatória. Somente com a ajuda de professores alemães habilitados é possível preservar a educação alemã nas gerações em crescimento. Enquanto o alemão sentir-se mais instruído do que o brasileiro, que dá pouca importância ao ensino, aquele resistirá à ameaça e não absorverá a nacionalidade estrangeira. Por isso eu acredito que o envio de professores é muito mais importante do que a instalação de consulados, como o Congresso alemão recomendou para as áreas de emigração alemã.

Em todos os lugares achei a vida comunitária alemã muito desenvolvida. Nos distritos mais remotos, onde geralmente havia pelo menos um coral e uma sociedade de tiro, estas contribuíam na união das famílias alemãs, formando assim um centro de convivência. A ginástica é menos praticada do que em outras colônias. Entre os colonos existe um certo preconceito contra a prática deste esporte, e em decorrência disto impede a inclusão desta modalidade no currículo das escolas da comunidade.

Enfim, ainda precisam ser mencionados os bons serviços pres-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Auf die Empfangsfeierlichkeiten, welche mir zu Ehren von der deutschen Kolonie veranstaltet wurden, will ich nicht näher eingehen. Sie kamen, was Herzlichkeit, patriotische Begeisterung und allgemeine Betheiligung betrifft, denjenigen gleich, die ich aus Anlass meiner früheren Besuche in den deutschen Niederlassungen in Paraná und Rio Grande do Sul geschildert habe. In jede Ortschaft, die ich auf meine Reise berührte, waren die Vereine mit ihren Fahnen ausgestellt, die Schützen gaben Ehrensalven ab, die Liedertafeln liessen deutsche Gesänge erschallen, die Strassen waren mit Girlanden geschmückt, Schulkinder streuten Blumen und deklamierten poetische Willkommengrüsse.

Hervorzuheben ist noch, dass auch die vorhandenen brasilianischen Behörden sich diesen Ovationen für den Vertreter des Deutschen Reiches mit grösster Bereitwilligkeit anschlossen, allen voran der Gouverneur Dr. Hercílio Luz, der es sich nicht nahmen liess, bei den verschiedenen Festbarkeiten die Gesundheit Seiner Majestät des Kaiser's auszubringen und die Verdienste, welche sich die deutschen Kolonisten um die Entwickelung des Nordens Santa Catharina erworben haben, mit vornehmen Worten anzuerkennen.

Wenn ich zum Schluss noch kurz die Frage berühre, was von deutscher Seite geschaffen kann, um die wirtschaflichen und geistigen Bande, welche zwischen diesen Deutschen Niederlassungen und der Heimath bestehen, enger und dauernder zu knüpfen, so läutet die Antwort, das dies wirksamste Mittel in der Entsendung weiterer Kolonisten nach jenen Gegenden liegt. Ohne die regelmässige Zuführung frischer Säfte aus dem Stamm der deutschen Volkskraft, sind die nach brasilianischem Boden verpflanzten Keime, so günstig sie sich auch bisher entwickelt haben mögen, der Gefahr ausgesetzt zu verderben oder zu entarten. Von diesen Gesichtspunkte aus ist es besser mit Freude zu begrüssen, dass das sogenante v. d. Heidt'sche Reskrit modifiziert ist, und dass die in Hamburg neugegründete Hanseatische Kolonisation Gesellschaft vorzugsweise eine Besiedelung in dem Staate Santa Catharina gehörigen Liegenschaften mit deutschen Ackerbauern in Aussicht genommen hat. Die Mittel jener Gesellschaft, der ein Kapital von vorläufig nur 1 150 000 M zur Verfügung steht, sind für eine Kolonisation im grösseren Stil zuvor gänzlich unzureichend, doch ist es immerhin für die überseeischen Interessen Deutschlands von Wichtigkeit, das mit einer ständigen Leitung der Auswanderung jetzt ein Anfang gemacht und an richtiger Stelle gemacht wird.

(gez) von Greul

An seine Durchlaucht den Herrn Reichskanzler, Fürst zu Hohenlohe - Schillingsfürst.

Abschrift zu II. 16837

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tados pelos dois jornais de Blumenau editados em alemão, que contribuem para o fortalecimento e manutenção dos interesses alemães junto à população. Nem aqui, nem em Brusque existe um jornal brasileiro. Os jornais e revistas vindos da Alemanha são um elo favorável com a pátria mãe, entre os quais o "Eco's" que tem grande popularidade, contando com inúmeros assinantes.

Não pretendo aprofundar-me sobre a recepção festiva com a qual fui honrado pelas colônias alemãs. Eram semelhantes às recebidas em visitas anteriores nas áreas de colonização alemã do Paraná e Rio Grande do Sul. Em cada localidade, onde passei em minha viagem, as sociedades recreativas estavam com suas bandeiras hasteadas, os atiradores davam salvas de tiro, entoavam cantos alemães, as ruas enfeitadas com guirlandas e crianças declamando poemas de boas vindas.

É de ressaltar ainda que as autoridades brasileiras presentes, tendo à frente o governador Dr. Hercílio Luz, juntaram-se com a maior boa vontade às ovações para este representante do Reino alemão, louvando em todas estas ocasiões festivas a saúde de Sua Majestade, o Imperador, expressando de modo elegante o mérito dos colonizadores alemães na conquista e no desenvolvimento do norte de Santa Catarina.

Enfim, questionando o que a Alemanha poderá fazer para estreitar os laços econômicos e intelectuais entre estes assentamentos alemães com a pátria mãe de forma perene, a resposta é: O meio mais eficaz é o envio de mais colonos. Sem o suprimento regular de nova seiva do tronco alemão, os embriões transplantados para o solo brasileiro, apesar do bom desenvolvimento até agora, estarão ameaçados de se extinguir ou degenerar-se. Deste ponto de vista é de aplaudir com entusiasmo a intenção da recém fundada Sociedade Colonizadora Hanseática, de fundar uma colônia com agricultores alemães no Estado de Santa Catarina. Os meios que tal Sociedade dispõe, um capital de 1.150.000 Marcos, são insuficientes para a colonização em estilo mais amplo, mesmo assim, é importante para o interesse alemão além mar, a condução ordenada da emigração para o lugar certo.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Vergleichende Uebersicht der Ausfuhr aus dem Munizip Blumenau in den Jahren 1886 und 1895.

Produkte	1886	1895	Zu oder Abnahme
Fettwaren (Butter und Schmalz)	281 250 Kg	458 672 Kg	+ 117 422 Kg
Fleischwaren	35 000 Kg	64 315 Kg	+29 015 Kg
Häute	1 500 Stük	1 796 Stück	+ 296 Stück
Farinha	1 050 Sack	4 588 Sack	+3 538 Sack
Eier	7 140 Dutzend	233 035 Dutzend	+225 895 Dutzend
Cigarren	2 760 000 Stük	7 272 000 Stück	+ 4 512 000 Stück
Schwarze Bohnen	740 Sack	1 315 Sack	+575 Sack
Bretterholz	8 350 Dtzd.	12 000 Dtzd.	+3 650 Dtzd.
Zucker	384 000 Kg	nicht bekannt	----------
Brantwein	115 000 Liter	" "	----------

Anmerkung.

Zu dieser Statistik ist zu bemerken, dass den Angaben für 1886 die Ladelisten der Flussabwärts fahrenden Dampfer und sonstigen Fahrzeuge unter Benutzung der Steuerbücher zu Grunde liegen, während für das Jahr 1895 lediglich die bei der Munizipal-Kammer behufs Versteuerung gemachten Annmeldungen benützt sind. Für beide Jahre dürfte der wirkliche Export erheblich grösser gewesen sein, als die mitgetheilten Ziffern erkennen lassen.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ass. von Greul

À Vossa Alteza Senhor Chanceler Imperial, Príncipe de Hohenlohe, Príncipe de Schilling.

Transcrição para II. 16837

Tabela comparativa da exportação do município de Blumenau nos anos 1186 e 1895.

Observações.

Produtos	1886	1895	Variaçãoposit./negat.
Gorduras (Manteiga e Banha)	281250 Kg	458 672 Kg	+ 117 422 Kg
Carnes	35 000 Kg	64 315 Kg	+ 29 015 Kg
Couros	1 500 und	1796 und	296 und
Farinha	1 050 Sacos	4 588 Sacos	3 538 Sacos
Ovos	7 140 Dúzias	233 035 Dúzias	+ 225 895 Dúzias
Charutos	2 760 000 und	7 272 000 und	+ 4 512 000 und
Feijão preto	740 Sacos	1 315 Sacos	575 Sacos
Tábuas	8 350 Dz.	12 000 Dz.	+ 3 650 Dz.
Açúcar	384 000 Kg	desconhecido	----------
Aguardente	115 000 Litros	" "	----------

Os dados estatísticos para o ano de 1886 foram extraídos das listas de embarque nos vapores e outros veículos que trafegam rio abaixo, enquanto que, para o ano de 1895 foram baseados nas declarações de impostos registrados pela Câmara Municipal. Presume-se que a exportação deve ser superior às cifras acima.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A Família, o Meio Rural e a Memória no Distrito de Bananal - atual município de Guaramirim/SC

*TEXTO: GERSON MACHADO**

Neste artigo discute-se aspectos da constituição familiar no Distrito de Bananal, atual município de Guaramirim/SC, em meados do século XX. Primeiramente, caracteriza-se a área de estudo em questão e, posteriormente, levantam-se algumas produções que versam sobre a questão da família no meio rural brasileiro, especialmente a do tipo conjugal, que se constituiu fora do padrão patriarcal extenso. A partir de algumas entrevistas, discute-se experiências dos entrevistados em relação ao espaço familiar e, o papel deste no tocante às identidades étnicas. São lembranças que partem de um presente matizado pela nostalgia, contradições e ausências.

Palavras-Chave: família, memória, etnicidade, História Oral, História Regional.

1 Introdução

As reflexões que seguem são o resultado de um estudo que leva em consideração o tema da pesquisa do autor, onde aborda as relações entre memória, imaginário e etnicidade, através das fontes orais.

O atual município de Guaramirim localiza-se na região norte do Estado de Santa Catarina e tem sua história intimamente ligada a de Joinville, por fazer parte do Domínio Dona Francisca, que era responsável pela comercialização de lotes das terras pertencentes aos dotes das princesas Dona Francisca e Isabel, correspondentes aos atuais territórios deste e de outros Municípios.

Guaramirim foi e é palco de diversas ocupações. O início do processo, que efetivou a implantação de colonos europeus (alemães e russos), ocorre em 1886 (MACHADO & GUEDES, 1999, p. 34), quando a Sociedade Colonizadora de Hamburgo efetiva a coloniza-

*Aluno do Curso de Pós-Graduação em História, Mestrado, Linha Espaço e Sociabilidades, da Universidade Federal do Paraná. Orientador Prof. Dr. Antônio César de Almeida Santos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ção de uma área de quatro léguas quadradas, a qual fazia parte do patrimônio dotal da princesa Dona Francisca. A área situava-se na porção oeste da colônia, fazendo divisa com o patrimônio dotal da princesa Isabel e Conde d'Eu.

Em 02 de junho de 1919, a partir da intensificação das atividades colonizadoras, da Sociedade Colonizadora Hanseática, no interior da Colônia, ele passa ao status de distrito do Município de Joinville com o nome de "Distrito de Bananal". Num censo demográfico, promovido pelo Município em 1926, o distrito contava com uma população de 4.231 habitantes, sendo: 208 na sede e 4.023 na zona rural.

Localizado na periferia da Colônia Dona Francisca, Bananal tinha sua economia voltada essencialmente para a agricultura até a sua emancipação, bem como depois dela. O comércio e a indústria tinham um relacionamento de dependência em relação àquela, caracterizando, grosso modo, as relações econômicas como sendo agrário-familiar, inclusive por que a transformação dos produtos agrícolas se dava com mão-de-obra das próprias famílias. Assim, a família sobre a qual se reflete, está matizada pela ruralidade, no interior de um pequeno distrito, de um Município situado numa região distante dos principais centros do país. Deduz-se que, esta caracterização não é um dado exclusivo do lugar, porém, a experiência do vivido é única, singular e insubstituível.

Retomando os dados do censo de 1926, o Distrito de Bananal apresentava 95% da população vivendo no meio rural e somente 5%, no que era considerado na época, meio urbano. As famílias se distribuíam em pequenas propriedades que variavam em torno de 30 ha., com vistas à produção de subsistência, mantida com mão-de-obra do próprio núcleo familiar ou do grupo de vizinhança. Desta produção resultava um pequeno excedente, que era negociado no comércio local, seja pela troca por outros produtos que não existiam na região, seja por dinheiro. O excedente não foi o suficiente para a capitalização e a constituição de grandes empreendimentos comerciais, industriais e agrícolas

É importante informar que a colonização da região não se fez respeitando os limites distritais da antiga colônia. Bananal, como outros distritos mais afastados, acabou recebendo imigrantes e migrantes de outras procedências, que não os referidos no início da colonização. Assim, passados mais de quarenta anos do início da colonização, tem-se, na região, a presença de outros grupos étnicos, como: poloneses, italianos, luso-açorianos e negros. Estes dois últimos são identificados simplesmente como brasileiros.

A sumarização destes grupos étnicos é um dado importante para a pesquisa, apesar de POUTIGNAT&STREIFF-FENART (1998) alertarem a respeito do

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cuidado e da complexidade que é a rotulação de grupos étnicos pelo pesquisador "primeiramente, as fronteiras étnicas existem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em segundo lugar, relações freqüentemente de uma importância vital são mantidas através dessas fronteiras. A interpenetração e a interdependência entre determinados grupos não devem ser vistas como dispersões das identidades étnicas, mas como as condições de sua perpetuação" (p.62). Atribuir a um determinado grupo de pessoas ou, a um indivíduo, uma determinada etnicidade, não é uma tarefa tranqüila. É necessário reconhecer que há limites entre os grupos, que os constitui, mas que não os isolam. Portanto, a nominação dos grupos étnicos, não representa nem esgota a complexidade de relações que os caracterizam.

Esta complexidade fica bem evidente se analisarmos o depoimento de Francisca Martins. Esta mulher, com noventa e nove anos, apresenta muitos elementos que, num primeiro entendimento, a caracterizariam enquanto parte do grupo luso-açoriano, entre eles: a religião católica e o idioma português. Porém, suas referências de memória, vivências e lembranças a tornam distinta dos demais brancos com os quais compartilha os indicadores supracitados, já que a cor de sua pele é negra. A diferenciação se faz na sua auto-afirmação, construída durante a fala. Suas lembranças são trabalhadas partindo de um locus que é a negritude compartilhada, primeiramente pelo seu núcleo familiar e, depois pelo grupo de famílias negras que, constituíram um pequeno núcleo, relativamente distante da residência da entrevistada, mas que com a qual estabelecem uma sociabilidade, motivada sobretudo pela prática caritativa.

Outras épocas, outros espaços e outras significações. A fonte primária da pesquisa constitui-se das falas de pessoas que, num trabalho de lembrar a sua trajetória de vida, deixam escapar lembranças deste período, reatualizadas pelas experiências que as sucederam. São momentos que, durante a entrevista, estão num constante trabalho de enxerto, recorte e omissão; resultado da ação seletiva da memória, definida em parte pela subjetividade, em parte, pelos "quadros sociais da memória".

Nas lembranças, os entrevistados revelam relacionamentos com as mais diversas personagens e instituições. Diante disto, se quer destacar as experiências destes em relação à família. Cabe pontuar que a discussão parte da análise de quatro entrevistas com pessoas que têm em comum a vivência do meio rural.

Antes de se proceder uma análise mais detida das falas dos entrevistados a respeito do tema, é importante fazer um breve arrazoado de questões, a partir de estudos diversos que contemplam a relação da família com o meio rural.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2 A Família Rural Periférica

Tradicionalmente, entende-se que o Brasil se constituiu numa base essencialmente agrária, com vistas à exportação de produtos resultantes, em grande parte, de um sistema de produção que explorava a monocultura com mão-de-obra escrava. Daí decorre a necessidade de grandes latifúndios e, constitui-se a expressão familiar, antropologicamente concebida, da família patriarcal extensa, (FREYRE, 2000). Gilberto Freyre produziu diversos estudos, no início do século passado, sobre um tipo familiar comum às elites açucareiras do nordeste brasileiro, mais especificamente, a pernambucana. A sua obra, portanto, não estuda as manifestações familiares em camadas menos abastadas da população, muito menos em regiões periféricas em termos de colonização e, de poderio econômico. Certamente esta concepção "freyriana" não pode ser adotada como um modelo que caracteriza a família no Brasil em toda a sua extensão e, em todos os momentos, pois, a família enquanto instituição e espaço de sociabilidades, é essencialmente dinâmica.

Preocupando-se com as sociabilidades em localidades pouco povoadas, como o interior de São Paulo, em meados do Século XX, Antônio Cândido fez um estudo da "cultura caipira" e dos problemas do meio de vida. O seu estudo é realizado entre 1948 e 1954 e procura verificar pelo viés histórico a constituição populacional; pelo sociológico as relações (principalmente as de produção dos meios de subsistência) e; pelo lado antropológico as expressões próprias da identidade caipira (religião, festejos, valores, alimentação, lazer, práticas curativas e, os conhecimentos advindos da interação do homem com o meio ambiente).

Em relação à família caipira, CANDIDO (1975) aponta para a insensibilidade do fato da "família caipira" ser enquadrada por muitos estudiosos com as mesmas nuanças (estrutura, costumes, história) das classes dominantes pois, para esta classe, há muitos registros e informações que são tratados generalisticamente. Diante disto ele fez um ensaio, que se propõe a mostrar algumas peculiaridades deste tipo de família. Em relação às famílias urbanizadas e/ou abastadas, na família caipira há a persistência dos componentes tradicionais da cultura. Sinteticamente, o estilo de vida caipira foi assim apresentado: "... o caipira básico - por assim dizer- passava normalmente da enxada e do machado para o anzol ou a espingarda; da foice para o visgo, a arapuca, a "zagaia", o mundéu, como quem circula na mesma atmosfera contínua de luta pela vida". (p. 175) Como a cultura é um fator dinâmico, ele notou um afastamento das antigas formas de vida para as mais atuais, per-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

passadas pelo mercado capitalista de consumo, em virtude das mudanças ocorridas no plano econômico no Brasil, em especial no Estado de São Paulo, a partir da década de 1940. De forma geral a família caipira se encontra mais próxima dos padrões patriarcais, porém, dos padrões patriarcais ligados ao tipo de vida das classes inferiores. FUKUI (1979) aproxima-se da idéia de Antônio Cândido ao concluir que "... o grupo familiar brasileiro é, em geral, do tipo patriarcal; é extenso na camada alta, restrito nas demais camadas; uma rede de relações envolve grande número de parentes em todas as camadas (p.39)

As alterações promovidas pela implantação de uma sociedade de consumo, provocou mudanças na composição populacional brasileira. Em menos de 40 anos houve uma inversão em termos de população urbana e rural no Brasil. Os recenseamentos mostram que, a partir de 1950, processou-se uma completa alteração neste quadro. Não bastasse isto, a fronteira entre esses dois mundos foram modificadas tanto na organização espacial, com o crescimento das cidades, quanto nos relacionamentos simbólicos. Atualmente, na localidade em questão, ocorre um intenso processo de urbanização devido, principalmente, à atração exercida pelas promessas de emprego com a instalação de indústrias dos ramos químico, metalúrgico, alimentar e têxtil, alterando significativamente a dinâmica e as relações entre as pessoas.

No fenômeno de constituição da principal metrópole brasileira, São Paulo, Eunice Durhan (1978) estudou o fenômeno do êxodo rural, já que a industrialização do período necessitava de um número bastante intenso de mão-de-obra, formada, em grande parte, de trabalhadores rurais que abandonaram o campo para viverem nos centros urbanos. Ela observa que, nos migrantes urbanos provenientes do meio rural, há uma uniformidade de informações acerca da situação destes antes da migração, destacando-se: 1) A constituição da unidade produtiva, baseada na família conjugal; 2) A organização das diversas unidades em grupos de vizinhança; nos padrões e técnicas de trabalho. Para DURHAN (1978) esta uniformidade se dá menos no universo simbólico e de relações e, mais nos princípios que regem a organização social e do trabalho subjacente às variações que decorrem de situações regionais. Desta forma a autora conclui que: "... parece que a generalização da economia de subsistência presidiu, no Brasil, à formação dos padrões culturais próprios do trabalhador rural livre" (p.60). Esta supremacia dos fatores econômicos, que alguns teóricos marxistas denominariam de estrutura, é uma hipótese bastante discutida entre os próprios historiadores desta linha. Retoma-se aqui as reflexões de E.P. Thompson, que defende a importância dos padrões culturais (superestrutura) como imprescindíveis à formação de noção de classe social, mais especificamente

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da consciência de classe. Afirma ele que:

"A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõe) dos seus. (...) A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais." (THOMPSON, 1987, p.10).

Críticas a parte, alguns dados apresentados por Durhan são válidos, pois auxiliam na compreensão do objeto de estudo, na época em questão. A constatação de que "Para os produtores autônomos (sitiantes, parceiros, posseiros) que não podem pagar assalariados (e antes não podiam comprar escravos), a família foi sempre a unidade produtiva mínima, fora da qual não há vida econômica estável" (p.60) ajuda a entender a constituição dos núcleos familiares na região do Distrito de Bananal, à medida em que a força produtiva das propriedades agrícolas provinha exatamente do grupo familiar e das relações de vizinhança.

O grupo familiar ao qual Eunice Durhan se refere é o conjugal e não o patriarcal extenso. Este é tradicionalmente adotado como a expressão característica da família brasileira. Ela afirma que há "... a predominância da família conjugal nas camadas inferiores da sociedade rural, mesmo naquelas regiões onde persistem formas arcaicas de organização social".(p.61) Complementarmente, informa que a família conjugal não é um dado recente na sociedade rural, já que os relatos dos viajantes do século XIX confirmam a presença deste tipo de constituição por todo o território nacional. A família do tipo conjugal está baseada nas relações entre esposo, esposa e filhos. Não há a figura de um "patriarca" que unificaria diversos grupos conjugais sobre seu prestígio, influência e ordens; a exemplo dos senhores (coronéis) das famílias patriarcais extensas do Nordeste brasileiro.

Em que pese a relativização do caráter extenso da família brasileira, subjaz aos dois modelos a subordinação da mulher ao homem e dos jovens aos mais velhos, reafirmando a máxima de que a organização da sociedade brasileira, segue a diretriz patriarcal. Uma prova disto é o processo de transmissão do nome, já que prevalece a patrilinearidade no tocante à filiação. Conseqüentemente os filhos herdam o nome do pai, e o retransmitem aos seus descendentes, se forem indivíduos do sexo masculino.

Como indicado na introdução, a agricultura e a indústria rural no Distrito de Bananal dependiam exclusivamente das relações familiares e do grupo de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vizinhanças para a sua concretização. O trabalho, nos pequenos engenhos de processamento de cana-de-açúcar e mandioca, era em equipe; aproveitando toda a mão-de-obra disponível. Era incomum fazer pagamento em dinheiro pela ajuda prestada. Normalmente o favor era retribuído ou, ocorria o pagamento em espécie, feito com uma parte da produção, aos que ajudaram.

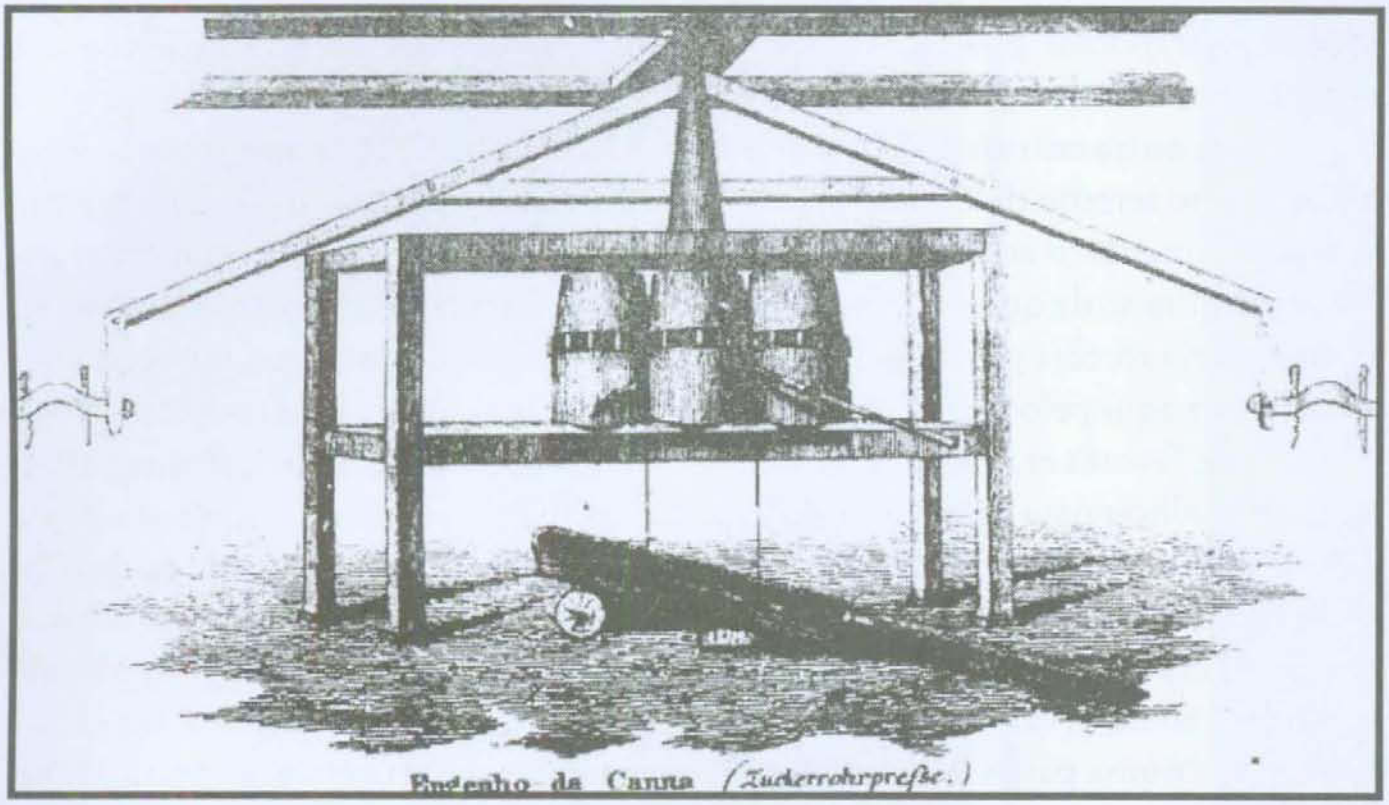
Antonio Candido traz, para o estudo em questão, uma outra contribuição importante, que é a utilização do conceito de bairro rural, em contraposição ao conceito de "estudo de comunidades", principalmente nas modalidades americanas e inglesa, às quais não conseguiriam contemplar o universo pesquisado por ele. Estas, partem da idéia de que a comunidade constitui um microcosmos fechado sobre si mesmo - aproximando-se da noção de "tipo ideal". Os estudos de comunidade no Brasil, até então, fixavam um campo de observação que destacava as variáveis relevantes à compreensão dos processos nele ocorrente. GOLDWASSER (1979) destaca o alcance do conceito de comunidade: 1) Não existe comunidade isolada, assim o conceito de comunidade é uma abstração lógica e isolacionista; 2) O que existe são grupos integrados a uma lógica maior, nacional, - hoje se diria transnacional -, sendo que isto remete-se ao item 1; 3) A principal contribuição do uso deste conceito, é o fato de que à medida em que a análise se encerra numa determinada área, ocorre um aprofundamento das questões observadas e; 4) Centrando-se o enfoque, por um tempo relativamente longo, teria-se acesso ao universo simbólico, aos códigos culturais e às representações de um determinado grupo.

O conceito de bairro rural, defendido por CANDIDO (1975), é definido "... como o agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos na forma de ajuda mútua. É membro do bairro quem convoca e é convocado para tais atividades."(p.67) De certa forma o conceito de bairro rural, postulado por Antônio Cândido, não veio simplesmente se contrapor aos estudos de comunidade. Ele propôs uma revisão crítica do conceito, propondo a ampliação do mesmo. Foi utilizado para entender tanto as relações dentro dos núcleos familiares, quanto as relações inter-grupais, constituidoras de um determinado espaço - o bairro rural. Este se relacionaria com o mundo, fora de suas fronteiras, inclusive municipais. Assim DURHAN aproxima, em sua obra, os dois conceitos atribuindo o significado ampliado, próximo do que Antonio Candido propõe, às relações de vizinhança. Em São Paulo, a palavra bairro é utilizada correntemente para denominar o grupo de vizinhança, que pode se constituir numa comunidade, dependendo do enfoque do pesquisador.

No caso do Distrito de Bananal as famílias se constituem em dois níveis

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Modelo da parte da moenda de um engenho de cana-de-açúcar, representado por Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, feito na 2ª metade do Século XIX, mostrando como este equipamento já era comum desde os primórdios da Colônia D. Francisca. (Fonte: RODOWICZ, 1992, p.86.)

de relacionamentos. Por um lado, a vivência da etnicidade, que se daria, primariamente, no núcleo da família. Nesta, encontraria-se o espaço mais íntimo da etnicidade. Dialeticamente, de outro lado, e partindo da idéia de fronteiras étnicas de Fredrik Barth, diria-se que as famílias, aos se constituírem enquanto grupo de convívio/vizinhança, poderiam extrapolar as fronteiras do seu grupo étnico. O avanço, além fronteiras, não implica no abandono da identidade étnica do indivíduo e, também, não o impede de constituir com o outro, novos espaços de sociabilidades. A vida familiar também não ocorre isolada do "mundo exterior". Ela se faz negociando valores, práticas, e visões de mundo. O que em determinado momento pode ser essencial para a identidade étnica, em outro, pode ser negociado ou, ainda, pode-se reativar velhos costumes, até então esquecidos (CUNHA, 1986).

No grupo de vivência da entrevistada Maria da Silva Rodrigues, ela era comumente chamada pelos agricultores para semear o plantio das primeiras sementes de uma determinada cultura, pois acreditavam que ela possuía uma mão boa. Ela relata que desde muito nova, a partir dos sete anos de idade, era chamada para tais atividades. Hoje ela pratica o benzimento. Benze de "mau-olhado, "arca caída", e doenças diversas, sendo muito procurada por moradores de toda a região. Suas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

relações extrapolam as relações com o grupo de vizinhos próximos, tendo um alcance em outras localidades.

Já outra entrevistada, Francisca da Silva Martins, relata que diversas vezes trabalhou no terreno do Sr. Francisco Machado: "Eu trabalhei muito aqui com seu avô. Tem este morro aqui que é dele." Porém não relatou se era de forma contratada. Ela lembra-se de que sempre que se matava algum porco na propriedade do Sr. Francisco, ela recebia um pedaço: "A tua avó aqui, quando matava o porco, o João vinha trazer aqui pelo mato, e eu ia pra roça, toda vez *eles me traziam." Esta possível* troca de favores era muito comum na localidade. Ela relata, de forma orgulhosa, que trabalhou para "todo mundo", referindo ao seu circulo de vizinhança, e que todo mundo a queria muito bem, pelo fato dela ser muito trabalhadora, diz ela: "Não fiquei male (sic) com ninguém, até hoje não!" Decorre-se, então, que um dos principais espaços de negociação de fronteiras étnicas, é o trabalho. Carlos Machado lembra, ao observar uma fotografia, já na década de 80, que registrava um grupo de vizinhos numa pausa durante a colheita do arroz, que esta era uma prática muito comum entre os antigos. Todo mundo se ajudava, principalmente durante o tempo da colheita.

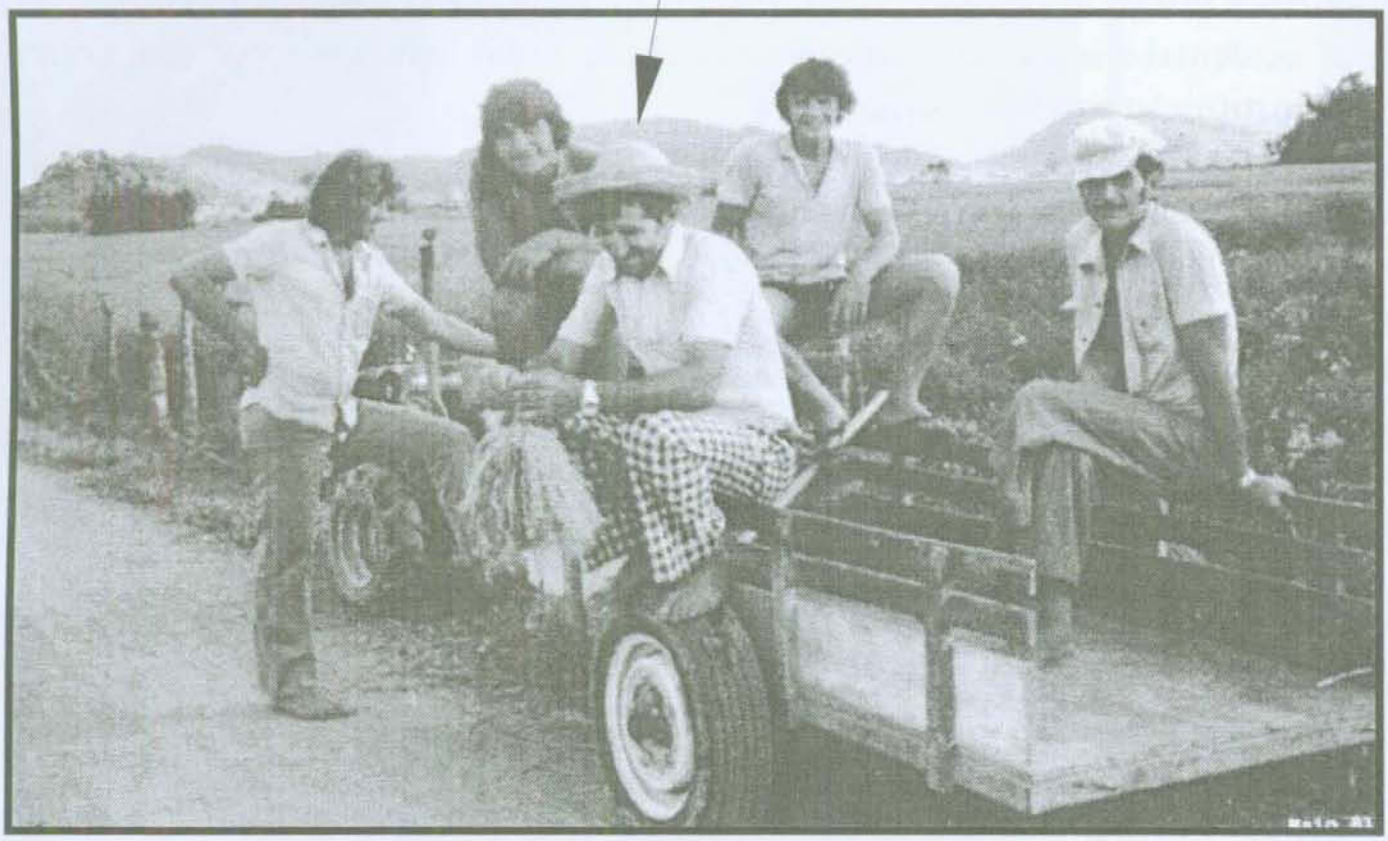
3 A Família e a Memória

Atualmente, as relações que permeiam a ruralidade brasileira, principalmente no tocante às análises da memória, têm sido pouco consideradas pela historiografia brasileira. Uma das formas mais enriquecedoras de se acessar este universo simbólico, constituidor dos espaços de relacionamentos entre as pessoas, é o uso das técnicas da pesquisa oral. Ela já foi largamente utilizada pelas ciências sociais, desde a segunda metade do século XIX. Quase um século depois, a partir da década de 40 (do século XX), com o desenvolvimento das metodologias de tratamento dos dados estatísticos, a História Oral quase cai em desuso. Lentamente, entretanto, ela vai reocupando seu lugar, em decorrência da disponibilização de novas e práticas tecnologias de armazenagem de dados, representados pelos gravadores, e pelas mídias cada vez mais confiáveis e de manipulação rápida. QUEIROZ (1988, p. 17), ressalta, porém, que o gravador, que a princípio, parecia ser a solução para o problema da intermediação do pesquisador na fala dos entrevistados, por fim não se revelou tão eficaz, pois a gravação normalmente é transcrita e nisto perde muito daquilo que é próprio da vocalização do conhecimento. Mesmo a fita não é um material com durabilidade infinita. Ainda, a forma de se conservar o relato por longo tempo é a transcrição. Contudo, a entrevista oral, está cada vez

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sr. Carlos Machado.



Na foto, o Sr. Carlos Machado, de chapéu de palha, com grupo de vizinhos, ajudando na colheita do arroz. (autor: Nelo Depim, maio de 1981, localidade Caixa D'Água, município de Guaramirim/SC).

mais em voga, atendendo aos mais variados campos de observação do conhecimento humano.

Pensa-se ser necessário tomar as reflexões feitas por Paul Thompson (THOMPSON, 1993) e destacar a constatação da incipiência, relativa aos trabalhos, metodologias e, teorias, que dêem conta da relação entre memória e família, de forma específica, tentando açambarcar os seus mais íntimos relacionamentos. Nesta linha, crê-se que este amadurecimento, seria muito bem vindo, se acompanhado de um tratamento diferenciado para as famílias que se constituem no meio rural. Basear-se nos estudos feitos por outros campos do conhecimento, além do conhecimento histórico, é uma das formas para se tentar uma aproximação cautelosa e responsável com esta questão. O historiador inglês salienta, ainda, que a metodologia da História Oral pouco tem se dedicado em compreender a história da família, que é uma das formas da memória coletiva.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pensar criticamente a família, enquanto uma instituição social, significa analisá-la sobretudo no seu contexto. Sabe-se, porém, que há qualidades que a transcendem e integram a família a um sistema de valores e significados maiores, no caso ocidental-cristão, sem contudo concebê-la como mero reflexo e sim, como uma instituição paradoxal e dinâmica.

THOMPSON (1993), ao estudar a transmissão cultural entre gerações dentro das famílias, afirma que o papel desta não se resume apenas em transmitir a memória, mas sim na constituição da linguagem, do nome, do território, da moradia, da posição social, da religião, dos valores e aspirações sociais, da visão de mundo, das habilidades domésticas, dos modos de comportamento, modelos de parentesco e casamento. Nesta linha de raciocínio, LUCENA (1996) complementa-o, afirmando que o sujeito ao narrar evoca lembranças individuais, familiares e grupais, construindo representações e transformando idéias e imagens em realidade. Aprofundando um pouco mais, a mesma autora identifica que o papel da família na transmissão cultural é bastante antigo e inclui a transmissão de sua memória como resultante das experiências dos grupos sociais. Diante disto o que se quer é apontar para o fato de que se está no limiar de um problema que num primeiro momento parece inviabilizar uma análise mais detida do fenômeno, porém o que se dispõe é experimentar uma discussão em torno do tema, sem a pretensão de propor um sistema, nem novas categorias de análise.

Deve-se estar ciente de que a família ocupa um papel de destaque na fala das pessoas entrevistadas. Assim, de forma bem parcial identifica-se a família como o espaço na vida destas que apresenta os mais diversos significados. Assume-se o conceito de espaço defendido por SANTOS (1997), segundo o qual, "O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento (...) a sociedade é um conjunto de possibilidades". (pp.26-27) Entende-se que o espaço é onde a sociedade se constitui, e ela se constitui em relações significativas entre o homem e os seus e, a paisagem.

Das entrevistas realizadas abstraiu-se algumas categorias que ajudam a encadear as falas das pessoas numa estrutura que permite uma certa compreensão, já que os relatos não apresentam um cronologia linear. "As idas e vindas ao passado de suas vidas transformam as entrevistas em histórias de vida, permitindo não só uma visão de suas trajetórias como também uma perspectiva de seu meio social". (BARROS, 1987, p.74). Para esta autora, que se dedicou a estudar as relações familiares entre a classe média carioca, na década de 1980, os entrevistados (que ocupa-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vam o papel de avós quando da realização da pesquisa) sempre remetiam suas lembranças aos seus avós. Ela constata que há limites na expansão do universo de papéis familiares. Os papéis, na maioria das vezes, são repetidos, reeditados. Porém, os modelos do passado nem sempre respondem às problemáticas do presente, causando "conflito de gerações".

Espaço de criação, educação e trabalho: É quando os entrevistados lembram da época em que eram crianças dependentes das suas respectivas famílias. Sabe-se que este momento é muito importante na formação do sujeito à medida em que se formam valores e conceitos com os quais ele passará a operar e interpretar o mundo.

O trabalho é outro dado marcante para eles, já que muito cedo começaram a trabalhar. Dona Mariquinha, uma mulher negra, lembra de quando ajudou a família na construção da casa. "Eu tava com 13 (treze) anos. Eu tinha que ajudar a serrar a madeira, serrar assim a pulso porque o pessoal dizia que tinha que... sabe o que é uma madeira serrada a pulso né? *Então ia um em cima no estaleiro e o outro ia embaixo. Então a gente tinha que serrar a tábua até lá atrás. (...) Isso eu ajudei a serrar madeira para uma casa toda, porque eu e uma irmã minha éramos mais velhas que todos, mais grandinhos, e assim a gente trabalhava.." Outra entrevistada, Dona Rosa, do grupo étnico teuto-brasileiro, também tem recordações dos trabalhos realizados na época em que era criança: "Eu trabalhava sempre, sempre na roça né, desde criança (...) Antes do meio dia na aula e, de tarde, morro à cima lá em Schoroeder."*

Espaço de Construção e acolhida: É o momento em que as entrevistadas relembram de sua fase adulta em que passam a constituir as suas próprias famílias. É quando mais efetivamente se elaboram as relações de perpetuação ou mudanças nos grupos sociais. Neste momento as fronteiras étnicas são respeitadas ou ultrapassadas. Na escolha dos cônjuges entram em jogo todos esses valores. SEYFERTH (1990) afirma que a constituição dos grupos étnicos se dá quando algumas instituições atuam na divulgação dos valores étnicos, preservados pelos imigrantes e transmitidos de uma geração para outra. Entre as várias instituições analisadas a família seria o lugar do "... reduto íntimo da "etnicidade"; pois cabe a ela socializar os filhos como membros do grupo" (p.84). A análise das entrevistas demarcam que para algumas entrevistadas a escolha do cônjuge se dava dentro do seu próprio grupo étnico e era autorizada pelas instituições familiares e religiosas. O namoro era vigiado de perto e permitido em espaços públicos legítimos, como

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os grupos de juventude da igreja protestante: "Na juventude nós iamos juntos. Assim, eu também fui lá. Mas não que nem hoje, era sério!" A seriedade, relatada pela entrevistada, pode ser indício de um controle bastante intenso por parte do grupo étnico e familiar para com os compromissos que os jovens tinham entre eles, suas famílias e seu grupo. Durante a entrevista ela observa orgulhosamente uma fotografia do neto com sua esposa e filhos sobre o balcão, e diz que ele casou-se com uma moça de origem, apesar dela possuir traços pouco caracterísiticos da etnia: "Pois é, a mulher do Paulo é alemã. Mas eles são bem escuros. Cabelos pretos assim, bem lusentos. Só que não fala alemão." Apesar de todas estas constatações pode-se deduzir que a moça passou a fazer parte deste grupo étnico-familiar, mesmo com algumas prerrogativas em contrário. O neto, ao qual a entrevistada se refere, reside na cidade de Joinville, e possui outras referências e valores que possivelmente ampliou o leque de possibilidade de constituição de seu núcleo familiar. Ao mesmo tempo, Dona Mariquinha relata que no decorrer de sua vida nunca pôde ter filhos legítimos, porém ela e o marido acolheram mais de 10 crianças assumindo-as como filhos.

Espaço de conquista, resistência, refúgio: O espaço familiar é também apresentado como sendo o lugar de refúgio onde as ameaças externas se diluem. Ameaças que põem em risco a estabilidade da vida do grupo têm na família a constituição da resistência. Dona Chica ao relatar a passagem do dirigível Zeppelim informa sobre o imaginário criado pelo acontecimento. Para ela o veículo iria restabelecer a escravidão. Só que naquele momento a resistência se daria tanto no meio do grupo negro - que segundo ela eram bravos, tanto os homens quanto as mulheres, né. Já não era como o tempo antigo em que diziam: Vamos e iam!- quanto no meio de sua família.

Espaço que do que não existe mais: Relembrar os não presentes é uma forma de os tornar familiar e próximos. Em função das entrevistas privilegiarem uma faixa etária avançada, acima dos sessenta e cinco anos, muitos dos referenciais arquitetônicos, pessoais e de práticas já não existem concretamente. O que existe é a memória reatualizada pela lembrança, num lugar que, permeado pela atualidade, pouco significa para os entrevistados. Concomitantemente, a transmissão de valores abre espaços para que um pouco de si sobreviva nos descendentes assim como os ascedentes sobrevivem nos depoentes. O trabalho de lembrar é seguido da constatação de que o tempo de vida está prolongado, e desta perplexidade o sentimento de incômodo com o fato de o corpo não mais acompanhar o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Grupo de "juventude" da Igreja Luterana - Joinville - Distrito de Bananal - Brüderthal - 1937. Fonte: da entrevistada.

D. Rosa Schmidlin é a primeira da direita para a esquerda na primeira fila, e o seu futuro marido, Sr. Erwin Schmidlin, é o segundo da direita para a esquerda na última fila.

pensamento e da imaterialização dos seus referencias. Acho que isto ajuda a entender a seguinte fala: "E muito que nem me ajudou, também já morreu e, eu ainda estou aqui! E eu já queria ir mas não posso ir (pausa). A gente andar pelas mãos dos outros é pesado né?!"

4 Considerações Finais

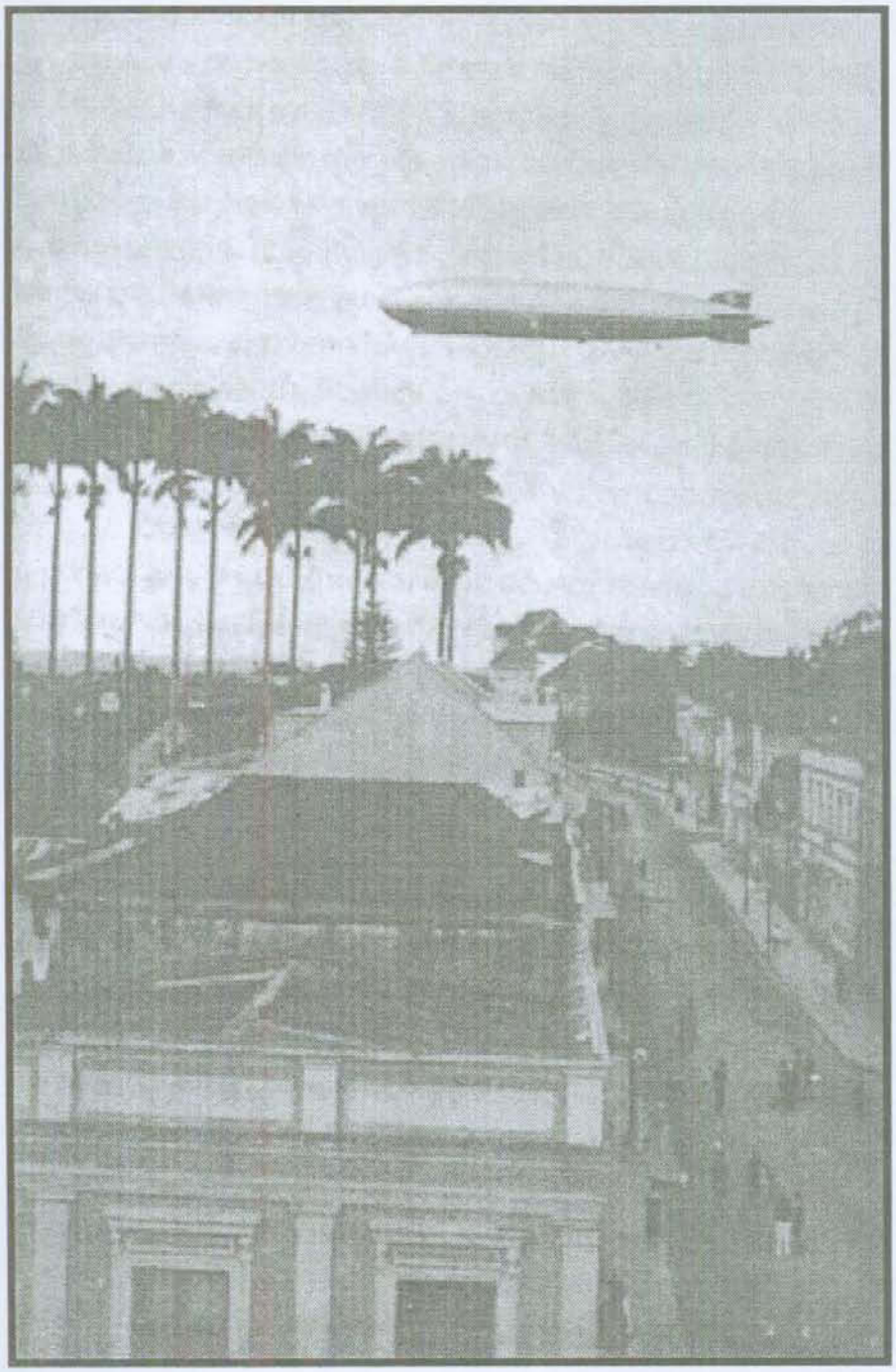
Acredita-se que com estas reflexões iniciou-se uma aproximação que tende a se intensificar à medida em que as pesquisas avançarem. É necessário a realização de estudos coerentes e aprofundados destas realidades, respeitando as suas especificidades. Sem dúvida os futuros estudos deverão retomar, ainda mais aprofundadamente, as produções já realizadas em torno do tema.

No tocante à pesquisa das relações entre a família, a memória e a etnicidade, para o Distrito de Bananal, na época em questão, constatou-se que o relato dos entrevistados estão entrecortados pela vivência no meio rural. Sabe-se da impossi-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

bilidade da constituição de um "quadro fiel", já que as pessoas entrevistadas acessam a uma memória presentificada. Sabe-se, também, que mesmo nas pesquisas com documentos escritos, esta possibilidade de reconstruir um "quadro fiel", é uma possibilidade improvável, pois o presente está refletido, determinando inclusive os recortes e o interesse por determinados acontecimentos, além das subjetividades contidas nos próprios documentos. Isto, portanto , não preocupa o andamento e a validade da pesquisa.



Dirigível alemão sobrevoa Joinville e região em 1934.
(Fonte: Arquivo Histórico de Joinville.)

Sinteticamente, o modelo familiar observado nas entrevistas aproxima-se muito das caracterizações feitas por CANDIDO (1975), DURHAN (1978), FUKUI (1979), que são famílias conjugais, com a autoridade paterna destacada. Essas famílias se organizaram em grupos de vizinhança, e se encontravam envolvidas em relações que transcendiam o seu universo de proximidade, pois as influências do mercado capitalista, comércio, indústria, banco, passaram a intervir, cada dia mais, naquilo que se poderia qualificar como, relações tradicionais.

Esses dois níveis de relações - a memória e a família - ajudam a explicar o 3º ponto da análise que é a questão da etnicidade.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Esta, como já foi apresentada, pode ser percebida, sobretudo, utilizando-se a noção de fronteiras étnicas. A família pode ser um espaço de constituição étnica, que atua tanto dentro quanto fora da fronteira de identificação de um determinado grupo, o que ratifica a perspectiva de que a etnicidade no Distrito de Bananal era um dado negociável que se constituía assumindo arranjos diferentes, permitindo a perpetuação de algumas identidades étnicas no presente.

NOTAS DE FIM

1 Esse "domínio" era administrado por uma empresa chamada Sociedade Colonizadora de Hamburgo que atuou desde o início da colonização em 1851 até o ano de 1896 quando transfere todas as suas propriedades à *Hanseatiche Kolonisations-Gesellschaft m.b.H*, mais conhecida no Brasil como Sociedade Hanseática (FICKER, 1965).

2 O Distrito de Bananal em 1943, recebe a denominação de Guaramirim. Em 1948 é desmembrado de Joinville e anexado ao Município de Massaranduba/SC (TERNES, 1993, p.138, 149 e 160). Em 1949 Guaramirim conquista a sua autonomia política e administrativa.

3 O Município de Guaramirim possui, ainda hoje, extensas áreas agricultáveis, de onde inúmeras famílias retiram o seu sustento.

4 A indústria, ou melhor, o setor fabril era constituído essencialmente por engenhos que processavam a cana-de-açúcar e a mandioca, podendo se dar no mesmo estabelecimento a transformação dos dois produtos. A família, em alguns casos, possuía um engenho próprio ou utilizava algum outro na sua comunidade .

5 Na localidade de Caixa D' Água, durante muito tempo, estabeleceu-se um agrupamento de famílias negras, que era conhecido, pelos seus vizinhos, como morro dos pretos. D. Francisca não era moradora deste "morro" já que sua residência estava localizada a uns 1,5 km de distância. Atualmente, tal agrupamento apresenta outras características, à medida em que famílias de outras caracterizações se estabeleceram nele.

6 Cumpre salientar que entende-se que o trabalho de lembrar é apenas uma das partes da memória, que é matizada, também, pelos esquecimentos e pelos silêncios (Ver: POLLACK (1989), BOSI (1994), LUCENA (1991), entre outros).

7 Henri Bergson foi um estudioso que em 1896 publica *Matière et Memoire* onde persegue a fenomenologia da lembrança afirmando que a lembrança é uma ação que o sujeito desenvolve sobre si mesmo, ou seja, do presente parte um chamado ao qual a lembrança responde já que elas estariam latentes naquilo que ele qualificou como sendo o inconsciente, uma espécie de depósito de lembranças, que seriam acessadas assim que o sujeito necessitasse dela.

8 Já, Maurice Halbwachs, no início do século XX, estudou sociologicamente a relação entre memória e sociedade. Aprofundou os estudos de Émile Durkheim sobre a precedência do "fato social" e do "sistema social" sobre os fenômenos de ordem psicológica e individual, colocando a questão da memória como sendo definida pelos "Quadros sociais da Memória", compostos pela classe social, **família**, escola, igreja, profissão e outros grupos de referência e de convívio.

9 Os entrevistado são entendidos, cada um, na sua unicidade, na sua particularidade, transpassados porém, por um universo que lhes é comum (a comunidade, a família, o período vivenciado, pessoas e/ou acontecimentos, religião, escola, entre outros).

10 CANDIDO (1975) dedica-se à pesquisa dos meios de vida dos grupos constituintes, daquilo que ele denominou "cultura caipira". Esta denominação exprime o "...modo-de-ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial" (p.22). Este estudo se faz em termos comparativos, já que o Município de Bofete, no Estado de São Paulo, na época, estava iniciando o seu processo de urbanização e industrialização, o que provocava mudanças e resistências nos padrões de vida.

11 CANDIDO, 1975, pp. 229-254.

12 Uma análise mais detalhada sobre esta questão pode ser encontra em: SANTOS e SILVEIRA (2001, P. 199-243).

13 Conforme lembrou o entrevistado Carlos Machado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

14 Os elementos constituidores das etnicidade como forma de diferenciação e identificação podem ser variáveis, dependendo da configuração social na qual um determinado grupo se estabelece. O que em uma determinada configuração é essencial em outra pode ser esquecida, assumindo-se outros elementos enquanto identificadores do grupo. (CUNHA, 1986, p. 85-96).

15 RODRIGUES, Maria da Silva. **Entrevista concedida**. Guaramirim, 31 de mar. de 2001.

16 MARTINS, Francisca. **Entrevista concedida.** Guaramirim, 13 de fev. de 1999.

17 Outras disciplinas têm se dedicado a estudar o mundo rural, sem se deter muito na discussão especifica da relação memória e família, mas levantando discussões que muito contribuem, é o caso da Sociologia, da Etnografia e da Antropologia, principalmente.

18 Sendo que para isto ele lembra que os indivíduos sempre têm uma "língua mãe".

19 Para esta ordem de fenômenos Pierre Bordieu elabora o conceito de *habitu* que é marcado pelo conhecimento adquirido - valores, crenças, hábitos, comportamentos, visões de mundo, religiões, expectativas- nas experiências vivenciadas através de um processo informal de transmissão cultural dentro da família e da vizinhança; e pelo conhecimento haver. Ainda Bordieu discute a questão dos simbolos na sociedade dizendo que são instrumentos privilegiados para a comunicação, transmissão de conhecimentos e para o exercício do poder, já que os sistemas simbólicos legitimam a dominação de uma classe sobre a outra. a*pud* LUCENA (1996, p. 207)

20 RODRIGUES, Silva. *Op cit.*

21 SCHMIDLIN, Rosa. *Op cit.*

22 _____. *Idem.*

23 SCHMIDLIN, Rosa. *Op cit.*

24 MARTINS, Francisca. *Op cit.*

5 Referências

5.1 Entrevistas

MARTINS, Francisca. Guaramirim, 13 de fev. de 1999.
RODRIGUES, Maria da Silva. Guaramirim, 31 de mar. de 2001.
SCHMIDLIN, Rosa. Guaramirim, 05 de fev. de 2000.
MACHADO, Carlos. Guaramirim, julho de 2001.

5.2 Bibliográficas

BARROS, Myriam Lins de. Autoridade e afeto: avós, **filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1987.**
BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da** UNESP, 1998.
BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: **lembranças de velhos. 3º ed. São Paulo: Companhia** das Letras, 1994.
CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio **Bonito. 3º ed.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
CUNHA, Manuela Carneiro. Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense/ Editora da USP, 1986.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

DURHAN, Eunice R.. A caminho da cidade. 2º ed. São Paulo: Perspectriva, 1978.
FUKUI, Lia Freitas Garcia. Sertão e Bairro Rural. São Paulo: Ática, 1979.
FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala. 40º ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
GOLDWASSER, Maria Julia. Estudos de comunidade: teoria e/ou método? In: Revista de Ciências Sociais. Fortaleza: v.10, n.112, 1979, pp. 45-60.
LUCENA, Célia. Linguagens da memória. São Paulo: FDE Diretoria de Projetos Especiais, 1991.
LUCENA, Célia. Mobilidade Social: História de família e variedades de gênero. In: MEIHY, José Carlos Sebe (org.). (Re) introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.
MACHADO, Andréia e GUEDES, Sandra P.L. de Camargo. A colonização de Guaramirim. In: Caderno de Iniciação à Pesquisa: História. Joinville: UNIVILLE, nov., 1999.
POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Relatos orais: Do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, Olga de Moraes Von. Experimentos com Histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vertice/ Editora Revista dos tribunais, 1988, pp. 14-43.
RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil. Florianópolis/Joinville: Ed. Da UFSC e FCC/ FCJ, 1992.
SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. 5º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília: Editora da UNB, 1990.
TERNES, Apolinário. Joinville, a construção da cidade. São Bernardo do Campo: Bartira, 1993.
THOMPSON, E.P.. A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade. 3º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
THOMPSON, Paul. A transmissão cultural ente gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em Histórias de vida. In: Ciências Sociais Hoje. ANPOCS, 1993, pp. 9-19.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

História de Vida Sra. Cecília Lischke

*ENTREVISTADORA: MARIA LUIZA RENAUX HERING**

A entrevista a seguir, foi realizada no dia 2 de dezembro de 1988 pela professora, historiadora e escritora Dra. Maria Luiza Renaux Hering.

Reler, passados tantos anos, palavras ditas e escritas em outros tempos e contextos pela senhora Cecília Lischke, que contara sua vida e sua carreira à entrevistadora que então buscava testemunha para comprovar sua tese de desenvolvimento regional sui generis do Vale do Itajaí, é, no mínimo, gratificante. Não só porque o propósito de então foi cumprido, mas porque escrever a história hoje, através de suas diferentes metodologias e interpretações - História do Cotidiano, História da Vida Privada, História das Mentalidades, História das Mulheres - se vale exatamente de textos como o que hora se divulga.

Nosso único papel no presente é subdividir os temas fluídos da entrevista a fim de facilitar ao pesquisador a sua busca e afim, de mostrar ao leitor ao num relance a riqueza de conteúdo da vida de uma mulher blumenauense que há pouco se despediu ao falecer em 5 maio de 2002.

M.L. - Seu nome de nascimento, Da. Cecília

C.L. - Meu nome é Cecília Weege Lischke, e os meus pais se chamavam Hermann Weege e Paulina Karsten.

M.L. - Sua mãe também era uma Karsten?

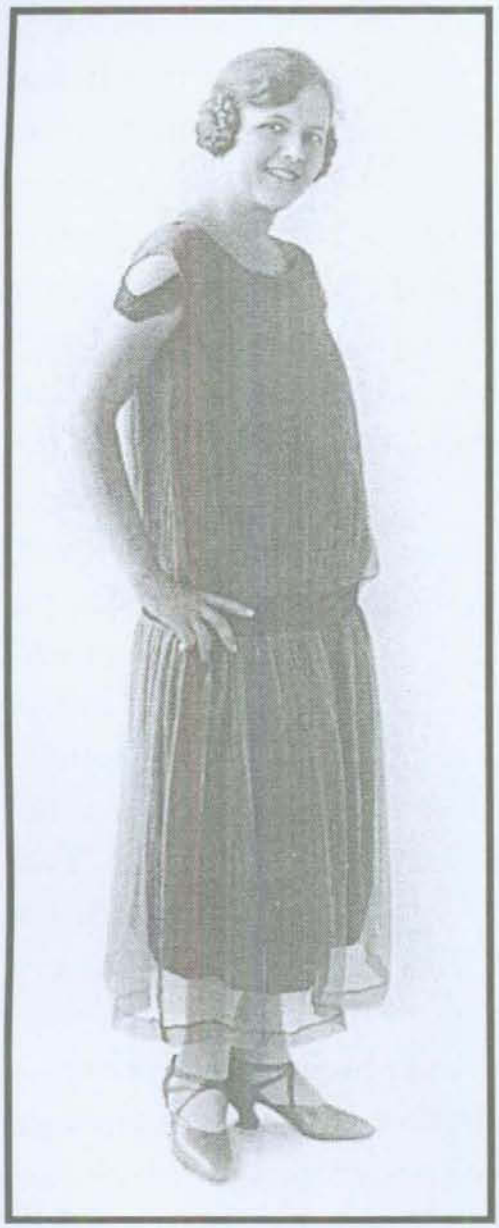
C.L. - Sim, dos fundadores da indústria, hoje Têxtil Karsten.

M.L. - Irmã de João Karsten?

C.L. - Uma irmã de João Karsten. O João Karsten era o

* Doutora em História (USP) e prof.ª da Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Cecília Weege Lischke

filho mais moço. O mais velho era Christian Karsten; o pai da Frau Schrader.

M.L. - Eram os filhos do fundador da Karsten?

C.L. - Sim, eram os filhos do fundador, Johann Karsten. Meu pai nasceu aqui e meu avô Weege, veio aos 12 anos com seus pais para cá e então cresceu aqui.

M.L. - De que parte veio?

C.L. - Do lado paterno meus bisavós vieram da Pomerânea, das proximidades de Stettin-Regenwalde, e do lado materno os bisavós vieram de Schleswig-Holstein, do Hohen-Westep, os Karstens. (Bisavós de Cecília Lischke, família Friedrich Karsten, desembarcaram em Desterro do veleiro Imperatriz e chegaram a Blumenau em 12 de agosto de 1861. A família Friedrich Weege desembarcou do veleiro Braugham em Desterro e chegaram em Blumenau em 16 de junho de 1868).

M.L. - E na sua infância chegou a ouvir estórias de lá?

C.L. - Estive menos junto com meus avós Weege. A minha avó morreu cedo, mas com os avós Karsten estive muito junto. Meus pais freqüentemente passavam lá o domingo e o fim de semana, e me levavam junto. Minha mãe, por exemplo, ajudou assiduamente o seu pai na fábrica. Todos os filhos ajudaram; a minha mãe era especialmente trabalhadeira; era uma mulher muito habilidosa (Eine Sehr Fixe Frau); tinha mãos muito hábeis e foi nessa oportunidade que meu pai a conheceu. Agora devo começar desde o início. Foi assim: Meu pai, em criança, estudou no Colégio Santo Antônio; não sei bem quem era o professor, se Schaette ou já Jacobs, até o seu 14º ano de vida. Então ele deveria ajudar o pai no negócio, mas isto ele não quis; foi até Itajaí com a carroça que levava as mercadorias, isto é, até o porto de Blumenau,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pois estrada não havia na época, e de lá com a lancha até Itajaí onde tratou de achar um emprego nos Malburg. Esta era na época umas das maiores firmas em Santa Catarina. Lá ele trabalhou como simples penante. Aqui no Colégio Santo Antônio ele conhecera um amigo, o Marcos Konder e então, ao conseguir um emprego nos Malburg, teve aula particular com o pai de Marcos Konder, pois o velho Konder era professor vindo da Alemanha e meu pai tomou aulas de alemão com ele. O Marcos deve ter-lhe contado sobre seu pai e ele então tomou aulas. Tinha 14 anos quando chegou em Itajaí; ao fazer 18 anos foi para Curitiba e procurou um emprego na firma Hauer, uma das maiores e mais importantes de Curitiba, na época. O velho Hauer o testou; quer dizer, ele ainda não era velho, naquele tempo também ainda era jovem e disse: "Bem, o senhor vem para cá e quer um emprego comigo?" Meu pai respondeu: "Sim, quero trabalhar com o senhor". "Mas o que quer fazer?" "Isto me é indiferente, só o que quero é trabalhar com o senhor". "Então, busque-me aquele tecido lá em cima". E o pai procurou a escada, subiu e buscou-lhe o pano. Pediu outros tecidos bem rapidamente. E o pai buscou. Então o Hauer deixou cair algo e meu pai se abaixou e buscou-lhe. "Pois bem, tu podes ficar, tu serves", foi a resposta. Assim foi o teste e meu pai permaneceu quatro anos na firma, até seu 22º ano de vida. Tinha muitos amigos lá, um grande círculo de amizades, amigos que naturalmente ele mais tarde continuou a visitar. Aos 22 anos comprou uma bicicleta e foi com ela a Pomerode. Mas as bicicletas ainda não tinham freios e para descer os morros ele cortou um galho de árvore e amarrou atrás para poder frear morro abaixo. E foi com esta bicicleta que ele veio para casa de seus pais. Um dia o pai dele, meu avô, disse: "Vá até lá embaixo, até os Karstens e compre tecidos aqui para a loja". Ele se sentou na bicicleta e foi até os Karsten e todo mundo ficou parado olhando, admirando a bicicleta. Comprou os tecidos. Mas meu pai ouvira que numa das salas trabalhava uma moça bonita e ele abriu a porta e olhou para dentro; neste momento minha futura mãe estava sentada frente a uma espuladeira. Quando meu pai a olhou, ela ficou bem vermelha. Foi aí que a faísca se acendeu. Dessa maneira eles se conheceram e mais tarde ele a convidou para irem ao baile na antiga Teutônia, hoje Ipiranga. Ele então levou seu irmão mais jovem, e ela a sua irmã.

M.L. - Por que, sozinhos na época não poderiam ter ido?

C.L. - Não, mas eram então dois pares; a irmã de minha mãe seria depois a mãe de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lilly Hering. Eles então foram juntos ao baile na Teutônia. Foram de carro de mola. Depois meus pais se casaram e abriram um pequeno negócio em Pomerode. Na época ambos tinham 24 anos de idade.

M.L. - Só para saber melhor: então seu pai não quis trabalhar no negócio do pai dele?

C.L. - Não. Ele queria ir adiante, queria se fazer independente e para isto ele ainda tinha que aprender algo. Portanto, não foi mandado pelo pai, mas quis caminhar sobre seus próprios pés. O negócio em Pomerode era pequeno (ein fachwerckhaus) e minha mãe desde o primeiro dia teve que pegar pesado no trabalho.Vendiam produtos coloniais, mas era principalmente (ein Tauschgeschaeft) uma empresa de trocas em que os colonos traziam seus produtos e em troca faziam compras no Negócio. E o que eles mais traziam era manteiga, milho, aves, porco e...frutos da agricultura, taiá, batatas e aipim. Eles traziam para a venda e trocavam por outras mercadorias, tecidos, sal, trigo, açúcar e semelhantes.

M.L. - E sua mãe habituou-se a esse tipo de vida?

C.L. - Com dificuldades, mas ela pegou em tudo com afinco (Fleiss) e meu pai muitas vezes disse: "Se eu não tivesse a nossa mãe (unsere Mama) não teria chegado tão longe".

M.L. - Em realidade ela estava acostumada na fábrica e na loja era um trabalho bem diferente!

C.L. - Sim, sim, não há dúvida. E eles ainda em anexo tinham um açougue e mais tarde abriram uma "Kaeserei", uma queijaria, mas isto nos anos posteriores.

M.L. - Mas os Karsten também tinham uma colônia. O velho Karsten começou com um moinho.

C.L. - Sim, antigamente ele tinha "eine Saegemühle", uma serraria. De fato, ela estava acostumada e em casa eles eram em muitos filhos e um sempre tinha que ajudar o outro. E minha mãe, ela própria, teve seis filhos; os dois primeiros faleceram bem pequenos. E para a mãe não foi fácil; ela trabalhou duro.

M.L. - Tinha ajuda em casa?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

C.L. - Ah! Sim. Empregados havia na época. Eles não eram raros e ela sempre teve ajuda. E para os empregados da loja e os empregados da fábrica ela também fazia comida. Ela tinha as suas ajudantes na cozinha, mas supervisionava tudo. E depois vieram os filhos, um após o outro, como já disse, os dois primeiros faleceram e em seguida veio meu irmão Albrecht, depois o Victor e eu sou o 5ª filho, e por último veio mais um irmão, o Arno.

M.L. - Como foi a educação das crianças? A mesma para rapazes e moças? Também as mesmas tarefas para ambos os sexos?

C.L. - Entre nós crianças, era a mesma coisa, não foi feito diferença.

M.L. - Por exemplo, a senhora em criança, como foi educada, tinha tempo para brincar?

C.L. - Ah sim. Brincávamos muito. Muito mesmo. Eu até jogava futebol com meus irmãos, pois era a única menina e eles iam me buscar. E mais tarde quando meus irmãos mais velhos foram para o internato, primeiro aqui em Blumenau com o professor Zimmermann, bem mais tarde no Colégio Catarinense, e voltavam em férias e traziam amigos – os rapazes Gaertner, os dois Hoeschel e o Max Amaral - eu não devia brincar junto.

M.L. - A senhora tinha amigas na vizinhança?

C.L. - Sim, sim. Brincávamos muito de bonecas. Eu era uma verdadeira "Puppen Mutter" (mãe de boneca), e quando depois, aos 13 anos, tive que ir para São Paulo, no pensionato, lamentei não ter podido levar uma boneca.
Estudei primeiro na escola da colônia, tudo em alemão. Meu professor foi Karl Günther.Depois da guerra fui para o internato das freiras em Blumenau. A Escola Alemã fora fechada. Por ser protestante, sentia uma certa má vontade das freiras em relação a mim, de modo que não me senti bem naquele ambiente.

M.L. - Vejo que a senhora conhece tudo muito bem. Quem lhe contava sobre antigamente? Seus pais?

C.L. - Eu tenho uma excelente memória. A partir dos dois anos de idade me lembro de tudo.
Depois do colégio das irmãs meus pais quiseram que eu fosse estudar em São Paulo. As filhas da família Lorenz, Hertha Lorenz depois Deeke e Hetwig

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

(Hessy) Lorenz depois Schindler, também estavam lá. Fiz até o que se chamaria de ginásio e embora quisesse muito continuar, não pude concluir o "Habituar", o científico. Meus pais achavam que uma moça de 18 anos deveria pensar em casar.

M.L. - E quando voltou de São Paulo, como foi?

C.L. - Ajudei meus pais no negócio. Também nas férias sempre tinha que se ajudar. Em parte nós nos revezávamos, minha mãe e eu, uma vez ela ia para cozinha e eu ficava no Negócio e depois vice-versa. Eu tinha que saber fazer de tudo. E todos os empregados faziam suas refeições juntos, na nossa casa.

M.L. - Seu pai mais tarde fundou uma fábrica de chapéus?

C.L. - Sim. Em 1925 meu pai, junto com o Dr. Starretz – diretor de uma indústria química e junto com Rudolph Klasen abriram uma fábrica de chapéus no local onde hoje fica a fábrica de Gaitas (Brinquedos Hering), em frente à residência de Traute Zadrozny. Lá existia uma velha fundição.

M.L. - Como seu pai teve esta idéia?

C.L. - O Dr. Starretz trouxe a idéia e procurou capital para realizá-la e assim chegou a meu pai.

M.L. - Dr. Starretz era alemão?

C.L. - Sim, ele era da Alemanha. Meu pai resolveu favoravelmente a respeito da iniciativa. A fundição pertencia a Rudolph Klasen, e este foi levado como sócio, só que ele não tinha dinheiro, então meu pai deu o dinheiro. O Dr. Starretz e meu pai deram o dinheiro e R. Klasen foi encarregado de dirigir o negócio, o que não ocorreu.

M.L. - Seu pai então assumir a fábrica?

C.L. - Não, ele nunca assumiu. Isto foi assumido pelo técnico junto com um certo Olinger. O técnico era Rudolpho Leder. O Olinger depois não devia mais fazê-lo porque, me parece, ficou coletor e não podia ter um emprego paralelo. Na época a firma chamou-se primeiramente Klasen & Weege e mais tarde quando o técnico Rudolpho Leder junto de Olinger assumiu, passou a chamar-se "Nelsa" porque as filhas de Olinger se chamavam Nelly e Elsa. Mas meu

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pai ainda participava com o dinheiro. E em 1930 - neste meio tempo casei-me - meu marido fora contratado na Alemanha pela firma C. Hoepke - morávamos em Florianópolis, meu pai quis que mudássemos para Blumenau e ofereceu a fábrica de chapéus a meu marido. Este visitou a fábrica, examinou os papéis e decidiu mudar para Blumenau. Nós nos conhecemos antes e casamos em 1929 e morei um ano com ele em Florianópolis. Meus pais tinham apenas uma filha e queriam que mudássemos para cá, e assim, em 1930 esta indústria foi oferecida a meu marido e ele assumiu.

M.L. - Voltando um pouco atrás, com o que trabalhava este Dr. Starretz em Blumenau?

C.L. - Ele não fazia nada em Blumenau. Era apenas um diretor de uma fábrica de produtos químicos e nos fornecia as tintas para a fábrica de chapéus, para tingir os chapéus. Este era o seu único interesse em participar do negócio. Meu pai continuou a conduzir seu próprio negócio e mais tarde meus irmãos o assumiram.

M.L. - E sobre seus irmãos, eles também foram estudar em São Paulo ao completarem os estudos aqui?

C.L. - Meus irmãos inicialmente estiveram na Escola Alemã em Blumenau. Quando a escola foi fechada eles freqüentaram e moraram no internato do Dr. Zimmermann. Mais tarde, foram para o Colégio Catarinense em Florianópolis, internato e escola. O mais velho aperfeiçoou-se em comércio e foi para São Paulo onde abriu uma firma de representações; o 2ª foi para a Politécnica, em São Paulo, estudar química.

M.L. - Os rapazes então todos estudaram adiante?

C.L. - Sim, mas estudou de fato só o segundo, os outros aprenderam na prática. O mais novo empregou-se na Casa Alemã como comprador, e meu irmão Victor foi absorvido pela Poli como químico.

M.L. - Só a moça terminou antes e voltou para casa?

C.L. - Não que eu tenha terminado antes, mas eles não quiseram mais deixar-me fora mais tempo e meus irmãos completaram o estudo.

M.L. - Com quantos anos a senhora terminou os estudos?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

C.L. - Deve ter sido aos 17.

M.L. - Dois anos em Blumenau e 3 em São Paulo?

C.L. - Sim.

M.L. - Não entendi bem claramente o nome da escola em São Paulo.

C.L. - Stegner Ahlfeld. O nome vinha da diretora do internato, Helena Stegner Ahlfeld; ela era também diretora da "Hoehre Knaben - und Madchenschule", que depois foi unida a "Olinda Schule", ficando com o nome desta última. Após ou durante a II Guerra o nome foi modificado e a escola chama-se hoje Porto Seguro, Colégio Visconde de Porto Seguro. Este Visconde de Porto Seguro era um alemão, o Barão de Von Varnhagen e por este a escola foi chamada.

M.L. - Muitos blumenauenses estudaram lá. O Victor Hering...

C.L. - Não, o Victor não; o Ingo, sim. Primeiro ele esteve na Stegner Schule junto comigo, para depois entrar na Olinda Schule onde fez das "Einjahrige" (a anual) e depois os pais o mandaram para a Alemanha.

M.L. - Voltando, o seu marido dirigiu a fábrica de chapéus?

C.L. - Sim, ele a dirigiu até ser preso como alemão em 1942, quando o Brasil entrou na Guerra e ele teve que deixar a fábrica. Então eu mais tarde assumi o trabalho, porque o meu marido foi preso e meu pai ainda tinha o seu capital na firma e nós também. Meus irmãos, nós todos tínhamos participação e o negócio se transformara em sociedade anônima, e quando meu marido foi preso, eu assumi.

M.L. - Assumiu de fato, tudo?

C.L. - Sim, de fato, eu dirigi toda a fábrica.

M.L. - Seu estudo a favoreceu?

C.L. - Sim, eu tive uma boa formação e como fui ativa no antigo Negócio de meu pai eu sabia mais ou menos como funcionavam as coisas.

M.L. - Em geral se estabelecem diferenças entre trabalho masculino, trabalho

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

feminino, mas seu pai e seu marido tiveram confiança na senhora?

Fábrica de Chapéus Nelsa S/A
na rua São Paulo

C.L. - Meu pai me disse, ao fazer-me a sugestão: "Tu vais assumir a fábrica". "Pai, isto eu não posso", disse-lhe eu. "Sim, isto tu podes", ele me respondeu, "eu te conheço e eu sei que tu podes fazê-lo. E tu o farás e nós te daremos apoio". E foi assim que eu assumi. Em seguida convocamos uma reunião, pois na época a fábrica já era uma sociedade anônima e eu fui eleita por unanimidade. Rudolpho Leder era o diretor técnico e eu era a diretora presidente, mais propriamente, gerente. Administrei a firma e meu marido voltou no final da guerra, mas por causa desta, ele ficou muito intimidado, a ponto de não querer mais sair na rua. Esteve no campo de concentração na Trindade em Florianópolis depois de ter ficado 14 dias na cadeia aqui. Daqui então foi levado para o campo de concentração na Trindade e por meio de habeas corpus ele e mais 6 pessoas foram postas em liberdade. O Erich Bueckmann estava entre elas. Depois de alguns meses foram buscadas novamente estas pessoas e levadas a Curitiba. Primeiro ficaram em Curitiba, depois foram levadas a São Paulo. Em Curitiba moraram por conta própria em um hotel e não podiam sair de lá, e em São Paulo foram presas numa cadeia miserável, mas só por uns dias e de lá seguiram adiante para o Rio, meu marido com 6 outros homens. E eu sempre fui atrás. Primeiro estive em Curitiba, mas como ficassem lá por mais semanas, voltei de novo para casa. E depois quando foram mandados para o Rio, fui novamente atrás.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M.L. - E receberam mau tratamento?

C.L. - Não. Maltratados diretamente não foram, mas de qualquer forma estavam presos. E eu segui até o Rio. Aqui preciso contar: Primeiro estive em São Paulo, na casa do meu irmão que entrementes se casara; este me colocou no trem para que eu fosse até o Rio e teve a boa idéia de avisar o representante da firma Weege por telefone, um certo Oestreich, a quem pediu que me esperasse na estação de trem. E então Oestreich buscou-me e perguntou-me onde eu queria ir. "Bem, Oestreich, não tenho idéia", respondi-lhe, "vamos ver se tem um lugar no hotel". Em seguida telefonamos a vários hotéis e em nenhum tinha lugar, porque todos estavam ocupados por jovens americanos. Os americanos ricos, todos mandaram seus filhos para o Rio a fim de que eles não precisassem ir à guerra. E assim eles estavam todos no Rio.

M.L. - Trabalhavam aqui?

C.L. - (Sorrisos). Não, só malandravam. Então com Oestreich fui procurar um hotel, mas não conseguimos achar lugar e já era depois da meia-noite. Então, de repente ocorreu-me: Na viagem para o Rio rapidamente eu havia descido em Pomerode e fui até a casa de meus pais e meu pai veio atrás de mim, no jardim e me disse: "Aqui, leva isto ligeiro, é um endereço caso te aconteça alguma coisa ou se não souberes onde ficar; é o endereço de uma família muito boa que me foi dado há algumas semanas atrás por um casal riograndense no caso de se querer morar bem no Rio de Janeiro". Era uma pensão. Isto subitamente me ocorreu e tirei o endereço da minha bolsa e telefonei para ver se nesta pensão haveria um lugar para mim. A mulher então me perguntou como eu me chamava e eu afinal, tinha um sobrenome alemão e ela então me disse que no dia seguinte eu poderia passar na pensão. Respondi-lhe então que chegara há pouco de trem do Sul, que estava sozinha e que precisava de uma cama para aquela noite e que não poderia passar na pensão só amanhã. Ela então quis saber como eu chegara a seu endereço. Disse-lhe que era da parte daquela gente que se hospedara com ela e que haviam dado a meu pai o endereço e recomendado como uma boa pensão. "Venha então, vamos ver", disse a mulher. Mas eu falei-lhe que não poderia ir até Copacabana se ela não me desse certeza de que teria um lugar, o taxi era

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

caro. "Bem, venha, eu vou dar-lhe um quarto para esta noite", foi a resposta. Oestreich em seguida levou-me para fora de tái e eu me apresentei, ao que me disse a mulher: "Mas a senhora me disse que estava só". "Este é o representante de minha firma paterna," disse-lhe eu... (aqui pequena interrupção por Da. Cecília sentir-se muito emocionada).

M.L. - São lembranças muito pesadas? (intervalo para um café).

C.L. - Se devo contar, preciso então contar tudo. Bem, então expliquei que o representante apenas me buscara na estação e me acompanhara até aquele endereço e que já iria adiante. Depositei então minhas coisas e o representante acompanhou-me a um restaurante que ficava bem em frente à pensão para comer alguma coisa; nos sentamos de tal forma que lá da pensão nos pudessem ver assim sentados e que soubessem que nada mais aconteceria daí para frente. Depois do jantar Oestreinch entregou-me outra vez e isto já era bem depois da meia-noite, e eu dormi o restante da noite na pensão. No dia seguinte perguntei se poderia telefonar e liguei para Adolpho Konder, não sei bem se na época ainda era senador. Liguei para Adolpho Konder e a mulher (da pensão) que queria saber quem eu era, então me espionou, me observou e quando eu perguntei se o Dr. Adolpho Konder estava e falei quem eu era - a filha de um amigo dele de Blumenau - ele me atendeu e eu perguntei se poderia receber-me. "De que se trata", perguntou-me. Respondi: "Dr., eu não quero falar no telefone, prefiro que me receba, pelo que lhe serei grata". Depois descobri que os donos da pensão em que me hospedei, tinham amigos, os quais por sua vez tinham amizade com Adolpho Konder e foi por isto, pelo que falei no telefone, - filha de um amigo de Adolpho Konder - a mulher logo se acalmou.

M.L. - Os tempos eram perigosos para todos?

C.L. - Horrível. Foi uma época horrível durante a guerra, pois se era olhado de viés de todos os lados, a "5º coluna". Então fui até Adolpho Konder e contei-lhe sobre o meu marido. Na minha presença ele pediu ligação telefônica com o chefe de polícia e disse-lhe umas boas verdades (und dan hat er den Polizeichef furchtbar runter gemacht): O que lhe ocorria enfim, de prender pessoas que nada mais haviam feito no Brasil que trabalhar toda a sua vida? Como puderam fazer isso? Que era uma vergonha e assim por diante, e disse-lhe fortemente a sua opinião e, de que se tratava daqueles sete homens de Blumenau e de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Brusque. Pois bem, para mim o Adolpho em seguida disse que eu voltasse de vez em quando. Assim eu fui praticamente todos os dias visitar meu marido, condição que Adolpho Konder logo estabelecera frente ao chefe de polícia: "Ela virá todos os dias e não quero saber de vocês não a deixarem entrar", disse ele. Sim, pois eles estavam na Central, numa sala ampla, sem grades ou coisa parecida. Eles eram detentos. A comida, tinha que mandar buscar e naturalmente, pagar por conta própria. De minha parte eu sempre levei muitas frutas. Mais tarde também vieram as mulheres dos outros para o Rio, entre elas a Ruth Conrad que morou comigo na pensão. Os homens, por fim, deveriam seguir para a Ilha Grande, mas Adolpho Konder se virou por tanto tempo, conduziu a coisa de tal forma que após 17 dias eles os soltaram. Por influência do Adolpho Konder e naturalmente pela minha insistência, pois eu não saí de lá, tendo inclusive dito, que eu não iria embora sem conseguir liberá-los.

M.L. - Que ótima personalidade a Sra. tem, Frau Lischke, tão saudável e positiva.

C.L. - Sim, a gente tinha que ser assim, ouvir a necessidade e não o impulso individual.

M.L. - Bem, isto deve ter feito parte da sua educação, de todo aquele meio, pois conheci aqui mais pessoas da sua idade assim tão positivas e não daquele jeito "Ah! Não sei, não quero, não gosto". É esta mensagem de luta que eu gostaria de deixar para as mais jovens.

C.L. - Pois bem, eu fui novamente embora (do Rio) e meu marido conseguiu depois acolhida na casa de um amigo. Não sei se lhe faz sentido o nome Jutha Feddersen, casada com um certo Langrehr, na época noivos. Langreher ficara com o apartamento de um diretor da Hermann Stolz, preso na Ilha Grande. Este era também um alemão que naquele tempo tinha a "Hamburgsüd" e neste apartamento morou e cedeu um quarto a meu marido. Repartiram as despesas. E eu, quando ia até o Rio, também podia morar no apartamento. Mas só por uma vez fiquei mais tempo, depois não fui mais até lá. (Ver dados pessoais de Kurt Lischke no final da entrevista).

M.L. - Na época, já tinha filhos?

C.L. - Não, eu só tenho a Ellen, minha filha que criei, pois não tenho filhos próprios.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ellen Jone Weege -1933

Ela é a filha mais velha de meu irmão mais velho e perdeu a mãe quando tinha um ano e cinco meses. Primeiro minha mãe ficou com a menina, porque eu morava em Florianópolis. Mais tarde passei a morar em Blumenau, na casa do Victor Konder. Moramos dois anos na Vila Konder, até que minha casa atual estivesse pronta e depois mudamos onde moro agora, em março de 1933. A construção foi começada em 1932. Esta casa onde estamos meu pai construiu. Ele construiu para cada filho uma casa; deu a cada filho um carro; e presenteou cada filho com uma geladeira, o que naquela época era novidade.

M.L. - Mas cada um podia escolher como construir?

C.L. - Deu a cada filho um pacote de ações – quatro filhos – tendo ele ficado como majoritário. E então também cada filho tinha sua conta corrente na firma e nesta tudo que consumíamos era anotado. Pois bem, minha casa naturalmente foi mais cara que a de meu irmão em Pomerode; e meu irmão em São Paulo gastou mais do que eu gastara para a minha em Blumenau e o mesmo ocorreu com os carros e tal. Quando nós precisávamos de dinheiro igualmente emprestávamos de meu pai. Nós, porém pagávamos de volta o que havíamos emprestado de meu pai. O restante dos gastos que corriam na conta corrente, eram acertados no final do ano com dividendos. Todos os bens de consumo (alimentos) que eu precisava para a minha casa sempre os recebia fornecidos pelo Negócio de meu pai. Às terças-feiras vinha um homem e anotava o pedido e às sextas-feiras era fornecida a mercadoria. E eu nunca pensei em colocar dinheiro líquido sobre a mesa, no final do ano tudo era acertado com os dividendos. Isto sempre foi muito prático para nós. E de grande valor. Meu pai ajudou a todos nós, filhos, muito.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M.L. - Achei interessante que seu pai tenha dito "Você vai dirigir o negócio", com dois irmãos em São Paulo?

C.L. - Não, só um. Os outros dois estavam no Negócio em Pomerode. Bem, ele disse que eu conduziria a firma porque era o meu marido quem estava preso e era ele quem havia assumido a fábrica de chapéus. E foi por isto que meu pai disse: "Tu podes fazê-lo". Ao que eu respondi: "Pai, eu tenho um certo receio, não sei se posso..." "Não, tu podes, eu sei que tu podes e tu assumirás".

M.L. - Ele demonstrou ter toda confiança. A senhora tinha muita afinidade com seu pai?

C.L. - Sim, eu me entendia muito bem com o meu pai.

M.L. - Ele não era muito autoritário como os homens costumavam ser antigamente?

C.L. - Não. Absolutamente não. Meu pai em relação a mim sempre foi muito acessível. Minha mãe era muita fechada. Era uma mulher muito, muito inteligente e trabalhadeira. Só que não escolada. Escola, principalmente as mocinhas não tiveram como deveriam ter tido. Minha mãe ia da Cia. Karsten, lá em cima, pelo picadão, pelo mato, a cavalo até a escola Badenfurt. E levava atrás no cavalo a sua irmã pequena. Assim ela montava para a escola. E os pais e os alunos podiam estar satisfeitos de aprender a ler, contar e escrever. Talvez fossem à escola mais do que de 3 a 4 anos. Mas minha mãe não teria precisado de uma escola muito boa porque ela era muito inteligente. A minha mãe era uma mulher muito, muito inteligente.

M.L. - E os irmãos dela, eles puderam freqüentar a escola aqui na cidade?

C.L. - Não, eles todos foram a Badenfurt, a cavalo pela mata virgem. O mais velho era bem mais velho que minha mãe e o mais moço, bem mais moço. Acho que eles deviam ter tido uns 10 filhos e minha mãe estava mais ou menos no meio. Naquela escola, em Badenfurt, também Lauro Müller começara a aprender. Ele freqüentou essa escola, mas naturalmente, antes da minha mãe. Ele era mais velho, não sei porque razão estudou nessa escola, creio que os pais devem ter morado na região certo tempo. Minha mãe sempre dizia: "Eu estive na escola em que antigamente também esteve Lauro Müller".

M.L. - Antigamente os pais eram muito severos...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

C.L. - Eu sempre me entendi muito bem com o meu pai. Também quando ele ficou doente a quem ele primeiro chamou foi "Cilly". Então ele precisou ir ao médico em Curitiba: "Tu vais junto, Cilly". E quando ele foi operado em São Paulo: "Tu ficarás comigo". Ele era apegado a mim.

M.L. - Quando a senhora voltou de São Paulo seus pais queriam que se casasse, bordar a senhora já sabia, chegou a trabalhar então em seu enxoval?

C.L. - Não, não fiz eu mesma o meu enxoval, só os trabalhos manuais, isto sim, mas para trabalhos de costura tínhamos uma costureira que vinha em casa e que fez meu enxoval. Isto, porém, só quando eu já estava noiva.

M.L. - E sua mãe orientou tudo?

C.L. - Não, ela não teve muito que dizer, pois eu já tinha a minha própria cabeça.

M.L. - E depois quando a senhora passou a trabalhar na fábrica, isto lhe foi fácil?

C.L. - Não, me foi muito pesado, pois quase só havia homens, e estes, primeiro tiveram que se acostumar com o fato de seu chefe ser uma mulher. Só tínhamos uma divisão, na qual os chapéus eram costurados, quer dizer, as fitas de chapéu, "schweissleder", (couro para impedir que o suor escorra), que era um trabalho feito por mulheres. Mas eu passava assim mesmo pela fábrica todos os dias por onde trabalhavam os homens e em cada divisão conversava com os chefes e me saí otimamente bem com eles. Eles tinham consideração por mim e sempre me saí muito bem. Não posso me queixar e na fabricação eu não era diretamente responsável, tínhamos o diretor técnico; e no escritório, nos negócios propriamente, eles também me respeitavam.

M.L. - Foi-lhe fácil assumir os negócios, as negociações enfim?

C.L. - Eu tinha um co-diretor, Antônio da Veiga, que supervisionava e administrava a contabilidade e as finanças.

M.L. - Mas a senhora entendia de tudo?

C.L. - Sim. Eu cuidava de tudo. Tive que aprender alguma coisa, muita coisa, porque para muitas eu não estava pronta, mas me impus, também nas decisões para o futuro. Nós tínhamos, por exemplo, assinado uma revista da América, é verdade que em língua inglesa, mas tanto inglês eu tinha aprendido na escola,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

e esta revista sempre acentuava que a moda dos chapéus iria cair; tal sempre era citado na revista e por isto nós sempre ficávamos a decidir o que fazer se a moda de chapéus desaparecesse. Foi mais ou menos por volta de 1945-50. Em 1950 comprei uma casinha de madeira em Camboriú e minha mãe passou férias comigo lá. Meu pai nesse meio tempo já falecera. Foi quando ela me falou que gostaria de ir mais uma vez para a Alemanha. E eu acrescentei, que se desse esse luxo, que ela deveria ir se quisesse. "Mas eu não posso fazê-lo sozinha", disse-me ela. "Então deves levar alguém", acrescentei, a família é grande, podes levar alguém. "É, mas se eu levar alguém, este alguém só pode ser tu", foi a resposta. Ao que disse novamente: "Não posso simplesmente sair do negócio, sobre isto preciso ponderar muito bem". Apresentei o assunto na fábrica e fui encorajada a viajar, com a condição, no entanto de levar minha filha Ellen junto. Eu não queria deixá-la sozinha em casa. Ela ainda era uma moça nova, de uns 19 ou 20 anos. E assim nós fomos para a Alemanha, não sem antes eu ter dito a minha mãe: "Mama, se eu for junto, quero ter tempo de procurar alguma coisa - um ramo paralelo para a Nelsa - pois a moda dos chapéus morre passo a passo e sei que um dia teremos de fechar, portanto temos que nos virar para achar um substituto. Este tempo tens que me deixar". "Naturalmente", foi a resposta. E nós tínhamos, meu marido e eu, um bom amigo em Stuttgart que antigamente trabalhava na Cia Hering. Fui ao encontro deste e disse: "Tens que me acompanhar na procura de máquinas e que fabriquem este artigo. E mostrei-lhe o artigo. "Como chagaste a ele?", perguntou-me. "Isto é roupa que eu sempre mandei vir da Alemanha", falei-lhe. Em 1927 eu estivera com meus pais na Alemanha e lá já comprara este tipo de roupa. Depois, mandei vir regularmente, mas com a última guerra, ela não entrou mais. E foi assim que comecei a procurar por "Feinrippware" que não existia no Brasil - ninguém fazia roupa de "Feinrippware". Vi as máquinas, conversei com o pessoal sobre elas e meu amigo também me deu o conselho de que era certo o que eu estava escolhendo. Para tanto era possível trabalhar com fio tinto, não sendo necessária uma tinturaria. Em seguida fui para casa com todos os prospectos e me decidi a comprar quatro máquinas: 3 "Feirippmaschine" e um tear circular. Assim nós começamos. As máquinas importadas da Alemanha chegaram em 1952. Esta pequena malharia deveria ter sido agregada à fábrica de chapéus; mas nós tínhamos acionistas, acionistas maiores que disseram: "Se a senhora fizer isto, então eu venderei minhas ações". E se eu tivesse que comprar aquelas ações, teria precisado de muito

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dinheiro; e foi assim que pensei então poder comprar eu mesma as máquinas sem precisar da "Nelsa"; isto é, então abrir um ramo paralelo. Daí comprei as máquinas que constavam com um prazo de dois anos para a sua liberação; em 1952 elas foram encomendadas e em novembro daquele ano elas chegaram, sendo que a firma foi registrada em março de 1953. Nós logo começamos a trabalhar, primeiramente em algodão, tinto para nós pela Cia Hering e depois começamos com rayon. Para isto não precisávamos de tinturaria e foi tal o "Schlager", tal o sucesso, que nem dávamos conta de fornecer o suficiente. A saída foi tanta, nós tínhamos incrivelmente muitos pedidos de todos os lugares: São Paulo, Rio, Curitiba, Porto Alegre... logo nomeamos representantes para todas as cidades.

M.L. - Eram os mesmos que para os chapéus?

C.L. - Não, bem outros, uma linha totalmente diferente. Na fábrica de chapéus, meu genro que era técnico, assumira a direção. Eu o mandara para a Alemanha onde esteve em diversas fábricas de chapéus para aprender e esteve inclusive na Itália, nas grandes fábricas de chapéus, no caso, Borsalino. (Aqui cabe a observação de que Dª Cecília diz este nome com sotaque italiano perfeito, muito bonito). Ao voltar a Blumenau continuou a dirigir a fábrica.

M.L. - O sobrenome Vollmer, de seu genro, é de uma família blumenauense ou alemã?

C.L. - Os pais ainda eram "Reichsdeutsche" e Harald, pouco antes de irromper a guerra fora com seus pais para a Alemanha, ficando eles presos lá durante toda a guerra. Meu futuro genro Harald, que depois casou com Ellen, aos 14 anos trabalhou na Flack alemã, uma função muito difícil. Não era fácil para aqueles jovens que tinham que acender o fogo dos canhões que deveriam abater aviões quando estes se aproximavam em vôo. Nesta divisão ele trabalhou como "Flack-soldat", apesar de ser brasileiro, porém nascido de pais pertencentes ao "Império alemão". Quando ele voltou ao Brasil estava em atraso com o serviço militar brasileiro e foi castigado, ou melhor, teve que servir ao nosso quartel em Blumenau. Começara a trabalhar na fábrica de chapéus ainda solteiro, depois ele e Ellen se casaram e Harald permaneceu na fábrica. Aqui na frente da minha casa existiam duas pequenas casas alugadas e quando os inquilinos saíram instalamos nelas a fábrica Maju.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M.L. - Que horas começava o seu dia?

C.L. - Na fábrica de chapéus de manhã eu era a primeira a chegar e à noite eu era a última a sair. As 6h 30min eu ia para o outro lado (na fábrica em frente à residência) – normalmente começava às 7:00 horas, mas eu chegava em tal hora que ajudava a abrir o escritório e de noite eu também era a última a fechar. Mas depois quando meu genro entrou, ficou diferente. Na malharia, por assim dizer, de manhã eu também era a primeira e à noite a última. É que eu fazia todos os trabalhos. Eu cortava, empacotava, quer dizer, no primeiro tempo eu empacotava sozinha, eu fiz montar uma mesa no escritório e neste eu embrulhava a mercadoria, e depois quando ficou demais, quando eu não dava mais conta, tive ajuda. Eu tinha um único empregado no escritório, um único homem na tecelagem e duas costureiras e uma talhadeira. Assim eu comecei. E na tecelagem nós tínhamos um moço da Alemanha, contratado por dois anos. Este montou e pôs em funcionamento as máquinas.

M.L. - A senhora falou que havia uma vida cultural ativa em Blumenau antigamente. Que quando solteira, certa ocasião veio toda noite assistir teatro em Blumenau. Era companhia local?

C.L. - Eu me referi à Deutsche Teather und Operetten Gesellschaft Marzell u. Urban, e esta durante uma semana e creio que até mais, apresentou toda noite uma opereta. Para vê-la, meu irmão e eu viemos todas as noites de Pomerode a Blumenau para assistir operetas. E isto queria dizer muito porque as estradas eram péssimas.

M.L. - Vinham de carro? Aliás, já existiam carros por aqui naquele tempo quando a senhora ainda era solteira?

C.L. - Sim, eu era solteira e já existiam carros. Eu tinha entre 17 e 19 anos, não sei bem em que ano foi.

M.L. - De acordo com o que li na Blumenauer Zeitung quando uma vez veio uma companhia de teatro a Blumenau a própria Estrada de Ferro deu passagens gratuitas para que os colonos mais distantes pudessem vir. Isto quer dizer que as colônias ainda mantinham contato com a Alemanha e hoje não há mais nada disto.

C.L. - Sim, isto passou. Pela guerra isto passou inteiramente. Só há um mês atrás,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

depois de muitos e muitos anos é que apareceu uma companhia de teatro alemã por aqui. Antigamente tínhamos aqui com freqüência companhias de teatro, de operetas e nosso próprio teatro fazia suas apresentações. Quando eu era mocinha e depois quando casada tomamos parte em apresentações, meu marido e eu. Nós dois, por exemplo, apresentamos uma opereta "Das Winzrliese". Foi um divertimento enorme também para nós que tomamos parte e a peça foi muito bem aceita e tudo funcionou fantasticamente sob a direção de Heinz Geyer. Foi um sucesso enorme e nós apresentamos esta opereta algumas vezes. E também foram encenadas peças de teatro como, por exemplo "Alt Heidelberg" onde Kaethe Werner teve o papel principal. Naquela época fazia-se muito teatro, quando Nanny Poettig tinha a direção do teatro; mas não no caso da "Winzrliese", dirigida por Heinz Geyer.

M.L. - Era uma oportunidade das pessoas expressarem seus sentimentos e tal, não é?

C.L. - Sim.

M.L. - Lê-se por tudo nos antigos jornais que a vida social daqui era muito calorosa.

C.L. - E muito ativa, muito ativa, sempre tinha alguma coisa. Se não havia apresentação ou concerto, o nosso "Club Musical", o atual "Musik Verein" do Carlos Gomes sempre se encarregava de executar alguma coisa.

M.L. - E, de repente, veio o corte, por causa da guerra.

C.L. - Sim, veio o corte e tudo parou quase que completamente.

M.L. - Como já lhe falei, em um recente "Kraenzen" de mulheres blumenauenses com quem me dou, Rothraut Hering, Gisela Nebelung, Heloisa Kuhn, por exemplo, comentaram que suas sogras são muito fechadas, até inibidas... e eu então disse que este traço não vinha de antigamente. A senhora afirma que foi devido à guerra?

C.L. - Não exclusivamente. Todas também foram ficando mais velhas.

M.L.- Mas por que os filhos, a nova geração não levaram isto adiante?

C.L. - Pela guerra o falar alemão fora proibido e assim muitos dos jovens não aprenderam mais o alemão. Aqui depois da guerra criou-se um novo grupo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Brusque. Estivemos também no casamento da Inge com o Cid Mattos *. Depois do casamento viajei de trem com os pais do Cid para São Paulo a fim de passar algumas semanas com minha antiga "mãe de pensão". Eles me levaram junto, eu não era para viajar sozinha e eles se prontificaram imediatamente a me levar. Fomos de trem, no carro leito. Naquele tempo era tudo tão complicado; ia-se bem cedo até Jaraguá e de lá se tomava o comboio para Curitiba ou então se desembarcava em Serrinha onde se pernoitava num hotel terrível, para no dia seguinte, às dez horas, quando o trem vinha de novo de Curitiba, ir adiante. Viajava-se a partir de lá o dia todo, a noite toda e no dia seguinte, às 11 horas, o trem chegava em São Paulo. De certa maneira estava-se dois dias e duas noite em viagem; a estrada-de-ferro cuja construção era paga por quilômetros fora feita em serpentina...; e junto ainda esse pó, essa fuligem, pois a locomotiva era posta em movimento com lenha.

M.L. - Antigamente usava-se um "Staubmantel" (guarda-pó).

C.L. - Minha mãe mandou-me fazer um "Staubmantel" abotoado até em cima e eu então sacudia todo o pó, toda a sujeira do carvão... E, na cabeça eu não usava um chapéu, mas um lenço.

M.L. - E nesses piqueniques em Brusque, o que chegavam a fazer, ficavam só dentro de casa?

C.L. - Eles nos mostravam as fábricas; mesmo sendo domingo, íamos lá para fora nos Bueckmann que moravam perto da fábrica, e também tínhamos que ir ao velho Cônsul dizer boa tarde; na casa dele estava a Goucki-Mama; esta procura também em Baden-Baden. Não sei se por acaso ou se fora combinado, também encontramos o casal Augusto Bauer num hotel em Baden-Baden e então fomos juntos visitar a Goucki-Mama, o Cônsul... Era belíssimo... Eles tinham uma vila maravilhosa em Baden-Baden. Quem nós visitamos lá também foi o antigo chefe do meu pai, o velho Hauer de Curitiba. Este igualmente tinha uma vila em Baden-Baden onde se chegava subindo um morro cujo acesso nos disseram de antemão, podia ser reconhecido por uma grande placa onde estava escrito – Vila Curitiba.

M.L. - Ocorreu então que mais pessoas do nosso meio tivessem vilas em Baden-Baden?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

C.L. - Eu só sei dos dois, do Cônsul Renaux e de Franscisco Hauer de Curitiba.

M.L. - E Francisco Hauer também era Cônsul?

C.L. - Não, ele já estava aposentado, já entregara seu negócio e viera a Baden-Baden para o crepúsculo da sua vida.

M.L. - Suas lembranças a respeito de meu bisavô, tia Maria, tia Sophia, bem a senhora ainda era jovem, mas qual a sua impressão?

C.L. - Achei maravilhosos; também a maneira como a família Renaux se dava e se mantinha unida; quer dizer, a maneira de quando estávamos de visita ao casal Bauer ou ao casal Otto Renaux, de se dizer: "Hoje vamos visitar a Goucki-Mama ou os Bueckamann" E então éramos convidados numa ou noutra casa para o café... eles nos conduziam por tudo e eu era a única jovem no meio. Lembro-me, uma vez nos encontramos e os Ritter foram conosco; Chales Ritter da Casa Hoepcke e nessa ocasião nós fomos até lá fora em Azambuja e eles queriam ver o hospício. Eu não quis entrar junto, mas a Fanny Ritter disse: "Vamos, entra junto, isto não te fará mal". Mas depois que vi aquilo tudo fiquei muito esgotada, com os nervos muito abalados, tudo aquilo achei simplesmente horroroso... horroroso. Chegamos a ver um jovem senhor de uma família bem conhecida, cujo nome não quero citar e que estava na camisa de força; ele estava furioso e estava numa cela pequena dentro da qual só se podia olhar do alto. Isto foi horrível, horrível. Meus pais estavam juntos, mas eu era a única jovem no meio, todos os demais eram casados . A impressão que tive foi horrível.

M.L. - Mas antigamente então era moda que as pessoas conhecidas se visitassem?

C.L. - Sim, sim. Os brusquenses também vinham a Pomerode nos visitar, fazer "passa-dia." Só que em Pomerode não havia tanto para mostrar, mas nós convivíamos e passávamos horas muito agradáveis. E até me lembro quando eu já era casada há tempo, o costume era passar o domingo na casa de minha mãe que naquela ocasião já estava só, e num desses domingos à tarde uma vez apareceu a Da. Selma (Renaux) Gommersbach e ela chegou justamente na hora do café dizendo: "Bem que eu pensei que vocês estivessem sentados na mesa do café". Ela trouxera consigo Alvina (Renaux) e brincou a respeito

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

com ela, bem certinho na hora do café... é que, como disseram elas, queriam passear um pouco e optaram por Pomerode.

M.L. - E vocês, com toda a mercadoria de que dispunham deviam ter uma mesa muito rica.

C.L. - Sim e minha mãe para os domingos sempre mandava fazer bolo, pois meu marido e eu íamos lá com muita freqüência.

M.L. - Mandava fazer bolo? Este não era feito em casa?

C.L. - Mandado fazer em casa por seus empregados.

M.L. - Que tipo de bolo?

C.L. - Muito "Hefekuchen", cuca de fermento; e minha mãe era entusiasmada pela "Marmortorte", torta de mármore que era um "Topfkuchen" com chocolate, enfim, preto e branco.

M.L. - Este ainda se faz hoje, mas ela tinha alguma receita especial?

C.L. - Sim, tinha uma receita especial.

M.L. - Então os domingos eram dias de visita. Jogavam-se cartas também?

C.L. - Não, minha mãe não jogava nada de cartas.

M.L. - E o Jardim Zoológico de Pomerode, quem fundou?

C.L. - Meu pai. Desde que nós éramos crianças sempre tivemos animais. Tínhamos antas, pequenos veados, "goldhaeschen" (cotias), quatis, papagaios, jaguatiricas, jacuaçus, pavões e tudo foi crescendo, crescendo até que o pai decidiu tirar uma certa área dos pasto e arranjá-la de maneira que os animais aí pudessem andar livremente, pois antes estavam presos num espaço muito pequeno, o que desagradava a meu pai. Assim ele cercou uma parte maior e no centro instalou uma lagoa de peixes e neste novo espaço colocou os animais. Isto era seu hobby. Em 1932 foi fundado o Jardim Zoológico, no lugar onde ele hoje se encontra. Depois ele adquiriu leões, recebeu jaguatiricas, comprou onças pintadas e antas. Também tínhamos aquela grande raposa do campo, os guarás, também diversos macacos; uma vez tivemos um mico albino e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

uma jararaca albina, totalmente brancos.

M.L. - Este hobby seu pai desenvolveu aqui ou ele trouxe a idéia da Alemanha?

C.L. - Não, aqui, o que não quer dizer que ele não tivesse visitado outros jardins zoológicos. Quando meus pais estiveram na Alemanha em 1927 e me levaram

junto, nós fomos a todos os "Tiergarten", no maravilhoso zoológico de Berlim, em Hamburgo no "Hagenbeckpark", e tudo isto era muito interessante para meu pai que tinha grande amor pelos animais. Então em 1932 foi finalmente registrado o nosso zoológico.

Jardim Zoológico de Pomerode

M.L. - Vocês certamente contavam com os restos do açougue.

C.L. - Naturalmente, senão ele nem poderia ter feito. Todos os restos do frigorífico iam para o zoológico, o que ainda hoje é assim. Aliás, hoje temos ajuda da municipalidade, não sei bem se do Estado também e foi feito um convênio com a FURB, para estudo com os alunos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M.L. - E quem conduz isto adiante?

C.L. - Meus dois sobrinhos, Armin e Jost Weege.

M.L.- A senhora fala tanto nas idas de seus pais para a Alemanha. Estas viagens eram freqüentes?

C.L. - Meus pais fizeram sua primeira grande viagem juntos no seu casamento de prata para a Argentina, para onde me levaram junto, porque eu era a única filha moça. Estive também com eles no Rio, a todo lugar eu ia com eles, pois os meus irmãos, estes sempre tinham uma outra coisa para fazer. Eles simplesmente saíam, jogavam seu futebol e assim por diante. E eu então sempre ficava sozinha por ser a única moça e assim meus pais me levavam junto. E com isto vi muito e aprendi muito; assim também a viagem para a Argentina foi muito interessante para mim. A partir de São Francisco viajamos com um navio alemão até lá e voltamos de Buenos Aires até o Rio de Janeiro com o "Cap Polônio".

M.L. - Estes navios da linha "Cap" eram tidos como muito luxuosos.

C.L. - Sim, eram muito elegantes. Em 1923 eu ainda estava no internado em São Paulo e meus pais também me buscaram durante as férias e foram comigo até o Rio onde assisti à grande tempestade da maré quando esta chegou até o palácio do Catete arrebentando tudo, toda a beira-mar. Estávamos a alguma distância para assistir e eu ainda tenho fotos. Isto foi um acontecimento impressionante para uma moça tão jovem como eu naquele tempo. Eu nunca vira uma coisa assim e o próprio mar ainda me era estranho.

M.L. - Por aqui não se ia para praia?

C.L. - Sim, mas Armação era uma praia mansa e também Cabeçudas. Cabeçudas foi a primeira praia que eu conheci.

M.L. - Vocês se hospedaram no hotel Zwoelfer?

C.L. - Normalmente no Herbst.

M.L. - Na Tilly Herbst?

C.L. - Sim, mas para lá eu ia com meus irmãos. Descíamos aos sábados e na Vorstadt,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

em Itajaí, já tínhamos que pôr as correntes no carro de tão terrível que era a estrada.

M.L. - Mas no caso de seus pais, a primeira grande viagem deles juntos foi para a Argentina. Isto quer dizer que quando mais jovens eles não iam sempre para a Alemanha?

C.L. - Não, não. Na Alemanha eu só estive uma vez com meus pais. E meus pais não retornaram mais à Alemanha, apenas eu ia constantemente com meu marido.

M.L. - O que se sabe de seu pai é que ele tinha uma forma de pensar avançada, até em coisas como a aquisição precoce de um automóvel e tal.

C.L. - Sim. Ele sempre foi pelo progresso e sempre o que saía de novo o interessava.

M.L. - A senhora já mencionou que ele comprava todos os jornais disponíveis.

C.L. - Todo jornal. Nós tínhamos uma montanha de jornais em casa. Ele levantava às 4:00 horas da manhã porque as pessoas antigamente começavam a trabalhar muito cedo; pois bem, ele levantava à 4, caminhava por todo o Negócio para ver o que estava sendo feito e o que deveria ser feito e então voltava para casa, tomava café e lia os seus jornais. Às 9:00 horas quando o pessoal fazia o seu lanche ele ia de novo pelo Negócio e assim ele tinha suas boas horas, as de trabalho e as que hoje se chamam de horas de lazer. Minha mãe por sua vez se ocupava muito com o Negócio.

M.L. - Ela também lia jornais?

C.L. - Não, praticamente eles eram todos em português com exceção do Der Kompass, da Blumenauer Zeitung e do Urwaldsbote que ela lia; mas os jornais brasileiros ela não lia. Já o meu pai falava perfeitamente o português e portanto ele lia todos esses jornais.

M.L. - E por isto ele tinha uma mente tão aberta?

C.L. - Sim, ele tinha uma visão ampla e sabia tudo o que ocorria pelo mundo, o que acontecia aqui, o que acontecia lá. Relatos como o naufrágio do Titanic ou mais tarde da Princesa Mafalda, tudo isso se ficava sabendo pelos jornais.

M.L. - Ele era uma exceção neste sentido, aqui na nossa região?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

C.L. - Entre nós em Pomerode ele era uma grande exceção. Mas por outro lado em Pomerode nós tínhamos uma estação de criação de gado dirigida pelo barão Victor von Westarp e este vinha até meu pai e eles se sentavam juntos no banco diante do Negócio e se entretinham durante horas em conversa, pois o barão era um homem de cultura e um homem viajado, mesmo sendo ele provavelmente um filho perdido, afastado da Alemanha. Gente como ele naquele tempo era simplesmente mandada embora. Nas famílias aristocráticas, se o filho não tivesse as mesmas ambições, era visto como "filho perdido" e como tal desprezado. E este deve ter sido o caso.

M.L. - A senhora quer dizer, caso esses nobres não acompanhassem os Negócios?

C.L. - Na família, se tivesse feito alguma coisa que saísse dos padrões era desprezado. O barão só tinha um olho, só que nunca revelou porque e a gente nunca ficou sabendo o que ocorrera. Não me lembro bem sob que circunstância veio parar aqui, creio que pela família Konder, tendo assumido a estação de criação de gado em Pomerode. A mulher dele era muito bonita, nascida Breithaupt, não sei se nobre, se era uma von Breithaupt.

M.L. - Já que estamos falando de outros países, a senhora acha que aqui no sul, em Santa Catarina, nós temos certas peculiaridades?

C.L. - Ah! Sim. O sul do Brasil não é de se comparar ao norte. Talvez fosse melhor para o país se mais sulinos chegassem ao governo, mas quem aqui quer assumir esse cargo? Ninguém.

M.L. - Fundamos então aqui uma cultura que, por exemplo, diverge de outras partes do país?

C.L. - Certamente.

M.L. - E hoje ainda é possível comparar a nossa região com a Alemanha?

C.L. - Não. A Alemanha hoje não é mais a Alemanha de antigamente. A Alemanha mudou muito.

M.L. - Mas no trabalho eles lá mantêm a mesma disciplina; e palavra entre eles ainda é palavra. Portanto, em certos aspectos ainda é a mesma Alemanha.

C.L. - Sim, ainda é assim.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M.L. - A família, por exemplo, hoje se reduz a pai, mãe e filhos lá e isto representa uma mudança. Mas já que falamos sobre a família, a senhora disse que se casou em 1929. Que idade tinha na época? Aliás, creio ainda nem ter perguntado quando a senhora nasceu.

C.L. - Nasci em 1907 e tinha 22 anos ao casar-me. Meu aniversário é no dia 9 de maio.

M.L. - Bem, a senhora saíra da escola em são Paulo e seus pais disseram que era tempo de pensar em casamento?

C.L. - Não, nisto me entendeu mal. Meus pais nunca fizeram pressão com relação ao casamento, mas eles não queriam que eu assumisse qualquer profissão. Eu deveria ajudar no Negócio, nós tínhamos uma freguesia muito grande e eu fazia todo tipo de trabalho, o que talvez, depois de eu ter estado num internato tão bom, não tenha sido a coisa bem certa para os meus pais, o fato de eu no Negócio ter de fazer tudo, fosse a venda de óleo, ou de sal e pimenta. Ou ainda ter que carregar a mercadoria até a carroça dos colonos, tal como eles exigiam; tudo isto talvez não estivesse bem em ordem, meus pais talvez não o devessem ter feito, não acha?

M.L. - Mas mais tarde se revelou tudo o que a senhora vira e aprendera. As coisas em geral não surgem assim na hora.

C.L. - Sim, é verdade. Mas o Negócio, os colonos...

M.L. - Como eram eles afinal?

C.L. - Alguns muito agradáveis, outros muito mal educados e isto se acentuava ainda mais por eu justamente ter sido uma moça com estudo e é isto que me aborrecia.

(Intervalo para a hora do café onde, entre as delícias servidas num típico "Wintergarten" blumenauense, foi apresentada uma torta à base de "Murbeteig", massa podre, com pessegos cozidos em cima e creme chantilly).

M.L. - Há pouco falávamos sobre doenças femininas e neste ponto, para um estudo sobre a mulher cabe perguntar: Antigamente, de que padeciam as mulheres? No tempo de sua mãe, havia determinadas doenças das quais sofriam as

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mulheres ou não é possível sabê-lo?

C.L. - Isto não se pode dizer. Minha mãe pessoalmente, foi sempre uma mulher cheia de forças. Ela deve ter tido reumatismo e tal, mas alcançou quase os 90 anos. Ela morreu em março de enfarte do coração e em abril teria feito 90 anos. Meu pai não, este sofreu muito, teve câncer durante três anos, câncer dos rins e já faleceu em 1947 com 69 anos. Poucos meses depois teria completado os 70 anos.

M.L. - E a senhora falou-me que sua mãe perdeu os dois primeiros filhos. Eles nasceram antes do tempo ou o que se passou?

C.L. - Não, creio que não, não sei bem, mas creio que não. Antigamente era tão difícil, as pessoas não dispunham de médico.

M.L. - E as crianças nasceram em casa?

C.L. - Sim, todas.

M.L. - Mas deve ter havido parteiras muito boas.

C.L. - Normalmente eram mulheres bem simples.

M.L. - Mas conheciam sua profissão.

C.L. - Sim, mas só no caso de não haver complicações. Caso um nascimento apresentasse complicações, elas também não tinham como ajudar. Não era assim tão simples.

M.L. - Em sua educação foi-lhe transmitido por sua mãe o que sucede com uma mulher adulta, por exemplo, as "regras" ou sobre este tipo de assunto não era falado?

C.L. - Isto ela me transmitiu quando eu fui para São Paulo, mas aí naturalmente eu já sabia há muito tempo, pois isto outros contaram para a gente.

M.L. - Este foi o meu caso. Ouvir de amigas, pois minha mãe tinha inibições para sentar-se comigo e explicar claramente o assunto. Mas a sua mãe falou com a senhora?

C.L. - Minha mãe teve que juntar o material para o meu enxoval de internato, só que eu ainda não estava fisicamente pronta neste sentido e ela me explicou

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

então o que sucederia. Aí eu lhe disse: "Ora mãe, isto eu já sei há muito tempo". Ocorreu tudo normalmente, ao mostrar-me ela, os detalhes do meu enxoval.

M.L. - E para a sua própria filha, Ellen, a senhora deu explicações?

C.L. - Nem sei mais. Mas creio que sim.

M.L. - É que as mães em geral têm inibições. Não as de antigamente, mas as da geração da minha mãe. Pelo que me contam sobre as mais velhas, elas participavam claramente às suas filhas. Pois a própria vida antigamente era mais natural, menos complicada, o que tinha que ser tinha que ser, não acha?

C.L. - Sim, sim.

M.L. - E a senhora falou que ao voltar de São Paulo seu trabalho aqui talvez tivesse sido simples demais em relação ao preparo que tivera.

C.L. - Sim, era um contraste grande demais. Veja, se um colono pedisse uma garrafa de "Rosewilde Oel" eu tinha que ir até o depósito encher a garrafa e neste sentido os colonos eram rudes; quando então eles queriam um saco de farinha eu precisava ir com eles ao depósito, mas em vez do homem levar sozinho a mercadoria eu precisava carregar para ele. Eram sacos menores, não tão grandes, mas eu deveria carregar para ele. E foi esse tipo de coisa que sempre me magoou muito.

M.L. - Mas naquele tempo haveria outra alternativa para uma moça jovem de boa família ir trabalhar fora?

C.L. - Para mim isto não teria entrado em questão porque nós morávamos longe demais para que eu pudesse assumir outro emprego e isto meus pais também não teriam consentido.

M.L. - Outro aspecto que desenvolvemos pouco foi sobre seu casamento. Sobre sua mãe já tratamos deste ponto, mas a senhora, onde conheceu seu marido?

C.L. - Conheci meu marido nos festejos dos 75 anos da Harmonia Lira em Joinville. Mas em seguida por uns anos nem nos vimos mais, até eu ter chegado uma vez a Florianópolis. Foi quando nos revimos e em pouco tempo noivamos.

M.L. - Ele talvez por ter vindo da Alemanha, era para a senhora mais interessante

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que os outros rapazes aqui das redondezas?

C.L. - Provavelmente nem havia quem me interessasse, pelo menos não que eu me lembre.

M.L. - Ele foi seu primeiro namorado?

C.L. - Não, não, antes eu tive um outro namorado, "aber der hat mich betrogen", e eu me afastei porque meus pais não o queriam. Talvez por isso eu cheguei a conhecer mais de perto o meu marido. Pouco tempo depois casamos; meu marido viera para cá por contrato com a firma Hoepcke, ele não veio às cegas, ele tinha um contrato que venceria após 7 anos. Depois não sei se o renovou ou se nós casamos quando decorreu o prazo, não sei bem ao certo como foi. Como ainda há pouco foi mencionado o dia 8 de dezembro (o dia do aniversário de Selma Wagner Renaux) era também o dia do aniversário da minha sogra e neste dia meu marido partiu da Alemanha e a mãe dele sofreu muito com o fato. Ele era o único rapaz, eles só tiveram dois filhos e o pai já morrera. Não sei se já lhe contei a vida do meu marido. Ele nasceu em Berlim, Wilmarsdorf, a 26 de maio de 1898. Freqüentou a Hindenburg Oberreal Schule e após a conclusão do curso nesta escola iniciou seu estudo de engenharia. Em seguida veio a guerra e ele se alistou de livre vontade na Marinha de Guerra Alemã, aperfeiçoando-se em Wilhelmshafen para em seguida embarcar em navio. Foi desta forma que participou da famosa batalha naval de Skaggerak onde chegou a ser machucado. Sobre esta batalha ele sempre contava com grande lembrança que o navio alemão em que se encontrava atingiu um torpedeiro inglês, o qual se partiu e fechou como um canivete e em seguida afundou. Mais tarde foi transferido para um cruzador e depois para um navio de linha e aí participou do ataque à ilha russa de Oesel, no mar Oriental. Então a guerra já estava quase no fim e ele concluiu seu estudo de engenharia em Leipzig. Foi nesta ocasião que leu no jornal que a firma Carlos Hoepcke estava à procura de um engenheiro para Florianópolis, no Brasil. Isto ele leu e imediatamente se apresentou.

M.L. - Florianópolis, Brasil, isto não lhe pareceu o fim do mundo?

C.L. - Não, ele ficou muito entusiasmado devido à miséria na Alemanha após a I Guerra. A grande inflação, a fome e ele ainda precisava sustentar a sua mãe, pois o pai já não vivia. Então ele disse: "Isto eu vou aceitar". Havia sido pedida uma carta com o currículo de vida e uma foto enviada para o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

entreposto da firma Hoepcke, em Hamburgo, a firma Grallert. O velho Grallert levou as cartas enviadas, cerca de 300, para casa e as examinou, junto com as fotos, com a sua mulher. Após uma primeira seleção, separaram umas 10, e entre estas fizeram a escolha. A Frau Grallert por fim disse: "A mim me agrada mais esta". E aquela era a foto do meu marido. Quer dizer, entre 300 candidatos a escolha recaiu sobre ele. Foi assim que ele partiu de Berlim no dia 8 de dezembro, chegando em Santos na data de São Silvestre. Sobre sua chegada ele sempre contava que embaixo no porto havia muita gente oferecendo frutas e entre estas, belas bananas amarelas que lhe deram muito apetite e que eram tão caras na Alemanha. Tirou do bolso então o seu dinheiro e supôs poder comprar algumas. Ao descer à terra ofereceu certa quantia em troca de algumas bananas. Para surpresa sua, recebeu o cacho inteiro. Sentou-se então na proa do navio e comeu todas as suas bananas. Isto ele contava com enorme prazer. Viajou adiante com o navio Karl Hoepcke, chegando em Florianópolis em janeiro e pouco depois, não sei se no mesmo mês ou no seguinte, o velho Karl Hoepcke faleceu. Seus chefes passaram a ser então Caroli e Max Hoepcke. Ele era ativo no setor de máquinas e viajava muito até nos casarmos em 1929, quando ele recebeu férias e fomos juntos para a Alemanha a fim de que eu conhecesse a sua família, sua mãe e sua irmã. Os demais parentes viviam todos nas regiões de Wittenberg e em Torgau. Em Wittenberg onde Lutero publicara suas teses, nessa área moravam todos os seus parentes, tanto do lado materno quanto do paterno. Ficamos alguns meses na Europa e na volta ele reassumiu seu trabalho em Florianópolis, onde tínhamos alugado dois quartos na família Terschitsch. Quando voltamos da viagem já no Rio, Victor Konder nos esperava com a notícia. Ele nos mandara levar para a sua casa para contar-me, a pedido de meu pai, que meu irmão Albrecht estava muito doente. Ele estava gravemente doente, os médicos daqui não sabiam o que fazer e acharam melhor mandá-lo para a Suíça. Meu outro irmão, Victor, acompanhou-o e Victor Konder deveria participá-lo a mim. Eu cheguei então em casa de meu irmão só para dizer bom dia e me despedi. Então os dois viajaram. Na Europa o diagnóstico não foi TB, mais asma de fundo nervoso com crises penosíssimas. Enquanto ele estava fora, a mulher morreu do parto de seu filho. Não durante o parto, mas depois, devido à falta de condições higiênicas no puerpério. Ellen tinha na época um ano e cinco meses. Mas ela, enquanto minha cunhada estava no final da gravidez, já estava em casa de minha mãe que a tomara sob seus cuidados. Ela ficava muita em Armação e eu freqüentemente também ia de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Florianópolis a Armação para estar junto de meus pais, por causa da criança. Às vezes, nos finais de semana meu marido viajava junto, mas era sempre uma conexão difícil, pois tínhamos de fazer tudo de ônibus. Isto deve ter sido em 1929 ou 30. Em 30 foi a Revolução e nós ainda estávamos em Florianópolis e meu pai na época era deputado estadual e outros blumenauenses também, Otto Henings, Pelizzetti de Rio do Sul, Marcos Konder, sob o governo de Pereira Oliveira. O Victor creio que na época era Ministro dos Transportes, sob Washington Luís. Então veio a Revolução com Getúlio e os deputados saíram o mais depressa possível de Florianópolis. Um Hulse também ainda estava entre eles e todos foram rapidamente para casa porque suas famílias estavam sozinhas. Meu marido e eu, no entanto, permanecemos em Florianópolis e só mais tarde, depois da revolução, mudamos para Blumenau. Quando esta terminou, se não me engano no dia 30 de novembro ou no final de outubro, meu marido e eu fomos embora. Meu marido nesse meio tempo já pedira a demissão e meu pai lhe perguntou se ele queria assumir a fábrica de chapéus, pois não havia mais alguém que pudesse fazê-lo. Meu marido verificou todos os papéis e por fim disse: "Bem, eu assumo". Foi assim que nos mudamos para Blumenau. Inicialmente moramos com meus pais; depois quando Victor Konder partiu em exílio, escreveu-nos perguntando se eu, caso ficasse em Blumenau, não queria me mudar para a sua vila, a pequena Vila Konder, frente ao monumento Fritz Müller. Hoje quase não se consegue mais vê-la, tudo está abandonado; ela pertencia ao Stodieck. Moramos durante dois anos e meio na Vila Konder. Meu marido sempre ia para cima, até a Itoupava Seca. Em frente a Traute Zandrosny havia uma velha casa de enxaimel onde antigamente funcionava uma ferraria e onde nasceu a Fábrica de Chapéus. Em seguida Riggenbach, de Florianópolis, veio para meu pai e perguntou se ele não queria comprar sua construção. Meu pai colocou meu marido de alerta, nós olhamos tudo e meu pai comprou o edifício para onde nos mudamos com a fábrica de chapéus. Só que a construção era muito ruim, em compensação o local excelente, livre de enchentes. Quando a II Guerra se aproximou ou, quando já se pressentia que ela viria, meu marido viajou até uma cidade do interior de São Paulo onde havia uma fábrica que fazia chapéus de lã e nós no caso só fabricávamos chapéus de feltro, de pêlo de coelho e de lebre importada, o que foi cortado com a guerra. Meu marido então, foi para a cidade de Limeira onde adquiriu as máquinas para a fabricação de chapéus de lã de carneiro. Foi assim que fizemos a construção que aí está (atual sede do Jornal de Santa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Catarina), a qual meu marido construiu e desta maneira introduzimos a fabricação de chapéus de lã. A fábrica foi bem, tivemos bons pedidos e ela se desenvolveu realmente a contento. E então veio a guerra e em 42 meu marido foi preso e isto por seu colaborador que em realidade também era alemão, ativo para a Mão Negra. Este o comprometeu para dominar sozinho. Eu própria vi que ele não saía mais da polícia, depois. Quando meu marido estava preso, eu o observei várias vezes. Quando ele embarcava, eu também embarcava no ônibus para segui-lo com o propósito de observá-lo.

M.L. - Era um delator. Com mais famílias isto aconteceu.

C.L. - O sujeito ia diretamente para polícia e então para o correio e depois para um café; à tarde voltava para a fábrica, à noite fechava-a e pela manhã abria-a novamente. Muito ele não fazia lá dentro, mas a última palavra era a sua. Por fim saiu um balanço da empresa sobre o qual, minha família, após verificá-lo, concluiu que não conferia. Perguntaram em conseqüência se Antônio da Veiga estaria pronto a examinar esse balanço, uma vez que ele era contador e tinha um escritório de contabilidade. Sua resposta foi afirmativa e ele foi até a firma examinar os dados, os quais até já tinha visto pelo jornal. Após um exame rigoroso a constatação dele foi de que o balanço apresentado era fraudulento. A Fábrica de Chapéus estava inteiramente arruinada; não tínhamos mais nem crédito e nem pedidos, tampouco material. Tudo estava completamente arruinado. Daí meu pai e meu irmão perguntaram a Veiga se ele estava disposto a assumir junto a firma, uma vez que pouco antes também sanara a Cremer. Foi assim que eu, junto com ele, fomos votados para a direção. De fato ele vinha de manhã, por uma ou duas horas, fazer o trabalho que lhe cabia e o resto então eu tinha que fazer sozinha.

M.L. - A Fábrica de Chapéus passou a ter um mau desempenho porque aquele homem, o delator, a conduziu mal.

C.L. - Sim. E eu então tive que viajar muito. Fui até São Paulo, até Itaquera, tinha que me mexer para que recebêssemos crédito novamente, material novamente, a matéria-prima sendo-nos enviada outra vez com o retorno das importações. Era um russo que detinha essas importações e eu fui conversar com ele até ele reconhecer a situação de que novamente tínhamos crédito. E fui também até Itaquera comprar fitas para chapéus, "tiras de couro contra suor", forros de chapéus e todo o mais necessário.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

M.L. - A senhora viajava bem sozinha?

C.L. - Bem sozinha, eu fui para Itaquera, sempre com o trem que levava os trabalhadores. Pulgas e piolhos proliferavam. Foi um tempo terrível para mim, muito pesado. Mas eu tinha que fazê-lo. Quem o faria no meu lugar? Não tinha ninguém. Pensei em mandar um dos empregados, mas receberia ele o crédito? Como diretora eu mesma precisava ir. Também recebi o crédito; as pessoas passaram a nos fornecer outra vez, pois antes nos haviam cortado tudo por nada ter sido pago. No primeiro ano, ou até no primeiro ano e meio tivemos que lutar muito. Mas então recomeçou o movimento, nossos representantes se tornaram outra vez muito ativos e nós vendemos, vendemos a ponto de nem podermos fornecer o suficiente. O negócio foi adiante, cada vez mais e nós tínhamos muitos pedidos e fornecemos mercadoria muito boa, ao passo que ao reassumirmos não tinha um só chapéu que mantivesse a cor. Quando os colonos punham o seu chapéu e chovia, a tinta lhes escorria pelo rosto e isto depois foi tudo sanado. Tivemos muita sorte que nossos representantes também fossem muito ativos, e em parte também havíamos colocado representantes novos. Talvez o que tivemos foi também muita sorte, não apenas atividade. Tomamos também um empréstimo no banco, creio que naquela época do Banco do Brasil.

M.L. - Em que Estado mais venderam?

C.L. - Nossa principal clientela ficava no Rio Grande, Santa Catarina e Paraná, pois em São Paulo estava a nossa grande concorrência, Ramenzoni e Saquis, Prada e uma série de outros.

M.L. - E "Borsalino" que a senhora diz com pronúncia tão bonita.

C.L. - Nós éramos desde antigamente muito amigos dos pais do meu futuro genro que cresceu desde pequeno junto com a nossa Ellen. Pois bem, ele e os pais foram no ano de 39 para a Alemanha em viagem de férias e poucos dias antes de voltar estourou a guerra, e sendo eles alemães, ficaram retidos. Foi aí que meu genro, com 14 anos teve que trabalhar no "Flack". Ele em todo caso pôde voltar antes que seu pai para o Brasil, por ser brasileiro e por dever serviço militar aqui. Como já estava em atraso, entrou imediatamente para o quartel. Morou então em casa de uma conhecida, da Lotte Distel. Pelo fato de ter sido soldado alemão, logo chegou a cabo... nós já rimos muito sobre

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

isto (risos). Ele como soldado alemão, devia instruir os outros, os brasileiros. Seus pais já haviam escrito antes se eu não lhe podia arranjar um emprego e foi assim que logo o acolhi na empresa. Isto quer dizer que ele morava nos Distel, servia no quartel e nas horas vagas trabalhava na Nelsa, almoçando conosco aqui de vez em quando. Então os dois, que já se conheciam de antigamente, se conheceram mais de perto e acabaram se apaixonando. Em seguida noivaram e em 1951 se casaram. Em 1952 mandei-os para a Alemanha. Nesse meio tempo eu já havia comprado as máquinas para a Maju e mandei-os para a Europa porque Harold deveria aprender mais sobre técnica de chapéus, trabalhando como voluntário em diversas fábricas de chapéus alemãs e indo para a Itália, em Monza, na Fábrica Borzalino. Ellen ocupou-se na pequena malharia do amigo que naquela vez fora junto comigo para a compra das máquinas.

M.L. - Ela também se interessava por fábricas?

C.L. - Eu lhe pedira isso uma vez que eu não tinha experiência alguma nesse ramo (de malharia).

M.L. - Sua filha tinha talento para isso?

C.L. - Sim, ela tinha grande interesse nisto. Quando eles voltaram, moraram aqui conosco, o que já haviam feito antes da viagem e o Harold ficou na Fábrica, quando o velho Leder assumiu sozinho o setor técnico. (Ver dados pessoais de Ellen e Harold Vollmer no final da entrevista). Nós então trabalhamos juntos até que fosse criada a Maju, registrada em 1953. O registro da firma ainda foi feito pelo escritório de contabilidade Veiga e este se interessou pela firma, mas após três meses teve que pedir demissão por estar doente e pouco depois veio a morrer. A "Nelsa" mais tarde administrei só com meu genro e com um técnico. Uma ou outra vez havia um técnico estranho junto, mas isto nunca deu certo.

M.L. - Quando a "Nelsa" encerrou suas atividades?

C.L. - Em 1965. Ela continuou em atividades sim, mas nos últimos anos não dava mais, como já disse, as revistas americanas alertavam sobre a caída em desuso dos chapéus e sabe quem teve a maior culpa neste fato? As fábricas de automóveis. Estranho, não? Mas os carros eram construídos com o teto cada

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vez mais baixo e os homens simplesmente não podiam mais usar chapéu. Então ao embarcarem nos carros, eles tiravam os chapéus e os colocavam de lado.

M.L. - Mas nos trópicos isto deveria ser indispensável.

C.L. - Sim, mas depois eles passaram a usar chapéu Panamá, chapéus de palha, mas não mais chapéus de lã e feltro, que não são para o inverno. Nossos colonos ainda hoje usam um chapéu de feltro, mas quase não encontram mais. Já em 1950 quando eu estive na Europa e comprei as máquinas para a Maju, apesar dos acionistas ameaçarem com a venda de suas ações eu comprei uma máquina de meia malha e junto com a "Nelsa" iniciamos uma pequena malharia que foi o que agüentou a firma. Em 1957 estive com meu marido na Alemanha e nessa época a Maju já existia, mesmo assim mais uma vez procurei por um ramo que pudesse ser integrado à Nelsa. Interessei-me por fábricas de alfinetes, por fábricas de agulhas de costura, todas estas coisas que tão facilmente se conseguia obter no Brasil. Vi também artigos íntimos para a mulher em embalagens para viagem do tamanho de uma caixa de fósforos, mas tudo isto teria um custo excessivamente elevado. Fui ver as máquinas, mas quanto aos alfinetes e agulhas constatei que no Brasil não disporíamos do material e que de novo teria que me apoiar em importações e por isto tirei as mãos do negócio. Naquela ocasião acabei não achando nada que nos pudesse servir. Por isso compramos a mencionada máquina de meia-malha em São Paulo e articulamos uma pequena malharia à "Nelsa". Mas não foi o suficiente para desenvolver mais nosso negócio e também nem tínhamos capital para tanto. Meu genro então quis procurar capitalista em São Paulo que eventualmente tivessem interesse em comprar a fábrica, ou assumi-la. Eu então roguei que se esperasse a fim de que não se passasse tudo para São Paulo e sim, que permanecesse entre nós, e que, ao invés dos paulistanos se sentarem aqui, se encontrasse blumenauenses que tivessem interesse no negócio. "A quem queres perguntar?" - indagou meu genro. "Espere", disse-lhe eu, e muitas noites eu não dormi pensando; de manhã cedo quando eu acordava, e ainda hoje é assim, tudo se passava na minha frente como se fosse um filme. De manhã se têm idéias muito melhores do que se pode fazer. Aí eu disse para mim mesma: "Tens que ver se consegues falar com o Ingo (Hering)." E tive então a oportunidade de falar com ele a sós. Disse-lhe: "Venha até a minha casa,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

preciso falar-te". "Quer queres então?" - perguntou-me ele. É puramente sobre negócios que quero tratar contigo, mas, por favor, não digas a ninguém antes de falares comigo." E foi assim que ele veio. "E foi então que lhe disse que estávamos no fim com a fábrica de chapéus, que não podíamos mais levá-la adiante sozinhos e que Harold pensara em atrair paulistanos, mas que eu desejava primeiro tentar em Blumenau e que por isto pensei nele, Ingo Hering. "Como pensaste fazê-lo?" - perguntou. Isto nos é indiferente: vender, alugar, fazer uma fusão, como vocês quiserem se tiveram interesse. "Bem, mas então preciso falar com meus colegas de trabalho", foi a reação. "O principal é que tudo permaneça no mais absoluto segredo", acrescentei, "pois se não for assim, não posso garantir-lhes que lhes possa passar integralmente o negócio. Pois se as pessoas descobrirem que a Cia Hering está por trás, que quer participar ou comprar a firma, então não conseguiremos mais recomprar as ações". E assim foi; então também apareceu o Prayon, fora do expediente para ver tudo; veio também Walter Werner, talvez até por primeiro a olhar as coisas e por fim este telefonou-me dizendo: "Estamos preparados para o negócio". A condição era lhe darmos de início dois terços das ações como garantia, ao que respondi poderem eles recebê-las imediatamente e o restante nós readquiríamos por aí tão logo fosse possível. Walter Werner apareceu para fazer a transação desde que nós em troca estivéssemos prontos a ficar com ações da Hering, uma vez que eles justamente estavam fazendo o aumento de capital na empresa e grandes mudanças, ao encontro das quais justamente a minha proposta vinha. Quando então vimos que o negócio era sério, mandamos diversas pessoas com experiência procurar os acionistas da "Nelsa" e num único dia eles conseguiram recomprar todas as ações. Também já há anos que não pagávamos mais dividendos e as pessoas ficaram satisfeitas de pelo menos ainda conseguirem o valor nominal das ações. Só uma única pessoa nos levou a mal e exigiu ágio e um ou dois pequenos acionistas não quiseram abrir mão de seu pacote de ações. Como estes depois se acertaram com os Hering eu nem sei. Harold, meu genro, acertou-se com o nosso pessoal, já antes da oferta, pois todos tiveram que ser indenizados, parcialmente indenizados, alguns sendo empregados já muito antigos. E ele o fez dizendo que daquele momento em diante os empregados podiam procurar novo serviço, continuando porém a buscar tantos e tantos meses o seu salário na "Nelsa", esta, porém, não poderia garantir-lhes mais o seu emprego. O pessoal

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

deu-se por satisfeito, saiu à procura de novos empregos, mas continuando a buscar seu salário na "Nelsa". Não havia inflação, o valor era estável e mesmo que não pagássemos outros compromissos, por exemplo, altas dívidas com a Sandoz e com outras firmas, nossos salários nunca ficaram bloqueados. Estes nós sempre pagamos. O meu salário por cinco anos, por exemplo eu nunca retirei da firma; sempre era depositado a meu favor, mas eu nunca o retirava.

M.L. - A senhora falou que não retirava seu pagamento. A vida que levava era muito sóbria, sem luxo?

C.L. - Nossa vida era muito simples. Por outro lado eu tinha os meus vencimentos na Maju e além dos mais, eu tinha uma felicidade muito grande com a firma de meu pai, da qual eu era acionista e que sempre estava numa situação muito, muito boa.

Eu tinha um pacote de ações bastante grande e todos os víveres eu recebia da firma. Às terças-feiras era feito o pedido, nas sextas chegava a mercadoria, tanto faz o que se precisava, tudo eu comprava lá e no final do ano era descontado dos dividendos, normalmente sobrando-me um saldo positivo. Não vivíamos com luxo, nossa vida era simples.

M.L. - Assim viviam as demais famílias, os Hering e outras também, não é?

C.L. - Sim. Todos cresceram modestamente e continuaram vivendo dessa forma, sem extravagâncias. Nosso pai, com relação a nós crianças, sempre foi muito generoso, como já contei no caso da casa, geladeira e carro que ele deu a cada filho. Nós tínhamos nossa conta corrente na firma e o que precisávamos era anotado e descontado no final do ano, o que nos ajudou muito, muito, senão eu teria que ter construído tudo mesmo, o que estaria excluído.

M.L. - Só ainda um pequeno detalhe sobre seu marido. Quando a senhora quis noivar, seus pais logo consentiram?

C.L. - Sim, sim.

M.L. - Bem, porque seu noivo pertencia a uma família alemã e no mais também era evangélico?

C.L. - Sim, ele era evangélico.

M.L. - Seus pais provavelmente acharam que ele servia.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

C.L. - Sim.

M.L. - A senhora falou que seu pai era deputado estadual. Ele era politicamente muito afinado ou tal se fazia necessário para os negócios?

C.L. - Ele era político por convicção. Foi mais vezes vereador, conselheiro municipal sob Kurt Hering e Paulo Zimmermann, quer dizer, antes Paulo Zimermann, depois Kurt Hering. Foi também muito amigo da família Konder, Marcos, Adolpho, do Partido Republicano. Depois parece que houve a Frente Única, em seguida a UDN.

M.L. - Ele se empenhava por um ideal, por alguma visão de mundo ou pelo quê?

C.L. - Ele tinha amizade com a família Konder. Kurt Hering era também um bom amigo seu e ele sempre acompanhava a direção dessa gente. O povo em Pomerode também sempre votava neste sentido.

M.L. - Qual a sua convicção em política, o que dizia que as pessoas deviam defender? Pois todos os partidos têm seu programa. Em defesa da agricultura talvez?

C.L. - Sim, naturalmente. Ele não foi deputado por razões financeiras, bem ao contrário. Ele pensou em dar apoio à causa.

M.L. - Bem diferente de hoje.

C.L. - Esperamos que agora fique diferente aqui.

M.L. - Vocês têm esperança?

C.L. - Sim, sim, pois ele (o prefeito recém eleito) já agora começou a trabalhar. Reúne-se sempre com as pessoas e já visitou a prefeitura para aplainar os caminhos, no que naturalmente, encontrou muita resistência. Mas estamos contentes que aqui finalmente a eleição foi ganha.

M.L. - Aqui e em Joinville.

C.L. - Mas em Joinville foi muito triste para Freytag. Ele era muito capaz. Foi um prefeito muito ativo e também era um "peru de fora", pois ele é blumenauense.

M.L. - Bem, a senhora me contou de novo tantas coisa. Só preciso conferir o que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ficou faltando da outra vez. Como se chamava seu irmão mais novo?

C.L. - O mais velho Albrecht, depois veio o Victor, em seguida eu, depois o Arno. Arno foi o mais moço e o primeiro a morrer, aos 58 anos.

M.L. - E sua casa paterna em Pomerode, que estilo tinha, com uma grande varanda, ou como?

C.L. - A casa em que eu nasci foi uma simples casa em enxaimel, à qual logo se integrou a Casa de Negócios, da qual eu me lembro muito bem porque só foi demolida quando eu já era adulta. Meu irmão mais novo nasceu na casa nova que é aquela onde hoje é o escritório da firma (Weege); esta ficou pronta em 1908, ano em que o meu irmão nasceu. Mais tarde toda a casa de enxaimel foi demolida e construiu-se o atual supermercado. Ainda existem fotos. Juntarei as fotos que quero lhe mostrar. Também mandei buscar um manequim na Maju para vestir-lhe nossa primeira camiseta. Ela não é original daquele tempo, mas é a mesma que ainda fazemos hoje.

M.L. - Sobre sua família, outras vez. Eram religiosos?

C.L. - Não. Meu pai não era, mas minha mãe sim. Minha mãe freqüentava a igreja e me levava sempre junto. Meus irmãos menos, mas eu ia com minha mãe à Igreja.

M.L. - E a senhora depois continuou a fazê-lo?

C.L. - Com meu marido. Mais tarde íamos freqüentemente ao culto, mas não regularmente. E depois quando ficamos mais velhos o nosso dia de ir ao culto foi sempre o 2 de novembro. Nesta data sempre havia uma prédica muito bonita na Igreja em memória aos mortos, e na família já tínhamos alguns. Isto sempre foi muito festivo e por esse motivo íamos regularmente nesta data. Às vezes também fora dessa ocasião, mas não que fossemos todo domingo à igreja.

M.L. - A senhora falou há pouco que era membro do "Frauenverein" (Associação das Mulheres Evangélicas)? Era costume que toda mulher fosse membro desta instituição?

C.L. - Casei em 29 e em 30 mudei-me para Blumenau. Foi então que a senhora Kurt Hering me motivou a entrar no "Frauenverein". Eu também logo entrei e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

trabalhei junto toda semana na velha maternidade, hoje "Cavalinho Branco".

M.L. - E para isso a senhora encontrava tempo?

C.L. - Sim, naquele tempo eu ainda estava sozinha, era recém casada e ainda não tinha a Ellen comigo. E assim semanalmente ajudei no "Frauenverein". Nós fazíamos trabalhos manuais e a Frau doPastor Scherer fazia as leituras, nos contava histórias da sua família ou de quaisquer outras famílias na Alemanha e assim por diante; e às vezes assuntos de religião. E foi desta forma que trabalhei no "Frauenverein" até o irromper da guerra.
Por causa da guerra, por assim dizer, o "Frauenverein" foi fechado e nós abandonamos os nossos encontros... e depois também comecei a trabalhar na "Nelsa"e só retornei ao "Frauenverein" quando o trabalho na fábrica não me solicitava mais o tempo todo e eu me podia reservar aquele dia.

M.L. - Para o "Frauenverein" vinham principalmente mulheres da cidade?

C.L. - Sim. Nas colônias havia "Frauenvereine" em toda parte.

M.L. - Vocês sempre tinham contato com os colonos na sua infância. E depois, na sua mocidade?

C.L. - Não, só no Negócio, em sociedade não...

M.L. - Senhora Lischke, creio que por hoje temos tudo. Muito obrigada!

Observação: Em conversa não gravada, por alguma falha de aparelhagem, perguntada como se sentia em seu trabalho na fábrica, dona Cecília Lischke confessou enfaticamente que se realizava plenamente no seu trabalho: "In meiner Arbeit komme ich volkommen auf". Iniciava seu dia cedo pela manhã e terminava tarde à noite, sem nunca sentir cansaço porque este era o seu ambiente natural.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Adendos inseridos após a leitura da entrevistada.

I. Kurt Lischke

Quando meu marido voltou para casa depois da guerra ele estava muito intimidado, não queria sair na rua e se ocupava principalmente com seu "Hobby", entalhe de quadros em madeira e pintura. Mas como por natureza ele era uma pessoa dotada de alegria de viver, logo retornou à sua vida habitual e ao contato com seus velhos amigos e com a sociedade, principalmente.

Do trabalho na fábrica Nelsa ele não quis mais saber.

Ele fundou uma "Firma de Representações", assumiu a representação de empresas muito boas e grandes como a "Porcelana Schmidt", de diversas indústrias químicas e depois da "Maju" e outras mais. Através deste novo ramo de trabalho ele tinha muito o que fazer e foi ativo até avançada idade, quando se aposentou.

Na velhice cultivou adiante o seu "hobby", até que suas condições de saúde não mais o permitiram. Pouco antes de seu 90º aniversário ele cerrou para sempre os olhos, a 22 de fevereiro de 1988.

II - Ellen Weege Vollmer

Ellen, nossa filha, era a criança mais velha de meu irmão Albrecht. Ela perdeu a mãe quando tinha um ano e cinco meses de idade e seu pai, muito doente, buscava cura na Europa. Desde o Jardim de Infância ela freqüentou a "Escola Nova", mais tarde chamada de Colégio Pedro II. Mais tarde entrou no internato "Ilemburg" em São Paulo e de lá para o Colégio Visconde de Porto Seguro. Após o término dos estudos, trabalhou numa firma paulista e depois em Blumenau, na fábrica de Chapéus Nelsa. No ano de 1950 viajou comigo para a Europa e um ano depois ela se casou com Harold Vollmer, que também estava empregado na Nelsa. Quando seus dois filhos Gunnar e Ina ultrapassaram os anos que requerem maiores cuidados, ela assumiu o posto de modelista na "Maju", nele permanecendo por vários anos. No ano de 1980 faleceu seu marido Harold.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

III . Maju

No ano de 1955, a 30 de novembro, meu genro Harold Vollmer, que desde o início se interessava pela existência da pequena indústria, entrou na "Maju" como diretor. Ele foi para mim um grande apoio e ele soube, por sua capacidade de liderança, dar à pequena fábrica um sensível impulso. Pela sua visão, abertura e companheirismo conseguiu impor-se, tanto aos problemas diários da fábrica quanto ao operariado.

A grande construção na BR 470, em Badenfurt, é obra sua, a qual infelizmente ele não pode ver completar-se. Uma doença fatal tirou-lhe a vida em janeiro de 1980, quando tinha apenas 51 anos de idade e toda a "família Maju", com grande dor enlutou-se pelo falecimento de seu esforçado diretor. Para todos eles fora sempre um bom amigo. Seu filho Gunna, que já há alguns anos trabalhava conosco, aos 23 anos assumiu a função de seu pai e ainda hoje ocupa este posto. Eu também ainda vou lá; mesmo que não diariamente, mas pelo menos 2 a 4 vezes por semana, para participar das novidades e das negociações diárias da empresa. Quando eu naquela vez com muito empenho e alegria chamei à vida a "Maju", não fazia idéia que deste pequeno empreendimento um dia resultaria uma empresa que, no seu 36º ano de fundação, daria trabalho e pão a 1600 pessoas. Hoje eu estou no meu 82º ano de vida e é meu desejo mais profundo que nossa "Maju" ainda sobreviva por muitos e muitos anos saudável e apta a progredir.

Cecília Weege Lischke - *09.05.1907 + 05.05.2002

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Relatos de Minha Vida

GEROLD KONRAD GEBLER

Lembro-me agora de minha primeira viagem para a região de Rio do Sul. Fui de trem, cuja linha não ia naquela época até Rio do Sul, só até Subida. Dali em diante fui de ônibus até Rio do Sul, onde o cliente me esperava, e com carroça puxada por três parelhas de cavalos seguimos até Garganta, 40 Km acima de Rio do Sul, através de estradas lamacentas e tortuosas. Ele carregava uma partida de cachaça para o seu comércio. No primeiro dia, fomos até Pastagem, hoje Agronômica, 20 Km de caminho. No segundo dia fomos até Trombudo, onde pernoitamos na hospedagem da viúva Schlupp. O carroceiro me pediu para auxiliá-lo na manhã seguinte a pegar os cavalos, pois ele pretendia partir ainda no escuro. Ele me acordou às 4 horas da madrugada, vesti minhas botas e o acompanhei na tarefa de procurar os cavalos. De repente eu verifiquei que entrara num atoleiro fedido. E que susto! Eu me encontrava na fossa da "casinha". Na época, a patente era construída cerca de 50 metros longe do hotel, e os dejetos escorriam para um brejo, no qual eu me atolei. Portanto, agora primeiro, sair do esgoto. No pátio do hotel havia uma bomba manual. Eu bombeei a água nas botas e aí começou a se esfregar em mim um cãozinho preto. Eu pensei: "Tu me vieste em boa hora." Eu lhe fiz uns carinhos e o utilizei para limpar as botas. Veio então a hora do café. A hospedeira, estava em uma cadeira de balanço, na sala de refeições, e o meu querido e fedorento animal se deitou a seus pés. Aí ela começou a fungar, e gritou: "Marie, venha cá imediatamente, este maldito cachorro deve ter feito alguma coisa na sala, pois o fedor é horrível." Mais tarde, eu fiquei sabendo que toda sala teve que ser lavada, pois o cachorro se esfregara em toda parte. Ao alvorecer deste dia, prosseguimos viagem. No trajeto atolamos, fundo, era o lodaçal. Tivemos que descarregar alguns barris de cachaça, e com muito esforço e trabalho chegamos tarde da noite na Garganta. Levamos 3 dias para chegar ao destino. A cama de penas parecia um sonho à noite. No dia seguinte iniciamos a medição, um platô de ser-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ra, onde o Sr. Bauer possuía seu campo com gado e cuidado por um capataz. O platô era cercado por peraus de tal forma que o Sr. Bauer não precisava de cercas. Só no local, um estreito passo, permitia o acesso a propriedade. Quando o capataz tinha vontade de comer carne fresca, saía com seus cachorros e tocava o gado contra os precipícios. Um deles acabava tropeçando e despencava lá de cima. Ele se dirigia então ao seu patrão e comunicava o desastre, ao que o Sr. Bauer lhe autorizava carnear o animal e lhe trazer o couro. Este era o fácil método de se prover de carne funcional, até que um dia foi descoberto, e o capataz despedido. Outras terras, outros hábitos. Mais tarde ainda trabalhei novamente pelas redondezas, quando assumi a medição da Companhia de Terras do Sindicato Agrícola, a qual havia construído por lá muitas estradas, e para isto recebera terras do governo. O gerente do Sindicato, Sr. Ricardo Baumann, se tornou meu bom amigo, e muitas noites me hospedei em sua casa em Trombudo Central. Ele me encarregou certa vez, da divisão de um grande complexo de 100 lotes de terra, nos fundos do ribeirão do Tigre. Iniciei o trabalho pelo levantamento do rio, de forma que cada colônia fosse servida por água. A seguir, procedeu-se abertura das divisas laterais e dos travessões. Eu mandara construir uma choupana de bambu, e quando nós entramos na floresta com bagagem e equipamentos, iniciou-se uma chuvarada intensa. Trabalhei 10 semanas sob chuva de inverno, onde perdi 10 quilos. Acompanhava-nos um pequeno cão, e toda noite ele achava um bicho, e quando nós o procurávamos ele fugia. As caminhadas de serviço iam ficando cada vez mais longas, de forma que eu resolvi fazer mudança. Encontrara um outro local, a 2 Km, onde mandei construir um novo rancho de bambu. Assim, fizemos nossa carga, eu carregava a tralha de cozinha, e molhados como pintos, devido às constantes chuvas, nos colocamos a caminho para o novo acampamento. Percebi a meio caminho porém, que esquecera algo e resolvi voltar, em busca do que ficara.

Quando cheguei ao nosso primeiro rancho, encontrei estirado um imenso animal dourado em sua frente. Era um puma. A chuva provavelmente despistou meu cheiro e o barulho e quando o animal me percebeu, deu um tremendo urro e saltou para o mato. Aí descobri o que o pequeno cão acuava toda noite. Era só de se admirar que o puma não o houvesse comido.

Mais tarde, me contaram dois colonos, os quais devido às terras devolutas me visitaram no primeiro rancho, que o puma os havia seguido uma boa parte do caminho. Este tipo de leão não representa grande perigo para homens, pois a exemplo do Jaguar só os ataca quando feridos. Eu retornei um tanto assustado à minha turma, e após algum tempo, chegamos a um ribeirão, que devido às intensas chuvas, havia transbordado. Construímos uma ponte com xaxim do mato, espécie de briófita, e quando me encontrava no meio da ponte, a mesma se quebrou e eu tomei um banho, que não tinha idade, como aqui se diz. Tremendo, subi na outra

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

margem. Chegamos finalmente ao nosso novo rancho. Interessante, que quando estava claro, a gente conseguia avistar as estrelas através da cobertura, e apesar disto não chovia dentro. Um dia encontramos uma tropa de micos, e eu atirei um deles, do que até hoje me arrependo. O mico jazia no chão e o sangue lhe jorrava do peito. Ele o limpava com sua pequena mão e me mostrava, como querendo dizer o que eu lhe fizera. A intenção era cozinhá-lo, e assim o matamos. Na volta do nosso trabalho, encontramos uma tropa de quatis. Eu abati um deles. São animais interessantes, com aproximadamente 3 quilos. Quando se atira neles toda vara se despenca no chão e fogem. Eu tive uma experiência uma vez, quando encontramos uma vara destes animais sobre uma árvore isolada, que se encontrava sobre uma cachoeira de uns 20 metros de altura. Eles se jogavam lá de cima da árvore, até embaixo da cachoeira, o que somados representavam 30 metros. Na queda eles se embolavam, e caíam sobre as costas, de forma que isto amortecia a queda, e o animal não se feria. É formidável o que a natureza proporciona para preservar a vida selvagem.

O cachorrinho nos proporcionou o encurralamento de um quati em uma cova rasa e o animal nos ameaçava com seus dentes em forma de sabre, afiadíssimos como uma navalha, com 5 cm de comprimento. Nós o atiramos também e assim após muito tempo, tínhamos de novo carne fresca para comer.

Ao final da medição, me feri na barriga da perna, e a febre me acometeu de tal forma, que apesar de estar quente eu trabalhava de casaco. Terminamos então a medição, e o sol apareceu finalmente, e assim após dois meses e meio de trabalho, pudemos nos aquecer. Chegamos à tarde na vila em Trombudo Alto, hoje Agrolândia. Comemoramos o final feliz da medição com cachaça e cerveja, e um dos trabalhadores, que carregava um grande saco com as camas, ainda se encontrava na outra manhã estirado em um buraco na beira da estrada e se trancou com sua bagagem de tal forma, que somente com o sol do meio-dia na cara conseguiu se desvencilhar, e trôpego, caminhar até uma casa.

Em 19 de fevereiro de 1933, nasceu minha primeira filha, Adelgunde Henriette. Uma querida menina, que aos 15 anos, apesar das aulas que freqüentava, conduzia meu escritório de desenho topográfico. Hoje, advogada, ela responde pela assessoria jurídica de um cartório de registros em Florianópolis e já é avó. Os anos em que conduziu meu escritório de topografia, lhe ajudam hoje nos processos de escrituras e partilhas que conduz em suas audiências particulares em Florianópolis. Quando ela deixou meu escritório, recomendada por meu chefe, assumiu a condução de uma construtora de pontes, e minha segunda filha Ruth, assumiu o meu escritório.

Em 1935, construí minha primeira casa no Garcia, bairro de Blumenau. Lá nasceu meu primeiro filho, Geraldo Konrado, o qual em janeiro de 1940 perdi por imperícia de um jovem médico.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em 1936, a minha mãe e meu irmão mais velho Ludwig mudaram-se para nossa casa, e este, comigo media terras.

Nesta época, assumimos uma divisão de terras no Corochell, (sic) e ele trabalhava em um lado e eu no outro extremo do complexo de terras. Eu me encontrava abrindo um rumo, quando saltou do mato um maltrapilho. Era um posseiro e se apresentou: "Eu me chamo "Canta Galo". Corria nas redondezas que era valente. Por acaso, meu irmão e eu, nos encontramos em nossas medições, exatamente em sua colônia, cada um vindo de um lado. Quando encontrávamos próximos a seu rancho, o meu pessoal e o de meu irmão começaram a cacarejar e cantar como galo, o que deixou nosso Canta Galo enfurecido. Mas nós éramos 14 homens, assim ele descarregou sua raiva no mato que crescia à frente de sua casa, o qual ele golpeava com sua faca. Em sua homenagem, batizei esta colônia de Canta Galo.

Outra vez, eu concluíra uma medição de uma área perto de Pouso Redondo, 1 Km acima da estrada geral. Deixei meus aparelhos com um morador, no seu rancho. Era o único da região que possuía uma carroça. Tratei com ele o transporte de meus instrumentos, balizas, tripé e teodolito, até a estrada geral.

Eu faria o trajeto a pé. Fui e fiquei esperando na beira da estrada pelo equipamento. E a carroça não aparecia. Repentinamente, surgiu um menino correndo e me comunicou apavorado que o rancho pegara fogo. Eu naturalmente tomei um susto, pensando que meus aparelhos tinham sido queimados junto. Felizmente o homem tivera tempo de salvar sua máquina de costura e meus aparelhos. Para lembrança desta ocorrência, batizei o local de Rancho Queimado.

Muitas e muitas destas ocorrências me vêm à memória. Uma vez eu assumira a abertura das divisas das terras da fábrica de papel em Perimbó. Estas se localizavam no planalto de Santa Catarina. Nesta época já possuía meu carro. Assim contratei trabalhadores em Blumenau e empreendi a viagem de 170 Km até a papelose.

O diretor da fábrica nos colocou à disposição uma casa destinada aos chefes da fábrica para nos instalarmos.

Um pouco acima, havia um vale estreito que terminava em um perau de uns 50 metros, onde caía uma cachoeira. Acima da cachoeira havia uma represa que retinha a água para o gerador elétrico da fábrica. O lago, com uma dimensão de 200 por 200 metros, estava povoado com carpas. A estrada que conduzia ao lago, era íngreme, de formas que o meu Ford A sofria para subi-la. Diariamente nós subíamos e descíamos duas vezes a estrada. Se os freios tivessem falhado na descida, a gente estaria perdido. Um carro tracionado por cavalos despencou numa ocasião para baixo e não sobrou nada. O carroceiro ainda conseguiu saltar a tempo. Em nossa turma, havia um, que me contou que há alguns anos seu pai tivera câncer no

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rosto. Em função disto ele estava tão perturbado, que um dia desesperado ele se embrenhou na floresta, para eventualmente ser morto pelos índios. Os selvagens realmente o encontraram, mas ao invés de matá-lo, fizeram uma cova no chão do mato, tocaram fogo dentro dela, e sobre o carvão em brasa espalharam folhas, e sobre esta fumaça seguraram o rosto do homem. Eles o defumaram literalmente.

Após um ano, o homem fugiu dos índios e retornou para casa completamente sarado. Outros moradores de Perimbó confirmaram a história do meu turmeiro.

À noite nós íamos na venda próxima, onde tomávamos nossa garrafa de cerveja. Uma dessas noites o vendeiro nos contou que seu pai antigamente vendeu escravos, e que ao mesmo tempo era reprodutor de escravos. Desta forma, ele além de ganhar dinheiro ainda tinha prazer no negócio.

Nós rimos desta fantasia do vendeiro, mas ele afirmava de pés juntos que era verdade.

Em 3 semanas o serviço estava pronto e eu toquei para casa.

A 15 Km de Blumenau, em estrada plana, quebrou o eixo traseiro do carro. Meu Deus! Se isto tivesse acontecido na descida da rampa em Perimbó, estaríamos todos perdidos, já que o que nos segurava era exatamente o freio motor. Na descida eu engatava a 1ª marcha, e o carro vinha seguro pelo motor, pois aqueles automóveis não tinham freios hidráulicos, somente freio a varão, que de nada adiantavam. Novamente o Senhor me salvara do pior.

Após terminar os cálculos de escritório e a confecção das plantas topográficas, entreguei o serviço à diretoria da fábrica de papel, onde então conheci o diretor geral.

Ele estava muito satisfeito com meus serviços e me contratou logo para realizar o levantamento de outra fábrica do Grupo, em Bocaina do Sul.

Neste serviço eu quase morri.

O gerente desta fábrica me encarregou ao final do serviço principal, de fazer o traçado de uma estrada, que mudasse a estrada existente, evitando o pátio da fábrica. Iniciei o trabalho com o reconhecimento do terreno, e assim constatei que a estrada deveria passar entre dois peraus, sobre os quais havia uma passagem de rocha. A disposição era a seguinte: Uma parede de rochas com 50 metros de altura, ia do pátio da fábrica até a passagem da rocha, com 5 metros de largura, onde era a passagem (obrigatória) natural. O perau ainda subia 30 metros na vertical.

Assim, iniciei o traçado da estrada na represa superior, e com declive de 6% cheguei na citada passagem. Quando ia passar na mesma, a sarapilheira constituída de musgos e folhas podres, com aproximadamente 20 cm de grossura que a encobria, começou a deslizar comigo em direção ao precipício. Eu me atirei de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

barriga e me arrastei procurando apoio em uma moita e na serrapilheira, mas tudo deslizava junto comigo, vagarosamente em direção ao precipício. Eu já me dava por perdido, quando a moita se enroscou a aproximadamente 1 metro do precipício. O meu ajudante estendeu-me então uma baliza. Ele mesmo se agarrou em um tronco de árvore e segurou a baliza. Com cuidado me puxei através dela para cima. Graças a Deus estava salvo. Eu tremi algumas noites, só da lembrança do que me aconteceu.

Recentemente, quando passeava em nossa praia, um senhor idoso me chamou. Era o então diretor da fábrica de papel, que me contratara para o serviço relatado. Nos tornamos grandes amigos, e como residimos ambos em Balneário Camboriú, mensalmente nos reunimos e jogamos Skat, um tipo de jogo de cartas.

Infelizmente o Sr. Victor Deeke, este o seu nome, tem câncer e os médicos lhe deram 5 anos de vida.

Ele porém é tão corajoso em sua forma de viver, que conduz tudo com a maior naturalidade. Uma trágica carga, com a qual ele tem que conviver.

Retornando ao meu relato, em 1933 eu estava tão saturado de minha vida no mato, sempre separado da família, de formas que decidi procurar outra atividade.

Eu estava trabalhando no núcleo Esteves Júnior, em um lugar chamado Cutia. Ficava a 40 Km de Nova Trento, e 100 Km de Blumenau. Lá conheci um alemão de nome Baumann, comerciante. Ele possuía lá uma grande casa comercial, serrarias, e queria instalar uma olaria e uma hidroelétrica. Ele me contou, que estava esperando seu sobrinho da Alemanha que faria o serviço externo. Porém o tempo se passava, e a promessa da vinda do sobrinho não se concretizava, de formas que ele suspeitava que ele não viria.

Ofereceu-me, então, sociedade. Afirmei que não possuía capital. Ele disse que não importava, que eu poderia com os rendimentos pagar minha parte, e que eu seria aproveitado imediatamente na sua serraria. Quis fazer logo um contrato, porém ele me convenceu a confiar nele.

Logo no começo de 1934, ele veio com dois carros de carga a Blumenau, e efetuou minha mudança para Cutia. Após dois dias de viagem, chegamos lá. Neste meio tempo eu construíra sobre seu terreno, uma casa de madeira, próximo ao rio do Braço. Era um lugar bonito, com poucos alemães. Antigamente, o governo federal havia acertado com imigrantes alemães o povoamento: havia dividido a floresta em colônias e construído casas de madeira sobre os lotes. Eu encontrei na medição, algumas em ruínas, e em algumas havia-se inclusive árvores dentro, tanto tempo fazia.

Um dos colonos, que posteriormente mudou para Blumenau, queria inclusive construir no lugar uma reserva de animais silvestres e havia cercado toda

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

colônia com arame farpado. A maioria dos imigrantes não entendia nada de agricultura, de formas que centenas deles perderam tudo, e retornaram a Blumenau. Toda a colonização foi à falência. Quando morei lá, encontrei uma única família que sobrevivera, em um lugar chamado Macuco. Havia estórias muito estranhas a respeito dos imigrantes. Existia em ribeirão Reginaldo notícias de uma família Nau, na qual o pai, em uma briga com o filho, o atirou e enterrou em uma arrozeira. Eu pessoalmente vi a sepultura cercada quando medi por lá.

Nesta época eu possuía uma irara, espécie de felino do mato, domesticada. Capturara o animal em uma medição no morro da Bateia, perto de Brusque. Nós estávamos justamente almoçando, quando ouvimos vindo de dentro de um tronco oco, um barulho. Um dos trabalhadores fez um fogo na frente do buraco, e aí surgiram filhotes, marrons escuros, fazendo o barulho que ouvíramos. Eu peguei um deles e o carreguei na bolsa do almoço o resto do dia comigo. No dia seguinte, remeti o filhote pelo ônibus à minha mulher em Blumenau, onde após uma semana quando voltei para casa, já o tinha amansado. Ele dormia em um caixote na cozinha, e pela manhã nos vinha ao quarto de dormir, e se enroscava em nós por baixo da coberta. Nós o chamamos de Pedi.

Quando minha esposa visitava seus pais de ônibus, muitas vezes levava o animal no ombro, e ele observava curioso os passageiros e cumprimentava com a cabeça. Mais tarde, já grande, com 80 cm com a cauda, tínhamos que amarrá-lo. Uma manhã tomávamos café, quando surgiu nossa Pedi, que havia se soltado, entrou, apanhou com os dentes nossos sanduíches, e se escondeu debaixo da casa.

Tinha também um pequeno cão, Bimbi, em cujo lombo ele por vezes cavalgava.

Ele brincava com minha filha mais velha, na época com 2 anos. Levei o animal junto para Cutia. O Sr. Júlio tinha cachorros ferozes, que corriam malucos atrás da irara. Resolvi, então soltá-lo no mato, para a liberdade. Peguei-o e caminhei longe mato a dentro, e com o coração doendo o soltei.

Quando retornei para casa, o pessoal me contou mais tarde que haviam matado uma irara na estrada da casa de comércio do Sr. Julio. Ainda hoje me arrependo de ter levado a irara para o mato. Ela, ao retornar para casa, encontrou a morte.

Baumann empurrava a assinatura do contrato sempre adiante, de forma que aos poucos comecei a desconfiar. Eu o procurava para acertar, mas ele sempre desconversava.

Um dia veio um bispo visitar o local. Preparou-se uma grande festa. A maioria dos participantes da festa se embebedou, entre outros também meu vizinho, um tal de Jacó Pering, que morava no outro lado do rio do Braço. Eu me encontrava casualmente em casa, quando ouvi a Sra. Pering pedir por socorro, e ao

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mesmo tempo espocavam tiros na outra margem do rio. Era o marido embriagado que a caçava. Eu apanhei minha pistola Mauser, e corri em socorro da mulher. No caminho para a casa dos Pering, havia um longo trecho do caminho descoberto. Quando me encontrava a cerca de 20 metros da casa dos Pering, veio o bêbado para fora, ergueu sua pistola, e eu só tive tempo de me abaixar, e a bala felizmente passou raspando sobre mim. Saltei para o lado, atrás de uns arbustos, e esperei para ver se ele continuaria atirando. Neste caso eu teria que me defender e acertá-lo. Ele porém retornou a sua casa. No dia seguinte ele sumiu, e nunca mais foi visto pelas redondezas.

Após ter vivido o calote comercial do Sr. Julio de Tã, percebi que ali não teria futuro e retornei a Blumenau.

Eu me demitira do meu serviço ao empreender o novo negócio, e voltei liso. Procurei meu chefe Dr. Gil, e ele me emprestou 200 mil réis, para que eu pudesse fazer minha mudança de volta. Aluguei um caminhão e partimos. No caminho após Nova Trento, um senhor idoso pediu uma carona.

Ele levava uma vela de comunhão de uns 50 cm para sua filha, que no dia seguinte, domingo, tomaria o sacramento.

No caminhão não havia assento, pois nós os removêramos para caber mais carga. Nosso passageiro também já estava meio embriagado, e em cada buraco ele rolava na carroceria. Quando ele saltou, a maior parte da vela que ainda estava inteira, tinha talvez 3 cm.

Ele se foi, com a vela em forma de rosário na mão, cambaleando. Seguramente sua velha em casa deve ter-lhe assoprado um bocado.

Chegamos tarde da noite em Cutia.

Na outra manhã, carregamos. Era um caminhão fechado, tipo ônibus. Os móveis tinham que ser desmontados, para que coubesse tudo dentro. Às nove horas da manhã, partimos. Meu cunhado que viera junto, foi na frente com a enxada para tapar os buracos maiores. Meu irmão Ludwig, também nos visitava. Minha mulher assentou-se com minha filha no caminhão, e eu fui a maior parte do caminho, a pé, atrás. Naquelas estradas horríveis, o motorista só podia andar pelos trilhos. A estrada passava por sobre o morro da Catinga, e então margeava novamente o rio do Braço. Em um ponto, a estrada erodira. Quando o caminhão passou, o resto desbarrancou e a estrada se acabou, caída dentro do rio. Um buraco de uns 3 metros ficou em seu lugar. Meu Deus, que acidente teríamos sofrido se tivéssemos sido arrastados junto. Por sorte, passáramos. Do contrário teria perdido mulher, filha e irmão. A estrada começou então a ficar mais larga e melhor. Nós passamos por Nova Trento, à noite, às onze horas.

Após passarmos por Brusque, chegamos a uma ponte de madeira com telhado. Um dos suportes do telhado cedera, e a cobertura ficara tão baixa que o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

caminhão não passava.

Que fazer? Meu irmão pegou o machado, e cortou os outros três suportes, e nós atiramos o telhado no rio, sobre o qual a ponte passava. Finalmente, à uma hora da manhã, chegamos a Blumenau. E lá me encontrava eu de novo, no ponto de partida. Tive que recomeçar tudo.

Minha casa eu havia perdido, e os meses de trabalho em confiança se foram.

Comecei novamente com minha atividade de agrimensor. Trabalhei muito em Trombudo e Rio do Sul. Um dia, estava em Serril, na Serra Geral, levantando as cabeceiras do rio Trombudo. Eu trabalhava para a família Prada, da qual há um fato interessante a ser relatado. O velho Prada foi dos primeiros colonizadores do Trombudo e teve muitas aventuras com os índios. Quando a colonização avançou ele mudou-se mais para cima, para a Serra Geral.

Na sua juventude ele fora o Don Juan da região, e tinha à época duas mulheres, com as quais ele convivia em paz.

Esta bigamia, porém, incomodava os colonos religiosos, ferindo seus princípios. Um dia, ele bateu com a cabeça, tão forte, que cresceu um enorme calo no local.

Achou então um vizinho, que a deformação do Sr. Prada surgira em função da sua vida amoral, e que lhe estavam nascendo chifres.

Veio gente de longe, para apreciar os chifres do Sr. Prada.

Para gáudio daqueles mais instruídos, os curiosos voltaram para casa novamente, sem matar suas curiosidades.

O Sr. Prada tinha uma grande fazenda no planalto, no campo do Rio Novo.

Como italiano, tinha o hábito de não cercar em torno da casa de moradia. O gado comumente se achegava e deixava suas marcas, que misturadas com a chuva, formavam um lastro de esterco com odor próprio.

Um dia, o Sr. Prada foi comunicado de uma visita ilustre que receberia. O então Ministro de Viação, Dr. Victor Konder, estava por chegar. O Sr. Prada estava muito orgulhoso, e convidou o Sr. Ministro a entrar na casa. Era chuvoso, e após esgueirar-se com cuidado entre os montes de esterco, o Sr. Prada abriu a porta, e quando o Ministro estava entrando, veio ao seu encontro, de dentro de casa, um porco gordo e grande e arremessou o Sr. Ministro no chão.

Este tratou de se levantar do esterco, e se limpando, xingava a agradável acolhida.

Bem, como referia-me antes, estava eu levantando o curso do rio Trombudo.

Nos hospedávamos na casa de um filho do Sr. Prada. Esta, porém, se

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

localizava a duas horas de distância do nosso trabalho.

Assim, quando passávamos em frente ao rancho de um morador próximo, perguntei-lhe se poderíamos pernoitar ali, já que no dia seguinte iríamos continuar ali o serviço. O homem aceitou. No fim do dia, nos dirigimos para lá. O rancho era composto de duas partes. Em um lado estavam os dormitórios, constituídos de colchões estendidos no chão e no outro lado estava a cozinha, composta de um panelão sobre pedras, com fogo embaixo.

Estávamos sentados no chão, já que não havia assoalho, e muito menos cadeiras, e eu podia através da porta entreaberta, ver a panela. Veio então um cachorro bem magro, entrou na cozinha, enfiou seu focinho na panela e puxou algo comprido para fora. Como estava quente, ele teve que soltar de volta, mas ele insistia e sempre soltava. Eu avisei nosso hospedeiro, e ele saiu gritando: "O cachorro quer pegar nosso bucho de boi." A nossa fome desapareceu como por encanto, e resolvemos enfrentar nossa caminhada de 2 horas, após inventar uma desculpa qualquer.

Assim vêm as lembranças, uma após a outra.

Nesta época eu já morava em minha primeira casa na Garcia, na rua Engenheiro Odebrecht, batizado com o nome de um dos primeiros topógrafos de Blumenau. Ele e o engenheiro Krohberger vieram para Blumenau ao tempo do fundador, e com incríveis dificuldades realizaram o trabalho pioneiro de assentar a colonização regularmente.

O engenheiro Krohberger, confeccionou a primeira planta de situação de uma parte do Estado, e neste trabalho perdeu a visão. Uma cópia de seu mapa, consta de meus arquivos. Nestes tempos realizei grandes trabalhos de levantamento do rio Encano.

Eu tinha contratado a medição e reabertura de divisa das terras da Mineração Catarinense, abrangendo as bacias hidrográficas dos ribeirões Garcia, Warnow e Encano, nos municípios de Blumenau e Indaial.

Era uma gleba de terras de 76 Km .

Exatamente no dia do meu aniversário, 06 de janeiro de 1935, nos embrenhamos, eu e mais três trabalhadores, no mato do Encano Alto, carregando bastante bagagem, constituída por roupa, alimentos e instrumentos de trabalho.

Em caminho começou a chover, e, como carregávamos mantimentos que não podiam ser molhados, resolvi colocá-los num saco, protegendo-o com minha capa de chuva, resultando daí um volume de 60 Kg que cada um carregaria por 20 minutos. A fim de dar bom exemplo carreguei-o em primeiro lugar. Para meu desencanto, o primeiro trecho de caminhada era uma encosta íngreme, que subia até o divisor d'água do ribeirão Espingarda com o ribeirão Encano. O solo estava coberto por uma camada de sarrapilheira, de 20 cm de espessura, o que dificultava

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a caminhada. Eu me sentia como uma locomotiva arrastando muitos vagões morro acima.

Terminados meus 20 minutos, chegamos no alto da montanha, passei minha carga ao próximo carregador, e tive a sensação de estar levantando vôo.

De lá começamos a descida para o vale do Encano. Na metade da descida escutamos vários tiros. Eram caçadores que, apesar da proibição da caça, acabavam de matar uma anta. Mais tarde, encontrei um couro de anta, pendurado num galho de pau, já quase totalmente deteriorado, e, que os caçadores, com medo de serem descobertos, abandonaram na mata, na parte mais alta, banhada pelo ribeirão Encano, que alcançamos depois de 3 horas de marcha. Atravessamos o ribeirão Encano, que tinha aproximadamente 12 metros de largura, e, ali escolhemos uma pequena vargem para o nosso primeiro acampamento. Eram mais ou menos 4 horas da tarde.

Largamos nossas mochilas e começamos a construir o rancho que nos abrigaria.

Para fazer a cobertura do rancho, colhemos folhas de guaricana, uma espécie de palmeira que atinge somente a altura de um homem, cujas folhas são em forma de leque. Com elas colocadas em uma taquara cortada ao meio, forma-se uma esteira do comprimento do rancho, e unindo as duas partes, amarrando-as com cipó, fizemos a cobertura do rancho, que ia do solo até o cume do rancho. O chão foi forrado com folhas de palmito e xaxim, numa camada bastante espessa, pois este assoalho forrado serviria também como cama.

O passo seguinte foi acender o fogo, e sobre ele, num cavalete em forma de forquilha feita de galho, foi pendurada a lata com água e feijão.

Assim a cozinha improvisada começou a funcionar, ao ar livre, recebendo uma pequena cobertura para ficar protegida de eventuais chuvas, que ameaçariam o nosso jantar.

Quando começou a escurecer ouvimos o pio de um macuco, logo respondido por outro. É interessante observar como a onça brasileira imita perfeitamente este pio para atrair o macuco, que é sua presa preferida.

Um dos meus trabalhadores, o Stefano, apaixonado caçador, munido de sua espingarda, saiu em perseguição ao macuco, e, após ouvirmos um tiro, ele apareceu com a ave abatida, que logo fez parte da feijoada.

Neste primeiro lugar de pouso, ainda caçamos diversos macucos, e, batizamos o lugar como a "Vargem do Macuco", nome que conserva até hoje.

Lentamente chegou a noite e com ela um verdadeiro concerto feito pelos grilos, cigarrras e pios de corujas.

Na manhã seguinte, depois de tomarmos nosso café, iniciamos o serviço de levantamento do ribeirão Encano, que até a cabeceira formava a divisa do terreno a ser demarcado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O ponto de partida era o marco onde a divisa da gleba da mineração batia nas águas do ribeirão Encano.

A minha turma de trabalhadores não estava completa. Em vez de 6 homens eu só contava com 3, assim fui obrigado a usar o próprio ribeirão como linha de levantamento, que tinha uma profundidade de mais ou menos 0,5 metros e, assim, as minhas botas de borracha estavam sempre cheias de água da manhã à noite, pois, por serem impermeáveis, a água nelas permanecia, o que não teria acontecido se a turma fosse completa, que me permitiria abrir picadas de levantamento às margens do ribeirão.

Também era impossível colocar piquetes no leito do ribeirão coberto de pedras, e assim só pude efetuar magneticamente o levantamento.

Há 50 anos atrás, a maior parte das demarcações era feita pela agulha magnética, exceto nos lugares onde existiam pedras de ferro, pois estas desviavam o rumo da agulha, restando, nestes casos, fazer o levantamento goniométrico.

O nosso serviço rendia bem. Enquanto eu colocava o teodolito no meio do ribeirão, um dos turmeiros ia com a mira até a próxima curva do ribeirão e os outros dois cortavam galhos que impediam a visão.

Depois de alguns dias de serviço, chegamos à primeira queda d'água, o salto Jacupema, com uma altura de aproximadamente 15 metros.

Naquele dia, depois do serviço, decidi, na volta para o acampamento, praticar um pouco de alpinismo, descendo pelo meio do salto. Descalcei as botas, amarrando-as uma na outra, coloquei-as no ombro e comecei a descida. Numa determinada altura, tinha uma pedra que se salientava uns 20 centímetros do paredão. Soltei-me da pedra onde estava agarrado, a fim e alcançar a citada pedra. Quando olhei onde deveria colocar os pés, vi uma jararaca pequena que lá estava descansando. Fiquei assustado, e, até hoje não entendo não ter pisado fora da pedra, o que me precipitaria a uma altura aproximadamente de 7 metros em cima de pedras amontoadas. Mas, felizmente, consegui pisar de mansinho na beirada da pedra, e a cobra ao invés de me atacar, desapareceu numa fenda do perau. Estava a salvo, pois se tivesse caído, estaria todo quebrado.

Nosso serviço prosseguiu normalmente. O terreno ficava sempre mais montanhoso.

Depois de 15 dias embrenhados na mata, chegamos a um lugar de uma beleza impressionante. A paisagem era tão sui generis que certamente deu origem ao nome do ribeirão.

Ladeado por paredões de mais ou menos 100 metros de altura, uma queda de 5 metros de altitude despejava suas águas num poço de tamanho respeitável. Os paredões estreitavam tanto o curso d'água que consegui colocar um pé em cada margem, para assentar o trânsito (instrumento de medição).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Já havíamos deslocado o acampamento algumas vezes, e, dessa vez eu queria acampar acima do referido estreitamento. Colocamos nossos pertences nas mochilas e começamos a escalar o perau de 100 metros de altura. Em determinado lugar tivemos que usar um cipó grosso, encostado ao perau, e que serviu de apoio a nossos pés; mais parecia uma aventura do Tarzan. Era tão alto, que ao olhar para baixo, o ribeirão parecia apenas um fio de prata. Felizmente, tudo transcorreu bem.

Já em cima, encontramos um afluente caudaloso, que tinha a metade do volume d'água do ribeirão que formava a divisa. Ali, pude observar, com curiosidade, uma cobra enrolada, boiando no meio de um poço. Quando a matamos descobrimos que ela se apoiava num pau quase submerso. Ali estava a explicação do segredo do seu equilíbrio.

A vegetação começou a mudar. O que era antes mato alto, agora era somente faxinal, o ribeirão também diminuiu consideravelmente de volume.

O pobre Stefano começou a queixar-se de dor de dente. Um dente careado, no qual quase cabia um almoço, estava maltratando o pobre homem. Quis extraí-lo com meu alicate, mas ele não consentiu.

Isto me lembra, a solução encontrada por meu companheiro e ajudante, o velho Alexandre, na Fazenda Passa Dois, quando fez uma alavanca com pau da grossura de um polegar, que estava amarrado no dente, e servindo-se da cabeça como base da alavanca. Aí aconteceu a operação. A alavanca foi acionada com um soco para cima, o paciente soltou um grito, e ficou livre do dente que o incomodava.

O bom Stefano, porém, resolveu seu problema, enchendo a cárie do dente com fumo, que depois de certo tempo matou o nervo.

Eu fui maltratado por um berne, um verme transmitido pela picada de mosca chamada botuca que não me deixava dormir. Uma noite sufoquei-o com um pedaço de sabão, que segurei em cima do buraco onde ele se alojara no meu braço, e, no dia seguinte retirei-o com facilidade.

Nesse meio tempo nos aproximamos da cabeceira do ribeirão Encano. Nossos alimentos começaram a escassear, só nos restava farinha de mandioca e umas sobras de carne seca.

Numa bela tarde, eu estava lendo a mira, com o teodolito, sentado no leito do ribeirão, quando escutei o barulho provocado pela quebra de galhos secos na encosta do morro. Comentei com Stefano, que segurava a mira: "Lá vem meu ajudante, o Bertoldo, para nos dar uma mão". Pois havíamos combinado, que quando ele terminasse o serviço no outro lado do perímetro, viesse me ajudar.

Era bastante improvável que fosse ele, pois para nos alcançar teria de atravessar um mato perigoso, por diversos dias. Assim, o Stefano resolveu largar a mira e verificar realmente do que se tratava. Retornou depois de alguns minutos, muito assustado e balbuciou: "Eu vi a pintada". Era verdade, achei o rastro do

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

jaguar (pintada), onde ele tinha saltado o ribeirão.

As coisas se ajustaram, pois na véspera tínhamos escutado o grunhir de porcos selvagens, e, o jaguar, também conhecido por onça, costuma perseguir os porcos, atacando os que ficam atrasados, pois como uma vara é composta geralmente por mais de 40 porcos, ele não se atreve a atacá-los em grupo, pois eles o estraçalhariam.

O jaguar só ataca o homem quando colocado em apuros ou for ferido. Eu conheci um colono que encurralou um jaguar na toca formada por um perau, e este ao se sentir encurralado saltou sobre o colono, derrubando-o e estraçalhando seu braço esquerdo, e ele só escapou com vida, por causa de um cachorro pequeno, que ao atacar o jaguar, possibilitou-lhe matá-lo com um tiro de pistola. O colono levou meses se recuperando do ferimento, ficando mutilado para o resto da vida.

Continuando nosso trabalho, chegamos perto da nascente do ribeirão Encano, que alcançamos após mais meio dia de trabalho. O ribeirão se tinha tornado cada vez mais estreito e o seu leito ficou branco, forrado de quartzo.

Dali voltamos ao acampamento, interrompendo a busca que nos levaria até a divisa, que ia nos conduzir até o divisor das águas do ribeirão das Águas Cristalinas, que já corria para o município de Brusque.

Durante a volta, escutamos novamente o grunhido dos porcos selvagens e o Stefano cochichou: "Fiquem quietos, estamos perto dos porcos". E desapareceu no mato. Logo ouvimos um tiro, e, correndo naquela direção encontramos o porco por ele abatido e que pesava cerca de 30 quilos.

Pusemo-nos a limpar o animal abatido, extraindo-lhes as vísceras e umas glândulas, que se não forem extraídas estragam o sabor da carne. Com isso, tivemos um almoço festivo, comendo até presunto, que apesar de mal defumado não diminuiu nosso apetite.

No dia seguinte continuamos a busca da divisa, que nos levaria ao rio das Águas Cristalinas, onde fecharíamos o perímetro. De acordo com o mapa, teríamos mais 1.600 metros de divisa para abrir. Aí surgiu um problema para encontrar o começo da linha divisória. No mapa original, o ponto estava assinalado, mas como conferir o meu levantamento com o mapa original? O mapa foi apoiado sobre um pau caído, que limpamos precariamente, e comecei a desenhar à mão livre, o meu levantamento. Mais se parecia com um desenho de uma solitária, formada pelas curvas do ribeirão, mas que comparado ao original, mostrava onde deveria sair a divisa. A estaca nº 275 parecia indicar o ponto procurado. Encaminhamo-nos até o local a fim de procurar vestígios da divisa aberta há 20 anos passados. De repente um exclamou: "Aqui há uma árvore marcada e lá um xaxim cortado". É interessante observar, que o xaxim apesar de ter uma estrutura bastante fofa, conserva as marcas de corte de machado ou foice por mais de 30 anos. Muitas vezes, usei-o para

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mandar fazer marcos de divisa, pois sabia que depois de muitos anos ainda estaria intacto.

Assim, finalmente achamos o começo da linha. Já faziam 3 semanas que nos encontrávamos embrenhados no mato. A turma já se mostrava impaciente para terminar o serviço.

Infelizmente éramos somente 4 pessoas, contando comigo. Como fazer o serviço de abertura e medição de linha ao mesmo tempo? Tentei resolver o problema da seguinte forma: 2 trabalhadores abriam a linha, roçando-a com a foice. O 3° procurava taquaras que me serviriam como baliza. E assim procurávamos vestígios da linha aberta há 20 anos, deixando a medição para a volta. O 4° homem, que era eu, carregava o almoço, que consistia em farinha de mandioca misturada com carne de porco. A chocolateira para fazer café também integrava a carga. Apesar de servir para fazer café, o pó e o açúcar já tinham acabado há tempo, e, só restava tomar chá de cravo louro sem açúcar, que substituía também o café da manhã. Pão, nem mesmo em sonhos. O café da manhã, além do chá amargo, era completado por uma feijoada, que só a muita fome que sentíamos nos fazia engolir.

Finalmente demos início à última etapa do nosso trabalho, demarcar a última divisa das terras de mineração. Geralmente conseguíamos abrir 1.000 metros de divisa, pois o mato era fechado, com muitos espinhos, cipós e outras plantas rasteiras. Muitas vezes eu chegava completamente exausto numa subida íngreme, achando não ter forças para continuar. Mas a vontade e o dever eram mais fortes, e levavam-nos a continuar quase que como autômatos.

No fim de mais um dia de trabalho, voltamos ao acampamento, para nossa "casa de luxo", construída com taquara, guaricana e xaxim. O Stefano, achando que a distância que percorríamos diariamente do acampamento para o local de trabalho era demasiado longa, sugeriu que fizéssemos mais uma mudança. Eu fiquei contente com a idéia, pois quanto mais longe estivéssemos da saída, menos possibilidade existia de a turma abandonar o trabalho e fugir. Assim, mochilamos tudo e empreendemos marcha mato a dentro. No meio do caminho, uma forte trovoada descarregou chuva em abundância nas nossas costas. Escorregava-se mais do que se avançava. Molhados "até os ossos", finalmente alcançamos o fim da divisa aberta. Dois turmeiros tinham se adiantado, e de repente escutamos gritos. Eu me assustei, e preocupado que alguma coisa ruim tivesse acontecido, apressei o passo para alcançá-los. Qual não foi minha surpresa, os turmeiros estavam loucos de alegria, pois lá estava o fim do perímetro; o encontro com a divisa aberta, no início do trabalho do lado da Garcia. Chegávamos afinal ao divisor de águas do ribeirão Águas Cristalinas e do Encano. Se prolongássemos por mais uma hora o trabalho do dia anterior, teríamos evitado essa última mudança.

Já estava escurecendo e procuramos um lugar para passar a noite. Como

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

chovia torrencialmente, fizemos um abrigo provisório e nos sentamos num pau atravessado, que nos servia de banco. Fazer fogo com toda aquela chuva era impossível, assim passamos a noite contando "casos".

Ainda guardo na lembrança um caso que ocorreu quando tinha contratado um serviço com a empresa Eletro Aço, que possuía uma grande gleba de terras banhadas pelas águas do Ribeirão Warnow. O diretor da empresa me encarregara de pesquisar se no curso superior do ribeirão existia a possibilidade para construir uma usina elétrica, e, se lá existiam grandes áreas planas para o represamento de grande volume de água. Seriam 3 dias de viagem na mata virgem. Meu ajudante, que me acompanhava, chamava-se Hugo, e se tornara pai há poucos dias. Antes de entrarmos no mato, ele visitara a esposa e o bebê na maternidade em Rio do Sul. Assim, muito animado, ele carregou sua mala e os apetrechos de cozinha, durante 3 dias, mato a dentro. Quando chegamos ao local do nosso destino, cansados, deitamos no chão para depois construir nosso rancho. Feito o rancho, cada um começou a tirar suas coisas da mala ou saco de viagem. Meu bom ajudante, ao abrir sua mala, soltou um impropério, pois durante a visita à maternidade trocara as malas e, agora estava ele no meio do mato com a mala cheia de roupas de bebê. Passado seu excesso de raiva, a risada foi geral, e, ele levou uma semana, tendo que voltar para trocar as malas. Quando retornou com a mala certa, contendo a roupa de serviço, não perdi a oportunidade de lhe perguntar se a esposa tinha usado as botas dele na maternidade.

Bem, assim passamos a noite, cada um contando uma passagem pitoresca de sua vida. A chuva tinha passado e, a muito custo conseguimos acender o fogo e nos refestelar com um chá de cravo, amargo. Completei a ligação com o perímetro já aberto, e, de lá voltamos para a divisa recém aberta, fazendo a medição com a corrente. Chegamos, então, ao local do nosso penúltimo acampamento e no dia seguinte continuamos a medição. Nesse dia aconteceu um fato surpreendente, que meu médico em Blumenau, depois soube me explicar. Saíamos das montanhas e chegamos ao ribeirão Encano. O Stefano entrou na água e uma jararaca pulou nele, mordendo-o, porém, somente atingiu a fazenda das calças, sem feri-lo. Ele se livrou dela, balançando vigorosamente a perna, e a jogou para longe. Quando completou a travessia do ribeirão, começou a tremer tanto que teve que se deitar no chão. Parecia estar tendo um ataque de malária. Tivemos que parar o resto da tarde, tempo que durou o ataque de tremedeira. Explicou-me, meu médico, o Dr. Hafner, que o Stefano já tinha contraído os plasmódios da malária e o susto enfraqueceu seu organismo, provocando a manifestação momentânea da doença.

No outro dia, chegamos a uma região, onde existiam árvores de ingá, carregadas de frutos que se parecem com vagem de feijão, com mais ou menos 20 cm de comprimento, sendo que os grãos estão envoltos por uma polpa doce. É a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

alimentação preferida dos macacos, que conseguem abrir as vagens, o que não é fácil, e devoram a polpa que envolve os grãos. Há dias não saboreávamos nada doce, e, naturalmente derrubamos algumas dessas árvores e nos satisfizemos com a referida doçura. Depois de bem abastecidos de Ingá, prosseguimos a nossa marcha. Eu levava minha mochila nas costas e o machado na mão. Para encurtar caminho, usamos uma picada aberta por algum caçador, que nos afastou do ribeirão, e, quando o reencontramos, eu quis caminhar por um pequeno córrego que corria ao lado da picada. Quando nele entrei, o Stefano gritou: "Ali não". Mas já era tarde, o leito do córrego era formado por pedras cobertas de limo, e eu caí sentado na água. O machado me escapou da mão sendo levado pela correnteza, e eu fui como num tobogã, escorregando água abaixo. O leito do ribeirão era muito inclinado, acelerando minha descida, que acabou dentro de um poço, com mais ou menos 4 metros de profundidade, no qual mergulhei sem me machucar, felizmente. Acabara de tomar um banho sem querer. Continuei a caminhada, molhado como um "pinto", até chegar à casa do primeiro morador, onde eu tinha deixado minha mala de roupa.

Infelizmente ela não se encontrava lá, pois meu ajudante, achando que íamos sair pelo Garcia, levou-a para lá, e assim frustrou-se meu sonho de voltar à civilização e poder trocar de roupa. Todo sujo, molhado e cansado só me restou descansar assim mesmo.

No dia seguinte, depois de uma caminhada de 10 Km, felizmente, encontrei um dos proprietários da gleba da Mina que me conduziu até Blumenau.

Quando fui tomar um táxi, já em Blumenau, em frente ao cine Busch, o motorista não me reconheceu, pois a minha aparência era realmente assustadora, todo sujo, a barba crescida e as roupas rasgadas, e, não quis me levar. Por sorte o senhor que me trouxera do mato, me identificou, deixando os motoristas perplexos, pois eu estava realmente irreconhecível.

Um dia, eu me encontrava em nossa casa no Garcia, que eu construíra em 1934.

Chegou-nos então o gerente da empresa colonizadora Companhia Salinger, e me convidou a assumir a área técnica da companhia.

Após acertamos a parte financeira, eu me reservei continuar trabalhando no serviço oficial. A sede dos trabalhos da colonização encontrava-se em Fruteira, um lugar a 23 Km de Rio do Sul, e 123 Km de Blumenau. Assim mudei-me inicialmente sozinho para lá. Meu dormitório era no escritório. O gerente, Sr. Rudolf Hoeschl, tinha além disto, uma casa de negócio, uma serraria e um açougue. Meu primeiro trabalho foi fazer uma planta de situação dos terrenos comercializáveis da companhia.

A planta era comercial, porque eu tinha que assinalar os terrenos vendi-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dos em uma cor, os contratados em outra, os ocupados numa terceira, e os livres numa quarta cor.

Tive então que me informar a respeito da situação dos terrenos da Cia. Salinger.

Meu antecessor, um bávaro, deixara tudo numa grande confusão, com divisas sobrepostas, de modo que muitos papéis de compra estavam errados, e a companhia teve problemas jurídicos com os compradores. Ele se demitira.

Comecei pelos complexos maiores, para tomar pé. Havia ainda uma grande área, tudo floresta virgem, no ribeirão Sumidor, cujo nome advinha de alguém que por lá se perdera. A estória era que um caçador lá se embrenhara e nunca mais dera notícia. Eu fui, orientado por um agrimensor da companhia, ir ao alto de um morro, de onde poderia avistar uma parte das terras. O agrimensor me informara que se tratava de terras sem valor, improdutivas, inaproveitáveis. Eu lhe fiz saber, que eu lhe provaria, que os terrenos eram vendáveis. Era preciso primeiro abrir estradas e a terra teria que ser dividida em colônias.

Assim fiz o primeiro traçado da estrada, acompanhando o leito do rio Sumidor, desde o Rio do Oeste até Pouso Redondo, aproximadamente 10 Km. Contratei um colono, que assumiu a construção da estrada.

Naquela época, não havia máquinas rodoviárias, e todo serviço era feito à mão com enxada, pá e picareta. As rochas eram explodidas com dinamite. Havia naquelas paragens, muito cedro, de formas que as pontes e passagens eram feitas de madeira de cedro. Tinha a vantagem que as travessas recebiam pouca carga de lastro, e não apodreciam com facilidade. Havia lá diversos tipos de madeira, os quais após cortados e enterrados brotam novamente. Entre outros, uma árvore chamada guarapuvu, que possui o tronco bem reto, e que é usada na colônia como baliza, de maneira que em muitas medições, ao abrir os rumos era comum encontrar alinhados em reta, troncos de árvores de guarapuvu, demonstrando que haviam sido usados galhos desta árvore no balizamento dos rumos.

Existe também uma madeira, Cambará, que jogada na água, devido ao alto teor de ácido silícico, se petrifica.

Voltando à construção da estrada, o nosso contratado recebia à época três mil réis, por metro de estrada pronta. O pobre homem morreu mais tarde picado por cobra. No Sumidor havia uma caverna, na qual se poderia tranqüilamente instalar um restaurante, tão ampla era. E havia um aspecto interessante: o piso da caverna deveria conter algum tipo de sal, pois estava repleto de pegadas de animais e lugares nos quais se percebia que eles haviam lambido.

Concluída a estrada, melhor dito, seu traçado, iniciou-se então a divisão dos lotes, cada colônia com 25 hectares. Na divisão constatou-se que uma parte da área, já havia sofrido desmatamento, e inclusive sido plantada por posseiros. Desta

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

forma orientamos aos mesmos para adquirirem os lotes, ou se retirarem. Apesar de a terra ser barata, e os mesmos terem recursos, eles resistiram e tivemos que requerer seu despejo judicial. O oficial de justiça compareceu para intimá-los a deixarem a propriedade da companhia, e ele foi corrido com armas. Veio então o dia que os posseiros seriam retirados à força. Eu requisitei força policial, para garantir a ação da justiça, e no caminho já encontramos um dos posseiros, com uma carga de milho em uma zorra puxada por bois. Quando ele viu a polícia, apanhou sua pistola, ao mesmo tempo em que um policial saltou sobre ele e arrancou a arma com cinto e tudo, e quase lhe tirando junto as calças.

Após a reação inicial eles cederam, e pediram licença para colher o milho, ao que eu lhes acedi. Ao anoitecer finalmente a tarefa indigesta, terminou, os posseiros se retiraram, e nós voltamos para casa. Naquela época eu possuía um Chevrolet Pavão, e repentinamente o mesmo enguiçou na entrada para Rio do Oeste. Após alguns minutos ele pegou de novo, andou um pouco e parou de novo. Junto comigo estava meu ajudante Alexandre, e nos encontrávamos a cerca de 2 Km de distância de Rio do Oeste. Falei então ao Alexandre: "Você vai a Rio do Oeste e compra 1 quilo de lingüiça, pão e duas garrafas de cerveja, pois teremos que pernoitar aqui." O Alexandre se foi. Após alguns minutos, resolvi abrir o capô do motor, acendi um fósforo, o último que tinha, que me foi apagado pelo ventilador do motor. Vi então um ponto vermelho, no distribuidor.

Eu levei a mão, me queimei naturalmente, e descobri um curto circuito na distribuição. Isolei o local com fita e o carro voltou a funcionar normalmente. Segui o caminho e encontrei meu velho Alexandre já voltando. Assim, comemos primeiro a lingüiça, tomamos a cerveja, e após seguimos para Fruteira.

Após termos dividido o Sumidor em colônias de 250.000 metros quadrados, levei um dia 3 italianos até lá para mostrar-lhes a terra. A estrada recém concluída, de barro, tinha recebido chuva, e formara muitos atoleiros. Meu velho e fraco Chevrolet Pavão tinha uma tolda de lona. Na parte traseira havia uma pequena janela de celulóide transparente, a qual já se soltara em 3 cantos, e por isto ficava abanando.

Um dos italianos, sentado ao meu lado, estava com o braço para fora da porta, e se segurava no trinco desta. Caímos num buraco, ele baixou o trinco da porta, esta se abriu, e ele caiu no estribo do carro. Em seguida veio outro buraco no outro lado, e o solavanco do carro arremessou o passageiro de volta para dentro. É inimaginável hoje, o que eram as estradas da época. Era por exemplo uma façanha quando com tempo chuvoso se viajava de Fruteira a Taió.

Em muitos locais, se tinha que arremessar o carro com toda força em um atoleiro, para que se pudesse com o embalo sair do outro lado. Quando se ficava atolado, tinha-se que saltar e buscar uma junta de bois, para nos arrastar para fora.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Bom, o meu italiano estava felizmente reembarcado no carro, e após termos olhado as terras, retornamos para casa. Durante todo o trajeto, ouvíamos uma batida seca. Era como se alguma coisa estivesse batendo em algo mole. Ao chegarmos de volta, um dos italianos teve que procurar imediatamente uma farmácia e comprar aspirina, pois estava com uma dor de cabeça horrível.

A sanefa solta do carro, batera-lhe a viagem toda na traseira da cabeça. Este era o barulho abafado que nós ouvíramos.

Dos meus carros posso contar um romance.

Um dia, veio um colono com sua esposa até o escritório da companhia, e implorou que os conduzíssemos até Barra do Trombudo. Sua esposa havia comido melancia, e inadvertidamente havia bebido água por cima, o que lhe causou uma terrível indigestão e cólicas horríveis. O Sr. Rudolf Hoeschl me solicitou que então transportasse a enferma e seu marido, para obter auxílio médico. Eu coloquei minha viatura em movimento. O homem se sentou ao meu lado, e a mulher estava estirada no assento traseiro. Na pressa, e como era freqüente, passei por uma cratera da estrada. O carro saltou talvez uns 60 centímetros para cima, tornou a cair e parou. A mulher, no solavanco, foi até o teto do carro, e voltou ao chão num golpe. O marido ficou brabo, e queria me agredir. Neste momento a mulher começou a vomitar, e lá vieram os pedaços de melancia, e como num passe de mágica, estava boa. Ao invés de me agredir, o homem me ficou imensamente grato, pois dispensou a ida ao médico, e o assunto estava liqüidado.

Outra vez, um de meus agrimensores tinha exatamente saído do mato, após semanas de serviço, e naturalmente queria ir até em casa, saudoso que estava de sua casa em Blumenau. Como eu conhecia esta carência, embarcamos em 4 no meu Pavão e tocamos até a estação ferroviária, na Barra do Trombudo, 8 Km da Fruteira.

Era noite, as estradas daquele jeito, e os faróis dos carros da época pouco iluminavam.

A lama voava contra os faróis e escurecia a visão. Eu só escutei o barulho de uma cerca de madeira que nós atingimos e o carro tombou em uma arrozeira. Meu desenhista, Marcus Riedel, que se assentara atrás, voara fora, num só pulo. Eu fiquei deitado sob a alavanca das marchas e o agrimensor ficou estirado sob a porta, e graças a ele eu me salvei, do contrário teria quebrado a espinha dorsal. Ele suportou todo o peso do carro, cuja cobertura se partira toda, e o mesmo ficara sobre nós. Riedel, que saltou fora, correu de volta ao escritório e encontrou o gerente, Sr. Rudolf Hoeschl, tranqüilamente sentado na cadeira de balanço.

Ele chegou e gritou: "Todos mortos". O que provocou um susto enorme no velho senhor. Nós, debaixo do carro, começamos a gritar. Por sorte, havia moradores próximos. Eles acorreram e suspenderam o lado do carro. Eu me arrastei para

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

fora, o outro passageiro fez o mesmo, só o agrimensor permaneceu imóvel, sem sentidos. Nós o puxamos para fora, e ele ficou estirado com os braços abertos na arrozeira. Eu falei para seu filho, que era o outro passageiro: "Traga-me uma folha de inhame cheia de água." Ele fez um recipiente com esta imensa folha, colheu água, cerca de meio litro, e me passou. Eu a apanhei e arremessei a água no rosto do desmaiado. Ele arregalou os olhos e perguntou: "Onde estamos?" Eu lhe respondi: "Numa arrozeira". Aí, aquele senhor de 50 anos de idade, começou a gritar: "Mamãe, Mamãe.", o que tornou nossa situação cômica. Nós sujos e molhados, em uma arrozeira, e ele chamando por sua mãe, que se encontrava a mais de 100 Km, só podia provocar risadas. Felizmente ninguém se machucou, só o agrimensor ficou com dores no braço, onde suportara o peso do carro.

De outra vez, encontrava-me em Taió, a 50 Km de Rio do Sul. A estrada em péssimo estado, e o ônibus que me precedia atolou e não foi mais. Tive que voltar à Barra do Trombudo. Dois passageiros me pediram para irem juntos. Eu os informei que não seria fácil, mas se eles estavam dispostos a se arriscarem, seria até possível que tivéssemos que pernoitar no caminho, se algo acontecesse com o carro. Eles concordaram, e nós partimos. O limpador de pára-brisas, na época manual, acionado por uma alavanca interna, havia se quebrado. Quando passávamos por um buraco com lama, o pára-brisas ficava coberto de sujeira, e eu tinha que saltar e limpá-lo com um pano. Isto aos poucos me encheu a paciência.

Eu suspendi os pára-brisas, os quais naquela época eram reversíveis, e toquei em frente. Os dois senhores, que haviam se acomodado no assento traseiro, estavam de terno de linho branco. Eu como sempre, nos atoleiros entrava com toda força, e num destes, veio-nos um dilúvio de água lamacenta carro adentro. Meus dois passageiros, com trajes brancos, repentinamente estavam marrons.

Nesta mesma viagem, ainda colidi com o pára-choque traseiro em uma carroça que me veio ao encontro. O pára-choque, uma barra de ferro, engatou a roda traseira da carroça, e a arrastou de volta uns quatro metros, até parar. Os cavalos caíram sentados com o puxão, e os passageiros da carroça voaram para frente no fundo da carroça. Felizmente ninguém se machucou.

As minhas aventuras com meus carros, me consumiram horas.

Vamos então, prosseguir com as medições.

Nós tínhamos ainda um outro complexo de terras no ribeirão Cabeça de Anta. Eu comecei com o traçado da estrada a partir do ribeirão. A área já estava em parte ocupada. Logo no começo do terreno, morava um polaco, que tinha um belo e grande pasto na encosta do morro, e eu tinha que passar por lá com meu traçado. Ele alardeou: "Se o Gebler cortar meu pasto eu o acerto com minha espingarda".

Comecei o trabalho no ribeirão Cabeça de Anta, com 6% de inclinação, subindo. Quando cheguei à sua propriedade, o traçado passou em sua cerca poste-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rior, livrando o pasto. Aí ele nos veio ao encontro, e ao invés da espingarda, trazia uma bandeja de doces e café. Estava feliz, que ao invés de a estrada recortar seu pasto, ainda ia lhe servir. Seguindo, cheguei com meu traçado de estradas em um divisor de água, o qual por este traçado era intransponível.

Procurei pelas proximidades uma alternativa, para onde pudesse dirigir meu traçado, e em ângulo fechado interrompesse, para seguir do outro lado, subir e fazer a amarração com a estrada do Alto Índio. Este lugarejo, já pertencia à colonizadora Hanseática, e de lá em diante já existia estrada. Tracei ainda uma outra estrada, pois o terreno era muito amplo, e contratei a construção das mesmas com duas famílias de poloneses. Um dia fui supervisionar a construção das estradas, e verifiquei que um dos poloneses construíra uma passagem sobre uma grota de mais ou menos 4 metros, e já fizera sobre ela um aterro de 2 metros de altura. Desci então ao bueiro, que ficava 2 metros acima do nível do ribeirão, e o verifiquei por baixo. Estava tudo branco, o polaco usara como lastro bracatinga, uma madeira mole, que não dura mais que um ano sob o aterro. Eu interpelei o homem, e ele teve que remover todo o aterro, e utilizar cedro ou canela nos bueiros, do contrário eu não lhe pagaria. O meu antecessor nunca supervisionava as estradas em construção, e os empreiteiros estavam mal acostumados, achando que seria igual.

O polonês se tornou meu inimigo, mas a estrada durou anos.

Levei um dia um agrimensor ao complexo de colonização, para segundo meu projeto de divisão, efetuar a demarcação dos lotes. Arranjamos os operários necessários, 7 homens, incluindo o cozinheiro. Eu retornei ao escritório da companhia.

Lá, encontrei tanto serviço, que esqueci a turma da Cabeça de Anta. Após 14 dias, me ocorreu que o agrimensor não mandara apanhar mais provisões. Assustei-me. O que lhes teria acontecido? Imediatamente apanhei meu carro, e fui-lhes ao encontro. Achei suas picadas no mato, e também seu primeiro acampamento. Próximo ao rancho, estava um monte de cerca de 60 cm de penas de macuco. Aí estava a razão pela qual não tinham buscado mantimentos. A este fato eu já me referi. O cozinheiro à noite perguntava: "Como é que vocês querem o macuco? Assado ou cozido?"

Apanhava então sua espingarda e ia para o mato. Os macucos ao anoitecer se assentam sobre galhos limpos, para dormir. Assobiam duas ou três vezes e adormecem. Arroz e farinha eles obtinham em uma venda nas cercanias, e carne era a caça.

Na metade da área, corria um ribeirão forte, e do outro lado do mesmo não havia mais macucos. Era interessante. Os morros daquele lado estavam cheios de jaguatirica. Este animal, com pêlo semelhante a uma onça, e com tamanho um pouco superior ao de um gato, respeitava a divisa do rio. Assim, de um lado do rio

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estavam os macucos, e do outro as jaguatiricas. Denominei-o o ribeirão de Cachaça, em homenagem ao agrimensor que gostava de entornar umas e outras. Eu o chamei muitas vezes para longas conversas, porém o vício se agravou e eu tive que despedi-lo. Desta forma nos faltava um agrimensor, e o diretor me encarregou de providenciar um profissional.

Assim tomei a camionete da companhia e toquei para Cedro Alto, aproximadamente 150 Km de distância, em busca do velho Alexandre, que nos auxiliara há tempos na abertura do perímetro das terras da Companhia Bona. Quando cheguei ele vinha exatamente saindo do mato, com uma carga de lenha nas costas. Era o resto de uma coivara de roça, usada para o fogão da cozinha. Ele vinha arcado da carga, e todo sujo de carvão, já que se tratava de restos de queimado. Eu lhe disse: "Alexandre, preciso de um agrimensor". Ele me respondeu que não podia, pois não tinha roupa para isto. Nada disto, eu lhe respondi, preciso de você e vou lhe providenciar o necessário. Mais tarde, sua esposa me contou que ela havia rezado os últimos dias incessantemente para que um de nós, eu ou meus irmãos aparecêssemos para buscar seu marido para trabalhar, pois sua situação era muito ruim. Desta forma, achou-se a fome com a vontade de comer, e o Alexandre ficou até quase o fim de seus dias comigo, trabalhando de agrimensor.

Posteriormente tive que demarcar uma grande região na serra do Mirador, como agrimensor do governo. Eu tinha ordens do Presidente do Estado, assim se chamava o Governador, para realizar a tarefa a qualquer custo, e se fosse necessário podia requisitar força policial, já que a localidade era muito perigosa. Ainda residiam lá, os remanescentes dos fanáticos, que sob o comando de Deodato, haviam feito uma revolta. O Governo teve que remeter um regimento de soldados com artilharia, para dominar os revoltosos. Entre outros, ali foi aprisionado o carrasco dos revoltosos , um tal de Macuco. Ele era o maior dos bandidos. Entre suas proezas contavam-se inclusive fatos como o de mulheres grávidas as quais ele abria a barriga para retirar os fetos. Ao ser preso, ele vivia maritalmente com sua neta. Antes ele tivera com sua filha, um rebento. Quando aquela morreu, ele passou a conviver com sua neta, a qual ele criara.

Ele foi levado à cadeia de Curitibanos, onde morreu miseravelmente.

Eu parti de Blumenau, de onde após 200 Km de viagem cheguei à Serra do Mirador. Quando já era noite, cheguei ao meu destino, não sem antes deixar correr a notícia pelo caminho que eu era o agrimensor oficial, e iria demarcar a terra devoluta. Quando cheguei, sentei-me num tronco caído. Após 15 minutos, me encontrava cercado por 10 homens fortemente armados. Eles me inquiriram sobre o que eu estava pretendendo fazer. Eu lhes respondi que iria medir aquelas terras. Eles me responderam que não tinham dinheiro. Aí eu lhes perguntei quando então eu podia começar. Eles me informaram que só dali a um ano. Eu fixei então a data,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

escrevi alguns editais e os afixei em diversos locais por lá, e retornei. Após alguns dias, um dos moradores do local me procurou em Blumenau, e me solicitou que medisse seu terreno, pois achava que desta forma poderia se assegurar um melhor pedaço. Eu comecei em um lado da estrada, e quando nós queríamos medir um pedaço do outro lado da estrada, fomos impedidos por um grupo com Winchester. Não pudemos continuar. Eu poderia requisitar a força policial, estes porém teriam ficado lá por uma semana, e sobraria para mim conter o povo quando eles se fossem. Assim, marquei uma audiência pública, na qual eu pousei minha Paralelum, revólver de grosso calibre, sobre a mesa e expus meus trunfos.

A partir daí, os outros concluíram que para seu próprio bem, era melhor que todos medissem suas terras. Assim, todos que queriam proceder a demarcação, tinham que efetuar um depósito em dinheiro, e o restante seria pago no final do serviço. Estava presente no local, chamado Santa Maria, um inspetor de quarteirão, na época a autoridade policial e judicial do local, de nome Manoel Sens, o qual não queria fazer o depósito. Era um legítimo tirano, que fazia as regras para si. Eu porém não cedi. Finalmente, ele pagou sua parte. Ele era dono de um pequeno negócio. Sob uma cobertura ele possuía um barril de mel, na rua. O pessoal comprava mel, e ele tirava com uma concha o produto de dentro do barril. Quando chegou ao fundo, ele tocou em algo duro. Ele experimentou novamente tirar o mel, e nada. Finalmente ele resolveu virar o barril, e surgiu um cachorro morto. Pois bem, o pessoal já havia consumido a maioria do mel, e não havia mais nada a fazer.

Quando mediamos o terreno do seu vizinho, tivemos que cortar alguns pés de milho de sua roça. No dia seguinte, o nosso Manoel Sens veio até o colono e lhe perguntou: "Tu mandaste medir um pedaço de minha roça de milho?" O pobre homem, tremendo, concordou, mas afirmou que o agrimensor só quis endireitar o rumo. A isto respondeu o Manuel: "Amanhã manda medir tua sepultura, porque eu vou te atirar."

Eu tive um trabalhão imenso, em convencer o homem que o colono não tivera culpa no corte dos pés de milho, até que finalmente ele se acalmou.

Como falei antes, ali ainda moravam muitos remanescentes dos fanáticos do Deodato, e um belo dia ocorreu que um outro estranho "homem santo" queria fundar uma seita. Ele se auto denominou Monge Maria. Ele se enfurnou com seus seguidores em uma grota, onde corria um ribeirão relativamente grande, e que formava ali um pequeno lago. Todo novo discípulo tinha que oferecer seus bens, galinhas, porcos, etc... ao "Santo", o que era consumido pela comunidade.

Um de seus seguidores havia encontrado um grande cristal de rocha. Este tinha no meio uma falha, e quando se o segurava contra a luz, a falha do cristal tomava a forma de uma imagem feminina. Naturalmente, com a necessária imagi-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nação adicionada. Desta forma, todos os seguidores que após a iniciação recebiam o batismo, eram levados a olhar através do cristal, e ai daquele que não conseguisse ver a Virgem Maria lá dentro. Era severamente castigado. Isto trouxe naturalmente muita perturbação e o dono do terreno, o velho Sr. Bertolli, mandou buscar a polícia e esta acabou com a farsa.

O Sr. Bertolli Senior, possuía uma grande concessão de terras. Ele antigamente fora construtor de estradas. Em pagamento pelas obras ele recebeu um imenso complexo de terras. Como era comum em grandes terras, diversos invasores se estabeleceram.

Ele então, iniciou um processo contra eles, para removê-los de suas propriedades. Os posseiros, eram gente humilde que viviam em rancho de pau a pique. Eles se uniram, e contrataram um advogado de Florianópolis, de nome Dr. Rupp. Os posseiros em suas choupanas, estavam instalados tão precariamente, que suas cadeiras eram feitas de troncos; mesas nem pensar. O advogado, porém precisava de uma mesa, para redigir as atas de suas audiências. Assim os posseiros compraram do seu adversário, Sr. Bertoli, uma imensa mesa. Este era então o palco, onde o Dr. Rupp conduzia suas audiências e discursos. Xingava naturalmente com violência o adversário, o Sr. Bertoli, de ladrão de terras, mentiroso, etc. O processo tomou seu rumo, e após alguns anos os posseiros perderam, e tiveram que abandonar as terras. Agora estava lá a mesa monstro, impossível de ser transportada, e o único comprador possível era o Sr. Bertoli. Uma ocasião o Sr. Bertoli me mostrou a dita mesa e me disse: "Aqui nesta mesa, eu fui xingado de ladrão de terras e mentiroso, e quero preservá-la como recordação do processo vitorioso."

Era uma situação estranha.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pobres Passarinhos!

TEXTO:
*URDA ALICE KLUEGER**

Eu ouvi a palavra "Ecologia" a primeira vez lá por 1970, já no Curso Científico, quando o querido professor Alceu Natal Longo gastou um semestre para nos fazer entender direitinho o que era. Até aí, apesar de ter tido sempre uma sensibilidade que me fazia sofrer até ao ver matar uma formiga, essa ciência era totalmente desconhecida.

Minha infância foi povoada de caçadores de passarinho. Todos os meninos da minha época tinham suas fundas e seus bodoques, e rivalizavam entre si para ver quem matava o maior número de passarinhos. Havia um menino muito próximo de mim, o Osnir, filho da nossa vizinha D. Nilda, que era o maior caçador das redondezas. Osnir gastava incontáveis horas fazendo pelotas de argila amassada, bem redondinhas, e quando minha mãe assava pão no grande forno de tijolos, ele aproveitava para assar junto suas pelotas, que criavam a consistência dos tijolos dos fornos, e se tornavam armas temíveis quando atiradas pela sua funda. Bem fornido de munição, Osnir saía pelos matos, com a aprovação de toda a sociedade da época, a fazer as suas caçadas. Lembro-me bem de quando ele voltava, com uma fileira de passarinhos mortos pendurados na mão, que era erguida como troféu. A avó do Osnir, D. Cecília, depenava e limpava os bichinhos, e os fritava bem fritinhos, e eu ficava vendo o Osnir a comê-los. Ele me oferecia, mas eu não tinha coragem de provar daqueles bichinhos que tinham sido tão bonitos, e então Osnir ria da minha covardia e mastigava ruidosamente um coraçãozinho de nada, bem torrado na fritura, garantindo que comer coração de passarinho deixava o caçador mais valente. (Das penas dos passarinhos faziam-se cobertas - os velhos moradores

* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de Blumenau ainda têm muitas cobertas de penas de passarinhos).

O Osnir e suas caçadas foram para mim o símbolo de uma época, a época em que a palavra Ecologia era desconhecida do nosso mundo. Conhessêmo-la, depois, e levamos a sério o que nossos professores falavam, e o outro símbolo que ficou para mim foi de quando o meu sobrinho Mteka entrou na escola, isso lá por 1982. Ainda não havia passado muito tempo desde que as caçadas de passarinhos eram coisa habitual e moralmente bem-aceita, mas Mteka já estava vivendo com um nova consciência. No seu primeiro ano na escola, ele participou de uma passeata onde todas as crianças foram fantasiadas de flores, a defender os passarinhos e a natureza em geral. Era um novo tempo que começava, e os meninos já não tinham fundas nem sonhavam ser grandes caçadores. Bem nessa época acompanhei o drama de uma família conhecida, dona de grandes matos: o pai continuava com o hábito de caçar passarinhos, e saía, de tardinha, de arma em punho, causando a maior revolta nos filhos, que já tinham recebido as suas noções de Ecologia, e não se conformavam com a atitude do pai. Não sei do final dessa história, mas imagino que o pai acabou cedendo à razão e aos novos tempos, e as cobertas de penas de passarinhos não tenham aumentado o número, naquela casa.

Hoje, moro num bairro onde ainda há muito verde, inclusive pedaços inteiros da Floresta Atlântica intocados, e se a gente acordar cedo, ouve-se por todo o bairro uma grande sinfonia de passarinhos saudando o dia. Meninos de funda? Eles não existem mais por aqui, e, se algum dia, algum deles aparecer, vai ser uma revolta geral. Ma creio que os meninos estão convencidos que não devem mais usar fundas, que os passarinhos, como todos os outros seres vivos, têm seu direito à vida e à liberdade.

No meu mundo, os passarinhos, hoje estão em paz, e seus corações já não servem mais para formar grandes caçadores. São pequenas coisas, assim, que me fazem achar que hoje o mundo está melhor. Temos a consciência de que devemos respeitar a natureza, e ainda faz tão pouco tempo que começamos a ouvir falar nisto! É possível aprimorar ainda muito a este respeito.

Blumenau, 10 de Dezembro de 1995

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Autores Catarinenses

- Guido Wilmar Sassi

TEXTO:
ENÉAS
*ATHANÁZIO**

Faleceu no Rio de Janeiro, no último dia 6 de maio, o escritor catarinense **Guido Wilmar Sassi**. Nascido em Lages, a 15 de setembro de 1922, criou-se em Campos Novos, depois se transferiu para Florianópolis, onde teve destacada atuação no **Grupo Sul**, fixando-se mais tarde, em definitivo, na antiga capital federal. Romancista, cronista e, acima de tudo, contista, estreou com o livro de contos "Piá" (1953), acatado com entusiasmo pela crítica e pelo público. Publicou depois a coletânea de contos "Amigo Velho" (1957), cujo conto-título é verdadeira obra-prima, os romances "São Miguel" (1960) e "Geração do Deserto" (1964), este último vertido em filme por Sylvio Back com o título de "A Guerra dos Pelados." Publicou vários outros livros, incursionando inclusive pela **ficção científica**, participou em importantes antologias, até mesmo no Exterior, e teve obras traduzidas para outros idiomas. Em ordem cronológica, foi o segundo expoente da corrente **regionalista** dos Campos Gerais em nosso Estado, nos passos do fundador, Tito Carvalho. É considerado o iniciador do **ciclo do pinheiro** na literatura nacional. Sua obra tem fundo sociológico, retratando com precisão o homem do Planalto, e acentuado sentido humano. Guido foi o único escritor catarinense das últimas gerações a granjear renome nacional. Sua perda deixa consternados os meios culturais, embora sua obra tenha lugar destacado e perene em nossas letras.

APRESENTAÇÃO DE "BLUMENAUAÇU 3"

O Projeto Autor/Escola é uma das mais engenhosas fórmulas de luta para aumentar o número de leitores, aproximando os escritores dos alunos e

* Escritor e Advogado

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tentando despertar nestes o interesse pelas coisas das letras. Todos nós, envolvidos com a cultura em geral e a literatura em particular, carregamos a aflitiva consciência de que o País conta com uma quantidade ínfima de aficionados da leitura em proporção à nossa avantajada população. Essa situação se agrava quando analisamos o panorama de nosso Estado, cuja população é pequena, e tem uma rede deficiente de livrarias e bibliotecas públicas, dificultando a distribuição de nossos livros e, em conseqüência, a conquista de novos e indispensáveis leitores. Na minha trintenária vivência nesse meio, sei de experiência própria dos obstáculos encontrados pelo escritor catarinense para publicar, divulgar e distribuir suas obras.

Na primeira fase do Projeto, quando executado pela Fundação Catarinense de Cultura, participei com freqüência, tendo visitado diversas escolas pelas quais fui convidado, algumas delas com surpresa para mim, porque não imaginava que lá existissem leitores de minhas obras. Mais tarde, já na fase da Fundação Cultural de Blumenau, também participei dessas visitas. Embora algumas fossem marcantes pelo interesse demonstrado, pela afluência de estudantes e pela amplitude dos debates, às vezes se desviando para assuntos alheios à literatura, foram sempre experiências agradáveis e positivas, contribuindo de forma significativa para a difusão do nome do escritor e de sua obra. Por isso, mesmo que a viagem fosse longa e cansativa, jamais deixei de comparecer.

Como integrante da União Brasileira de Escritores (UBE-SC), participei de encontros e audiências com autoridades da área cultural objetivando estimular a implantação do Projeto Autor/Escola, assim como tratei do assunto em entrevistas e artigos publicados na imprensa, inclusive no jornal de nossa entidade de classe. Não pretendo aqui praticar o auto-elogio, mas reafirmar minha crença no Projeto e a convicção que me nutre de sua importância para as letras de nosso Estado e sua cultura. Necessitamos, com urgência, aumentar o número de nossos leitores, muito especialmente o de leitores de obras catarinenses. E o Projeto Autor/Escola, como já demonstrou em outros Estados e mesmo aqui entre nós, é um instrumento eficaz para colaborar na conquista desse objetivo.

Por tudo isso, é com satisfação que vejo a força com que ele se enraizou em Blumenau, publicando agora a Editora Cultura em Movimento a terceira antologia destinada à sua execução, com o sugestivo título de "Blumenauaçu 3", reunindo autores da maior expressão e de várias regiões do Estado para que deles se aproximem os estudantes do município. É uma iniciativa que revela o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

compromisso da Fundação Cultural de Blumenau e sua Editora com a manutenção do Projeto, tornando-o aos poucos, com o passar dos anos, uma tradição da qual jamais se afastará. Sinto-me feliz pela participação nesse evento, ainda que subscrevendo estas linhas de apresentação, a rigor dispensáveis, e registro aqui meus votos de que a terceira etapa seja tão bem sucedida como as anteriores. (Balneário Camboriú, 18 de maio de 2002).

"ANTOLOGÍA DE LA POESÍA BRASILEÑA"

Organizada por Xosé Lois García, poeta, historiador e diretor do Arquivo Histórico de Barcelona, foi publicada por Edicións Laiovento, de Santiago de Compostela, Espanha (2001), a "Antología de la Poesia Brasileña", reunindo poemas de 44 poetas de diversas regiões de nosso País,de diferentes gerações e tendências. Trata-se de um volume bilíngüe (português/espanhol), de esmerada feição gráfica e com mais de quinhentas páginas. Contém nomes reconhecidos de nossa poética, a exemplo de Cassiano Nunes, Lêdo Ivo, Jorge Tufic, Carlos Nejar, Aricy Curvello e outros, todos bafejados pela crítica e pelos leitores. Existem poesias para todos os gostos, desde o soneto tradicional até os versos livres, experimentais e arrojados. É interessante observar que muitos poemas parecem ganhar com a tradução, adoçando-os e melhorando-os, enquanto com outros acontece o oposto, perdendo bastante da vivacidade original. Surge aí a velha questão da tradução da poesia e sua conturbada problemática.

Destaco nesta publicação, pela importância do fato, a participação de vários poetas catarinenses ou aqui radicados. Hugo Mund Júnior, Alcides Buss e Leonor Scliar Cabral estão presentes. O primeiro entrou com os poemas "Trajeto do Enigma", "Véspera das Águas", "Vênus Tardia" e "Apogeu"; o segundo com "O Nome da Vida", "Incumbência", "Profanação" e "Redondilha"; a terceira com "Toledo, Cidade do Consolo", "Girona", "Shavout em Granada" e "Sephirot." Todos poemas de qualidade, no mais alto nível da coletânea. Destaco ainda a presença de Vicente Cechelero, poeta e crítico brilhante, muitas vezes ferino, fato que o afastou de muitos escritores e do meio literário. Embora trocássemos cartas e ligações, só o vi depois de falecido, em Navegantes, onde passava férias, aos cinqüenta anos de idade. Seus poemas aqui publicados são: "Mitologia Real de Inverno", "Ecce Homo" e "Rapsódia Tibetana."

Destaco ainda a participação de Aricy Curvello, poeta dos mais conhecidos e incansável agitador cultural, um dos escritores mais dedicados à literatu-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ra que conheço. Colaborou com os poemas "Apodreciam", "Des-Conforme", "Tarde da Noite", "Outra Vez" e "Cézanne."O primeiro poema é um grito de inconformismo, um chamado à consciência. A tradução lhe conferiu tons de hino.

O volume é precedido de longo ensaio do organizador, revelando a visão panorâmica e de profundidade que tem da poética brasileira. Ele é especialista em literaturas africanas de expressão portuguesa. (Endereço para contatos: Caixa Postal 04-2081 - Praia de Jacaraípe - CEP 29173-970 - SERRA - ES).

NOVA REVISTA

Está circulando o primeiro número de uma nova revista. Trata-se de **Con Texto**, editada por Valdecir Domingues de Matos & Cia. Ltda., da cidade de Joinville. Neste número aborda, como tema de fundo, a crise do casamento, numa ampla e pesquisada reportagem. Trata ainda de inúmeros outros assuntos, como a Amazônia, as conquistas da mulher, questões relacionadas com o ensino e verbas públicas, a trajetória do industrial Albano Schmidt, ecologia e preservacionismo, destacando figuras locais, literatura e outros temas diversificados. Entre seus propósitos a nova publicação erige como norma a total independência de opiniões, uma vez que não se liga a grupos de qualquer espécie, mirando apenas o interesse comum. Tem como Diretora Mara Rúbia Marques Rodrigues Miranda e como jornalista responsável Domingos de Abreu Miranda. Pela mostra inicial, contendo temas para todos os gostos, a nova revista veio para ficar. (Endereço: Rua Pernambuco, 3 6 4 - Atiradores - CEP 89201-550 - Joinville).

LIVROS AUTORES LEITORES ETC.

Terminada a 17ª. Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, no dia 6 de maio, tiveram início os costumeiros balanços. O público visitante foi 35% maior que o da anterior e cerca de 400 mil pessoas a visitaram, sem contar as visitas de estudantes. Mais de 60% dos visitantes foram mulheres. Diante desses dados preliminares, acrescidos à venda de quase dois milhões de volumes, a feira bateu todos os recordes até então registrados. É verdade que, em cotejo com a população do país, revela ainda um número diminuto de leitores, concluindo as pesquisas que existe uma minoria que lê muito e uma imensa maioria que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nada lê. A literatura infanto-juvenil mereceu enfoque especial, apostando-se na conquista de novos leitores. O estande da União Brasileira de Escritores (UBE) foi muito freqüentado. Nosso colega Alcides Buss lançou durante a feira seu livro "Contemplação do Amor", antologia de poesia escolhida, alusiva aos seus trinta anos de dedicação à arte poética. Diversas editoras universitárias e oficiais estiveram presentes.

Faleceu no final do mês de março, na cidade de São Bento do Sul, aos 86 anos de idade, o historiador Alexandre Pfeiffer. Autor de diversos livros sobre a história daquele município e da região, era testemunha presencial de largo período da vida da cidade, tendo recebido, há dois anos, o título de "Cidadão Benemérito." Pesquisador paciente e meticuloso, suas obras estão repletas de informações históricas sobre a região e a cidade onde viveu por tantos anos, cercado de numerosos amigos. No 6°. Encontro Estadual de Escritores, realizado naquela cidade no mês de novembro de 2001, o historiador teve ativa participação. Seu falecimento foi muito sentido pela comunidade, pelos escritores e, particularmente, pelos seus colegas historiadores.

O Governo do Estado lançou, no dia 30 de abril, a nova edição do "Concurso Nacional de Contos - Prêmio Cruz e Sousa", reativando assim o concurso literário de maior repercussão no Estado. Pelas informações até agora veiculadas, o número de concorrentes é muito expressivo. Cruz e Sousa, aliás, também está em evidência em Minas Gerais. A UFMG incluiu seu livro "Broquéis" no programa dos próximos vestibulares. "Cruz e Sousa inaugura em 1893 nova escola literária com os livros "Missal" e "Broquéis". Embora respeitado pelos contemporâneos, o reconhecimento e a valoração crítica desse poeta só se realizaram muito depois de sua morte, em 1898. **Cruz e Sousa é considerado um dos maiores poetas da literatura brasileira**" - justificaram os organizadores dos vestibulares da UFMG.

A Câmara Catarinense do Livro promoveu, em Florianópolis, nas dependências do histórico Mercado Público, um Varal da Literatura Catarinense, expondo trechos ampliados das obras de treze autores, entre eles o recentemen-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

te falecido Guido Wilmar Sassi (1922/2002) e o titular desta coluna. O Varal foi muito aplaudido e visitado.

Livros de autores catarinenses continuam a aparecer, na maioria das vezes sob o mais completo silêncio. Registro aqui a novela "A Noite de Todas as Noites", obra que recebeu vários prêmios, de autoria de Walmor Santos, catarinense radicado em Porto Alegre. Texto denso, de grande penetração psicológica, de leitura instigante e agradável. O Autor é também o editor da revista "Blau" e exerce grande atividade nos meios culturais de nosso vizinho do sul. Também merece referência o romance policial "Quando os Mortos Pedem Justiça", de Elói Gonçalves de Azevedo, o conhecido delegado Elói, romanceando o chamado "crime da mulher sem cabeça", ocorrência que tanto repercutiu em nosso Estado. Destaco ainda a segunda edição de "Eu Vivo só Ternuras", de Nelson Hoffmann, grande amigo de Santa Catarina e incansável divulgador de nossas letras. É uma coletânea de pequenas crônicas em que o Autor festeja a felicidade e a alegria de ser avô. Menciono ainda, para concluir, a belíssima revista portuguesa "Palavra em Mutação", editada na cidade do Porto por António Teixeira e Castro e que tem no Brasil, como divulgador e colaborador, o poeta Aricy Curvello, também relacionado com o meio literário catarinense.

O jornalista e escritor **Mário Pereira** lançou o livro "Ao Pé da Letra - Escritores Catarinenses Contemporâneos e Outros Textos", em edição da Garapuvu (Florianópolis). O lançamento, realizado na Assembléia Legislativa, foi bastante concorrido.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R$ 50,00 (anual = 6 números)
-) Renovação assinatura: R$ 40,00 (anual = 6 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R$ 80,00
-) Exemplares avulsos: R$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)
-) Exemplares avulsos: (10) edição bimestral

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **2002** (Tomo 43). Anexo a este cupom a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

☐ Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R$ .....

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Caixa Postal: 425 - Fone: (47) 326-6990 - Cep.: 89015-010
Blumenau (SC) - E-mail: funculbl@terra.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XLIII
Julho/Agosto de 2002 - Nº 07/08

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida *(in memoriam)*

Birô Lindner - Centro de Impressão Digital

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert *(in memoriam)*

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

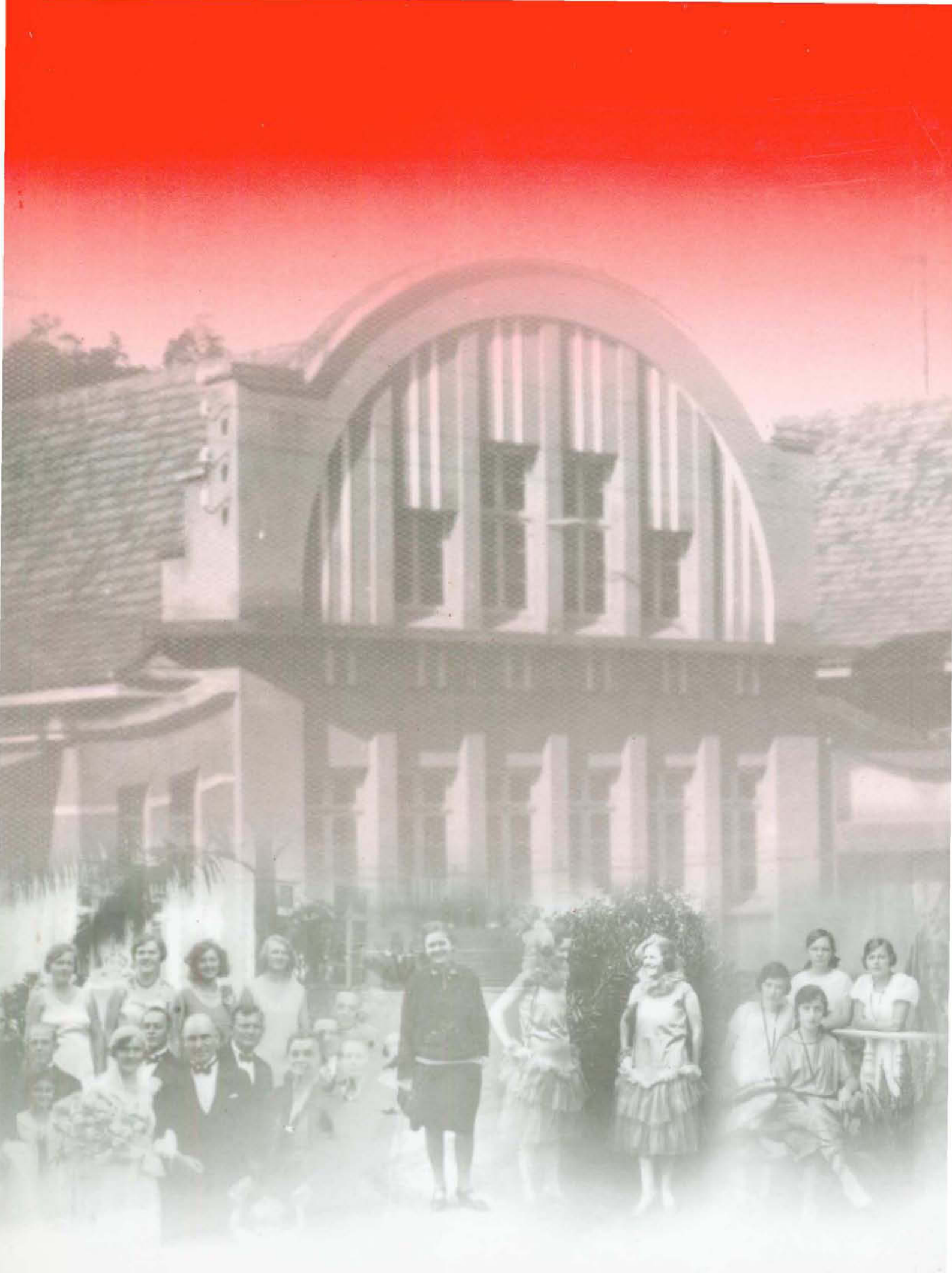
Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLIII Julho/Agosto 2002 NÚMERO 07/08

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense